



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

O LEÃO E A JAULA:

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO RISCO PARA PROFISSIONAIS QUE

TRABALHAM EM PLATAFORMAS DE PETRÓLEO

IGOR DE ALMEIDA RIZZO MARIANO

Vitória, ES

2019

IGOR DE ALMEIDA RIZZO MARIANO

**O LEÃO E A JAULA:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO RISCO PARA PROFISSIONAIS QUE
TRABALHAM EM PLATAFORMAS DE PETRÓLEO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação da Profa. Dra. Sabine Mantuan dos Santos Coutinho.

UFES

Vitória, julho de 2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

M3331 Mariano, Igor de Almeida Rizzo, 1987-
O Leão e a Jaula : Representações Sociais do riso para profissionais que trabalham em plataformas de petróleo / Igor de Almeida Rizzo Mariano. - 2019.
144 f. : il.

Orientadora: Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Psicologia social. 2. Indústria offshore de petróleo. I. Mantuan dos Santos Coutinho, Sabrine. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

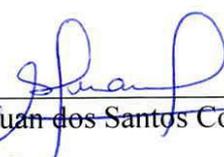
CDU: 159.9



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
EM PSICOLOGIA DO ALUNO IGOR DE ALMEIDA RIZZO MARIANO**

Aos vinte e sete do mês de setembro do ano de dois mil e dezenove, às quatorze horas, na sala 101, do Ed. Prof. Lídio de Souza (PPGP/CCHN/UFES), Campus de Goiabeiras, em Vitória (ES), reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos Professores Dr^a Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho (PPGP/UFES), Dr^a. Priscilla de Oliveira Martins da Silva (PPGP/UFES) e, mediante participação remota, por meio de vídeo conferência, conforme previsto na Portaria Normativa PRPPG/UFES n^o 02, de 28 de junho de 2016, a professora Dr^a. Mayra Silva de Souza (UFF), intitulada: “**Águas profundas**”: **representações sociais do risco para profissionais que trabalham em plataformas de petróleo**, sob a orientação da Prof^a. Dr^a Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho. Realizada a arguição, a defesa foi dada por encerrada às quinze horas e quarenta minutos e os membros da Banca reunidos decidiram pela aprovação da Dissertação do aluno. Por fim, a presidente da sessão alertou que o aluno somente terá direito ao título de Mestre após entrega da versão final de sua dissertação, em papel e meio digital, à Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Nada mais havendo a acrescentar, eu, Prof^a. Dr^a Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho, presidente da Comissão Examinadora, lavrei esta ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da Banca Examinadora e pelo mestrando.



Prof^a. Dr^a. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho (Orientadora/UFES)

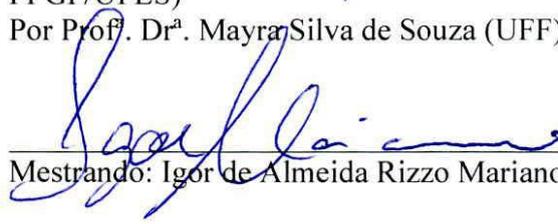


Prof^a. Dr^a. Priscilla de Oliveira Martins da Silva (PPGP/UFES)



Prof^a. Dr^a. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho (Orientadora e Presidente da Comissão-PPGP/UFES)

Por Prof. Dr^a. Mayra Silva de Souza (UFF)



Mestrando: Igor de Almeida Rizzo Mariano

Dedico esse trabalho à Tatiana,
que compreendeu minha ausência,
me apoiou em todas as etapas
e é corresponsável pelo homem que me tornei.

ao Mateus ou à Clara,
que se fez presente por tão pouco tempo,
mas nunca se ausentou do meu coração.

e a João Gabriel,
que com sua presença me fez querer
ser melhor, e que a cada chute
me explicou o risco de um amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me permitir alcançar conquistas que nunca pensei que fossem possíveis.

À minha esposa Tatiana, que me apoiou, estimulou, e foi meu ponto de equilíbrio nos (vários) momentos que pensei em desistir.

À minha orientadora, Prof. Dra. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho, uma pessoa de uma sensibilidade singular que enxergou um potencial em mim, apesar de minhas limitações de disponibilidade, e acreditou no meu trabalho. Obrigado por tudo.

Aos professores do PPGP que contribuíram para minha formação, em especial aos que participaram do exame de qualificação, Priscilla Oliveira Martins da Silva e Agnaldo Garcia; às profas. Mayra Silva Souza e Priscilla O. Martins da Silva que aceitaram participar da banca de defesa e aos profissionais da secretaria.

A Daniel Augusto Harres, por acreditar no meu potencial, me estimular a ser melhor, não me conformar com o bom (quando podemos ser ótimos) e servir de inspiração de como ser um líder.

A Benedito de Assis Deodoro, por estar sempre disponível e generosamente contribuir com seu conhecimento e experiência.

Aos colegas Marcelo José e Rodrigo Paiva que nas inúmeras conversas de café, me ajudaram com sua visão, conhecimento e experiência na psicologia.

Aos colegas da gestão de SMS que estiveram ao meu lado segurando muitas “barras” ao longo dessa jornada.

A Thiago Moulin Tófano, por me ajudar a compreender, formar e organizar minhas idéias.

A todos os entrevistados, que gentilmente se dispuseram a participar da pesquisa e enriqueceram o conteúdo desse trabalho com suas vivências, medos e histórias. Vocês representam milhares de profissionais embarcados, os quais eu tentei, ainda que de forma tímida, contribuir para que voltem do seu embarque sempre em segurança.

Veni, Vidi, Vici!

O mundo não é, o mundo está sendo.

Paulo Freire

Importante não é ver o que ninguém nunca viu, mas sim pensar o que ninguém nunca pensou sobre algo que todo mundo vê.

Arthur Schopenhauer

Mariano, I. A. R. (2019). *O leão e a jaula: representações sociais do risco para profissionais que trabalham em plataformas de petróleo*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 144 pp.

RESUMO

A exploração de petróleo em alto mar demandou às empresas profissionais dispostos a se exporem aos riscos inerentes à atividade offshore. A questão do risco em atividades perigosas sempre foi tratada nas empresas com a objetividade da engenharia. A proposta desse estudo é oferecer uma discussão sobre o “risco no trabalho offshore” a partir de uma perspectiva psicossocial, utilizando a Teoria das Representações Sociais (TRS) como base teórico-conceitual. Participaram da pesquisa 12 profissionais que trabalham em regime de embarque em plataformas de petróleo de uma mesma empresa, sendo uma plataforma do tipo Semissubmersível e 4 plataformas do tipo FPSO, englobando ambos os sexos, diferentes funções de trabalho e tempo de experiência profissional variado. O procedimento metodológico para abordagem dos participantes foi por meio da técnica do snowball (“bola de neve”) onde foi solicitado a pessoas da rede de relacionamento do pesquisador que conhecessem trabalhadores com o perfil adequado à pesquisa que indicassem possíveis entrevistados, repetindo essa técnica com indicações dos próprios entrevistados. Na etapa de coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semiestruturada, abordando questões sociodemográficas, além de questões que possibilitaram o acesso a elementos das representações sociais do risco no trabalho offshore. Os dados textuais das entrevistas foram submetidos a um tratamento computacional a partir do software IRAMUTEQ, e analisados a partir da Análise Lexical, Análise de Especificidades e Classificação Hierárquica Descendente (CHD), essa última resultando em 4 classes de discurso. Os resultados finais evidenciaram que na representação social de risco para os profissionais offshore aparecem elementos que podem ser associados ao universo reificado (orientações técnicas sobre os riscos a que estão expostos e sobre regras procedimentais), bem como elementos pertencentes ao universo consensual e prático – os “medos” (como da viagem

de helicóptero para a plataforma), os acidentes. Os dados permitem concluir que há uma singular apropriação do universo reificado por parte do público profissional, onde há um menor distanciamento desse universo para o consensual, além de evidenciar a metáfora do leão e da jaula como objetivação do risco para esses trabalhadores.

Palavras-chave: risco, trabalho *offshore*, representação social, segurança operacional

Mariano, I. A. R. (2019). *The lion and the cage: social representations of risk for professionals working on oil platforms*. Master's Dissertation. Graduate Program in Psychology, Center for Human and Natural Sciences, Federal University of Espírito Santo, 144 pp.

ABSTRACT

Offshore oil exploration has required professional companies willing to expose themselves to the risks inherent in offshore activity. The issue of risk in hazardous activities has always been addressed in companies with the objectivity of engineering. The purpose of this study is to offer a discussion about “risk in offshore work” from a psychosocial perspective, using the Social Representation Theory (SRT) as a theoretical and conceptual basis. The survey included 12 professionals working on boarding on oil rigs of the same company, being a semisubmersible platform and 4 FPSO platforms, encompassing both sexes, different job functions and time of varied professional experience. The methodological procedure for approaching the participants was through the snowball technique (“snowball”), where people from the researcher's relationship network were asked to know workers with the appropriate research profile to indicate possible interviewees, repeating this technique with indications of the interviewees themselves. In the data collection stage, a semi-structured interview was used, addressing sociodemographic questions, as well as questions that allowed access to elements of social representations of risk in offshore work. The textual data of the interviews were submitted to a computational treatment using the IRAMUTEQ software, and analyzed using the Lexical Analysis, Specificity Analysis and Descending Hierarchical Classification (CHD), the latter resulting in 4 speech classes. The final results showed that in the social representation of risk for offshore professionals there are elements that can be associated with the reified universe (technical guidelines on the risks to which they are exposed and on procedural rules), as well as elements belonging to the consensual and practical universe - the “Fears” (such as helicopter trip to the platform), accidents. The data allow us to conclude that there is a singular

appropriation of the reified universe by the professional public, where there is a smaller distance from this universe to the consensual one, besides highlighting the metaphor of the lion and the cage as objectification of risk for these workers.

Keywords: risk, offshore work, social representation, operational safety

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	8
ABSTRACT	10
LISTA DE TABELAS	14
LISTA DE FIGURAS	15
APRESENTAÇÃO	
1. INTRODUÇÃO	20
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	24
2.1. A realidade do trabalho <i>offshore</i>	24
2.1.1. Tipos de Plataformas de produção de petróleo	29
2.2. Perigo, risco e o contexto <i>offshore</i>	37
2.3. A perspectiva psicossocial do risco no trabalho <i>offshore</i>	44
2.4. A Teoria das Representações Sociais	47
3. OBJETIVOS	56
3.1. Objetivo geral	56
3.2. Objetivos específicos	56
4. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	57
4.1. Participantes	57
4.2. Instrumentos	58
4.3. Procedimentos de coleta de dados	59
4.4. O contexto das entrevistas	61
4.5. Organização e análise de dados	68

5. RESULTADOS	73
5.1. Classificação Hierárquica Descendente	73
5.2. Análise do Plano Fatorial	91
5.3. Análise de Especificidades	92
6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	95
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
8. REFERÊNCIAS	130
9. APÊNDICES	139
9.1 Apêndice A – Roteiro de Entrevista	139
9.2 Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	142

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização dos entrevistados	58
Tabela 2 - Formas significativas da classe 4	75
Tabela 3 - Formas associadas da classe 4	76
Tabela 4 - Formas significativas da classe 3	79
Tabela 5 - Formas associadas da classe 3	80
Tabela 6 - Formas significativas da classe 2	83
Tabela 7 - Formas associadas da classe 2	84
Tabela 8 - Formas significativas da classe 1	87
Tabela 9 - Formas associadas da classe 1	88

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo de Performance em SMS.....	22
Figura 2 - Plataforma do tipo fixa	30
Figura 3 - Plataforma do tipo Autoelevável	31
Figura 4 - Plataforma do tipo Semissubmersível	32
Figura 5 - Plataforma do tipo FPSO	33
Figura 6 - Plataforma do tipo Monocoluna	34
Figura 7 - Plataforma do tipo TLWP	35
Figura 8 - Plataforma do tipo Navio-sonda	36
Figura 9 - Pirâmide de Heinrich	40
Figura 10 - Pirâmide de Bird	41
Figura 11 - Pirâmide Dupont	42
Figura 12 - Cabine de treinamento – HUET	64
Figura 13 - Momento de escape no treinamento HUET com supervisão de mergulhador	66
Figura 14 - Dendograma do <i>corpus</i> Entrevista	74
Figura 15 - Apresentação gráfica das classes em nuvem de palavras no plano fatorial	92
Figura 16 - Análise de Especificidades – Escolaridade Técnica	93
Figura 17 - Análise de Especificidades – Escolaridade Superior	94

Figura 18 - Análise de Especificidades – Idade: até 34 anos	94
Figura 19 - Análise de Especificidades – Idade: 35 anos ou mais	95
Figura 20 - Resumo dos elementos da Classe 4	98
Figura 21 - Resumo dos elementos da Classe 3	105
Figura 22 - Resumo dos elementos da Classe 2	113
Figura 23 - Resumo dos elementos da Classe 1	118
Figura 24 - Plano Fatorial – Plataformas	122

APRESENTAÇÃO

O universo do trabalho nas plataformas de petróleo parece, num primeiro momento, o emprego ideal quando se leva em consideração a remuneração e o período de folga prolongado. À medida que se aprofunda o conhecimento sobre essa realidade é possível perceber as dificuldades e efeitos de permanecer confinado numa plataforma de petróleo e distante dos familiares e amigos por, pelo menos, 14 dias. Paralelamente a isso, soma-se a questão do risco, inerente à atividade. O interesse pelo universo *offshore*¹ aumenta quando se discute o tema em cidades próximas às unidades de operação de empresas petrolíferas. Isso porque, nesses locais, é relativamente fácil encontrar pessoas que trabalham ou que conhecem alguém que trabalha nessa atividade, muitas vezes, pessoas bem próximas, como familiares.

No caso dessa pesquisa, um profissional de comunicação que se aventura em um universo mais técnico indaga a si mesmo o que significa o risco para aqueles que estão expostos a ele pela natureza do seu trabalho, e como lidam com esse fator. Numa reflexão sobre o trabalho *offshore*, percebe-se que esse risco está presente não apenas na atividade profissional, mas em tudo que a cerca, como em qualquer momento de descanso na plataforma - simplesmente pelo fato de estar numa plataforma de petróleo - e até mesmo no transporte aéreo, necessário para chegar ao local de trabalho. Qual seria, portanto, a compreensão sobre risco e a influência do mesmo na vida desses profissionais?

A pertinência de se investigar o tema do risco para os trabalhadores *offshore* sob o prisma psicossocial pode ser evidenciada pela importância com a qual os fatores humanos² vêm sendo

¹ **Offshore:** trabalho em plataformas em alto mar

² **Fatores Humanos** é um conceito que relaciona fatores ambientais, organizacionais, profissionais e características humanas e individuais, que influenciam o comportamento no local de trabalho, podendo afetar a segurança. (<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=265084> Recuperado em 10 de junho de, 2018)

tratados nas discussões da indústria de óleo e gás representadas pela IOGP³. Chama a atenção o fato de que diversos estudos da área de Segurança, Meio Ambiente e Saúde, como por exemplo o trabalho de Harres, Mariano, Sant'anna, Deodoro, Fonseca Júnior, Ferreira e Faria (2018) publicado na *Offshore Technology Conference (OTC)*⁴, convergirem na direção de que para alcançar um patamar mais elevado nos resultados em segurança operacional é necessário não se limitar apenas às questões técnicas que envolvem um acidente, mas compreender os fatores humanos envolvidos na ocorrência, admitindo que há sempre a complexidade humana como variável determinante em um evento não desejado.

Convém destacar que, mesmo alguém cuja formação acadêmica conduziu principalmente a trabalhar a forma e o conteúdo de matérias e peças de comunicação é capaz, ao ingressar no universo do trabalho no campo do petróleo e gás, de perceber de imediato o quanto é imprescindível uma gestão comprometida com a integridade das pessoas nos mais diversos setores da empresa. Nesse contexto, deu-se a descoberta de que para preservar a integridade de milhares de trabalhadores há toda uma estrutura de acompanhamento e controle de indicadores, auditorias e diversas outras ferramentas que objetivam, em última análise, evitar que acidentes ocorram. Percebe-se, sobretudo, que segurança é um assunto que tem de ser de interesse de todos e, da mesma forma, deve contar com a colaboração de profissionais de diferentes disciplinas.

Parece fazer sentido, portanto, um profissional de comunicação aventurar-se, com o suporte de uma perspectiva psicossociológica, em um universo essencialmente técnico para

³ **International Association of Oil & Gas Producers** – é o principal fórum das empresas produtoras de óleo e gás onde se identificam e compartilham conhecimentos e boas práticas para alcançar melhorias em saúde, segurança, meio ambiente, segurança e responsabilidade social. (<https://www.iogp.org/about-us/> Recuperado em 10 de junho de, 2018)

⁴ **OTC** - A *Offshore Technology Conference* é a maior feira do setor de petróleo e gás do mundo. (https://en.wikipedia.org/wiki/Offshore_Technology_Conference)

tentar oferecer alguma contribuição no sentido de desvelar processos envolvidos na questão do entendimento sobre risco e, em contrapartida, segurança. Fazendo paralelo ao modelo de desempenho de segurança da “Curva de Bradley”⁵, entende-se que essa pesquisa pode, de forma indireta, trazer algum tipo de contribuição aos conhecimentos que favorecem o amadurecimento da cultura de segurança na indústria *offshore*, assim como uma pista para percorrer e alcançar o estágio – ideal – de interdependência⁶.

⁵ A **Curva de Bradley**, desenvolvida pela empresa DuPont, é uma metodologia que relaciona as mudanças de atitude e ação que devem ocorrer ao longo do tempo para desenvolvimento de uma cultura de segurança madura, que conta com 4 estágios: Reativo, Dependente, Independente e Interdependente, sendo o primeiro o menos desenvolvido e o último o mais desenvolvido. (<https://www.training.dupont.com.br/servicos/curva-de-bradley-da-dupont> Recuperado em 28 de junho de 2018)

⁶ No **Estágio Interdependente** as equipes de funcionários sentem-se donos da segurança e assumem responsabilidades para si mesmos e outros. As pessoas conversam ativamente com outros para entender seu ponto de vista. Elas acreditam que o verdadeiro aprimoramento só pode ser alcançado como grupo e que a ausência de lesões é uma meta viável. As pessoas sabem que podem agir conforme necessário para trabalhar com segurança. A organização como um todo obtém benefícios comerciais significativos que se refletem em mais qualidade, maior produtividade e lucros mais elevados. (<https://www.training.dupont.com.br/servicos/curva-de-bradley-da-dupont> Recuperado em 28 de junho de 2018)

1. Introdução

Para muitas pessoas, a realidade e os riscos do trabalho em plataformas em alto mar – conhecido como *offshore* (Pessanha, 1994; Penna, 2002) – somente vem à tona junto com o noticiário de acidentes graves. Nos últimos anos, destacam-se alguns mais marcantes, como o caso da explosão e naufrágio da plataforma P-36, em março de 2001, na bacia de Campos, que deixou onze mortos (Harres et al., 2018), ou ainda o acidente com a sonda de perfuração *Deepwater Horizon*, em abril de 2010, no golfo do México, que também deixou onze trabalhadores mortos, além de causar um desastre ambiental naquela região⁷. Esse último caso, inclusive, recentemente tornou-se roteiro de filme em Hollywood. Talvez ainda mais marcado no imaginário de muitos profissionais, até mesmo por ser recente, está o acidente do FPSO Cidade de São Mateus⁸, ocorrido em fevereiro de 2015 na costa do estado do Espírito Santo e que deixou 9 mortos e 26 feridos. Considerar essas e outras ocorrências nos ajuda a compreender que a rotina dos trabalhadores que desempenham suas funções confinados numa plataforma é marcada diariamente por desafios, que envolvem riscos inerentes à atividade *offshore*.

A redução dos acidentes é, atualmente, um dos principais objetivos da indústria petrolífera por se tratar de um elemento econômico relevante ao se levar em consideração os custos relativos às indenizações, reputação e imagem empresarial. Por isso, os investimentos

⁷ (<https://www.gep-se.com/single-post/2016/08/21/O-ACIDENTE-E-AS-LI%C3%87%C3%95ES-APRENDIDAS-NO-CASO-DA-DEEPWATER-HORIZON> Recuperado em 10 de abril de 2019)

⁸ O acidente ocorrido em 11 de fevereiro de 2015 foi resultado de uma sucessão de erros, que causou uma explosão na casa de bombas do navio-plataforma Cidade de São Mateus, da norueguesa BW Offshore e afretado à Petrobras. É considerado o pior acidente da história do Espírito Santo no setor de petróleo e gás e um dos mais graves do país O FPSO estava posicionado a cerca de 40 quilômetros da costa do Espírito Santo, na altura da cidade de Aracruz, na região Norte do estado. Segundo a ANP, 74 pessoas estavam embarcadas. (<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2015/06/relatorio-interno-da-petrobras-revela-causas-de-explosao-em-navio-no-es.html> Recuperado em 10 de abril de 2019)

em segurança tendem a ser reforçados no intuito de prevenir tais eventos (Chamon & Moraes, 2011). Apenas a título de exemplo, a Petrobras, empresa estatal de economia mista, de grande relevância nas áreas de exploração, produção, refino, comercialização e transporte de petróleo, gás natural e seus derivados, adotou, pela primeira vez, em seu plano de negócios e gestão do quadriênio 2017-2021 como uma das metas um indicador de segurança, com o objetivo de reduzir a taxa de acidentes⁹.

O que se percebe de maneira mais frequente é que o risco nesse tipo de indústria é tratado pelo olhar da engenharia, sugerindo uma visão mais pragmática da situação. Os fatos que geraram os acidentes são analisados profundamente e, em seguida, é estabelecido um plano de ação. É considerado também a quantidade de acidentes divididos por gravidade para mapeamento de áreas ou épocas mais sujeitas a ocorrências. Tudo isso sempre com uma visão de causa e efeito, o que, de fato, é fundamental para a manutenção da segurança nas indústrias e para a prevenção de futuros eventos similares.

Uma outra abordagem mais recente – com base teórica da psicologia – e que vem sendo frequentemente utilizada pelas empresas é a abordagem comportamental do trabalhador na indústria, também conhecido como *Behavior-Based Safety* - BBS (Daniels, 2015). Essa perspectiva teve origem nos estudos de Heinrich, na década de 1930, o qual reportou que 90% de todos os acidentes são originados dos chamados “atos inseguros” ou “erros humanos” (Harres, 2015). Em resumo, tal abordagem é a aplicação dos fundamentos científicos behavioristas da análise de comportamento nas questões de segurança operacional no local de trabalho. Todos os funcionários são envolvidos nas iniciativas, desde os que trabalham na linha

⁹ <http://www.petrobras.com.br/fatos-e-dados/plano-estrategico-da-petrobras-tem-metricas-para-aumentar-seguranca-e-baixar-alavancagem.htm> (Recuperado em 15 de abril, 2018)

de frente até a alta gestão da empresa, e envolvem equipamentos, sistemas de gerenciamento, processos de trabalho e gerenciamento e comportamentos dos funcionários (Daniels, 2015). Há também uma abordagem mais moderna de BBS que se baseia em diversos estudos e artigos publicados que demonstraram os efeitos positivos do *feedback* e do reforço positivo para os resultados de segurança nas empresas, tudo isso contribui para desenvolver uma cultura de segurança madura, que está relacionada a níveis mais elevados de desempenho em SMS, conforme representado na Figura 1 (Harres, 2015; Harres, et al., 2018).



Figura 1 – Modelo de Performance em SMS

Fonte: Adaptação de Harres et al., 2018

Percebe-se que existem críticas em relação a abordagem comportamental. Contudo, não há pretensão nesse trabalho de aprofundar esse debate. Ao contrário, o intuito é enriquecer as possibilidades de estudo, subsidiando a discussão do risco no trabalho *offshore* com base em um ponto de vista psicossociológico. Esse prisma de estudo propõe-se a compreender o risco como um elemento integrante da subjetividade dos trabalhadores, ao mesmo tempo que propõe considerar as experiências pessoais de cada indivíduo para formar a sua representação do risco nas plataformas de petróleo (Salvagni, 2014). Acredita-se, com isso, oferecer uma ampliação do conhecimento sobre esse objeto de pesquisa, tendo em vista que se trata de uma abordagem ainda pouco explorada. Para tanto, toma-se como referencial teórico a Teoria das

Representações Sociais (TRS) concebida por Serge Moscovici, em 1961, que põe foco no conhecimento gerado e partilhado nas práticas comuns cotidianas, ou seja, no saber socialmente construído.

Por fim, há ainda outras abordagens dentro da psicologia que não são o foco da presente pesquisa, mas que possuem aspectos que contribuem para a percepção do risco. Vale registrar como um dos exemplos, a Psicodinâmica do Trabalho, proposta por Dejours (1988), que se preocupa com o sofrimento emocional decorrente dos aspectos relacionados ao ambiente de trabalho. Essa abordagem tem por objetivo a compreensão do trabalho considerando o aspecto coletivo, e não apenas o trabalhador de forma individualizada. Na revisão de literatura sobre trabalho *offshore* observou-se um número significativo de trabalhos com foco da psicodinâmica, o que pode contribuir para estudos futuros que pretendam se utilizar de diversas abordagens, incluindo a psicossocial. Esse fato pode estar relacionado a amplitude da obra de Dejours em relação aos diversos aspectos do trabalho que influenciam o ser humano, como por exemplo, a organização do trabalho, a ergonomia, os sofrimentos, e o medo. Esse último chama a atenção por abordar ponto fundamental relacionado a essa pesquisa. Dejours (1988) pondera que “o medo está presente em todos os tipos de ocupações profissionais, inclusive nas tarefas repetitivas e nos trabalhos de escritório, onde parece ocupar um papel modesto” (p.63). Esse medo é oriundo, dentre outros fatores, do risco, que está relacionado mais diretamente à determinadas categorias profissionais as quais tem exposta sua integridade física, como por exemplo os trabalhadores da construção civil, da pesca em alto-mar, das indústrias, entre outros (Dejours, 1988). Tais pontos debatidos por Dejours servirão de valoroso apoio durante a presente pesquisa, apesar de não ser a base teórica principal que sustentará essa análise.

2. Contextualização

2.1 A realidade do trabalho *offshore*

Para quem está acostumado à rotina de trabalho em regime administrativo, com as folgas durante o final de semana, compreender a realidade de trabalho do profissional embarcado pode ser uma tarefa complicada. Pode ser difícil imaginar permanecer confinado em uma plataforma à quilômetros da terra firme como rotina. Num primeiro momento, muitos que estão neste ramo são atraídos pela remuneração, que tende a ser maior por conta do regime de confinamento, periculosidade, trabalho noturno, entre outros adicionais, além do período de folga de, no mínimo, 14 dias, também destacado como grande atrativo para o exercício da função (Silva Junior & Ferreira, 2007).

Por outro lado, Carvalho (2010) ressalta que o trabalho executado nas plataformas, longe do convívio social – especialmente da família – pode causar impactos significativos na vida desses trabalhadores. Coutinho, Menandro e Moreira (2019) destacam que, entre as desvantagens desse regime de trabalho apontadas pelos próprios profissionais embarcados estão “(...) os aspectos relacionados ao confinamento, à distância da família e das atividades sociais, e à impossibilidade de recuperar os momentos ‘perdidos’” (p. 53). Além disso, soma-se a esses fatores a existência de diversas fontes de perigo inerentes a atividade *offshore*, tema que será melhor abordado no próximo capítulo.

Dentre as possíveis definições de confinamento, destaca-se do dicionário *online* Michaelis¹⁰ as seguintes: 1) Ato ou efeito de isolar (-se) em determinado lugar; estado de confinado; 2) Isolamento dentro de um aposento ou lugar fechado, por punição ou outro motivo, ou em uma cama, por doença; 3) Isolamento em prisão. (Jurídico); 4) Ação de restringir o movimento de um sistema

¹⁰ <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=risco>. (Recuperado em 10 de março de 2018)

físico a uma região do espaço. (Física). Trazendo essas definições para a realidade do trabalho *offshore*, é possível ainda inferir novos significados. Em alto-mar, longe do convívio social e familiar, ao longo de vários dias, e com turnos de trabalhos mais longos, esses profissionais ficam, inevitavelmente, expostos ao surgimento de problemas físicos, psicológicos e sociais. (Pucci, Barreto & Maranhão, 2016). De acordo com Pucci, Barreto e Maranhão (2016), “quando confinado, o ser humano desenvolve características distintas de sua personalidade, fazendo com que o mesmo tenha uma visão e um sentimento do mundo ao seu redor transformado, trazendo consigo uma piora na qualidade de vida.” (p.116).

Pode-se enumerar vários aspectos positivos e negativos do trabalho em regime de confinamento para os trabalhadores de maneira objetiva com base na literatura, mas isso não substitui a importância de ouvir do próprio trabalhador o significado que isso tem em sua vida. Destaca-se o trecho narrativo abaixo, extraído de uma dissertação de Mestrado (Martins, 2006), no qual um trabalhador *offshore* aborda os instantes pré-embarque:

Durante o tempo aguardando no saguão do aeroporto o trabalhador revê os companheiros, telefona para casa, come um sanduíche, passa o tempo [...] segue o comissário até o helicóptero [...] recebe o colete inflável, ajusta-o na cintura e assiste ao *briefing* de segurança do copiloto. Entra no helicóptero, instala o cinto de segurança e os protetores auriculares. O helicóptero é ligado, aquecido e parte para seu destino, deixando no sobrevôo a última imagem de terra nos próximos 14 dias. Ao chegar na unidade de destino, retiram o colete inflável e o protetor auricular externo, desatam o cinto de segurança e descem no heliponto. Recebem suas bagagens das mãos do recepcionista e cruzam rapidamente por seus colegas, aos quais estão substituindo, saudando-se por gestos ou conversas apressadas ao pé

do ouvido, face ao ruído das turbinas do helicóptero. Guiados pelo enfermeiro ou técnico de segurança, adentram o casario da unidade e assistem ao *briefing* de segurança obrigatório. Recebem toalhas e sabonetes e se dirigem a seus camarotes para deixar bagagens e trocar de roupa. Iniciam um período de embarque com duração de 14 dias.
(p.90)

Durante o período de trabalho nas plataformas, os profissionais se revezam em turnos de 12 horas de trabalho, podendo chegar a um período maior caso seja necessário terminar alguma tarefa, utilizando horas extras. De qualquer maneira, o ambiente de uma plataforma exige prontidão durante todo o tempo, mesmo nas horas de descanso (Freitas et al., 2001). Soma-se a isso a existência de um verdadeiro “caldeirão cultural”, pois os trabalhadores *offshore* têm a possibilidade de residir em qualquer cidade do Brasil ou até do exterior (Leite, 2009).

Segundo Silva (2007), os profissionais, nas plataformas, são acomodados em camarotes tipo suíte ou com banheiro coletivo. São entre 4 e 6 pessoas por acomodação, com camas tipo beliche. As instalações possuem refeitório próprio, que funciona 24 horas por dia, para atender todos os turnos de trabalho. Em geral, as plataformas possuem sala de cinema ou TV, sala de jogos, e academia. Algumas outras ainda contam com quadra de esportes e piscina. A parte voltada ao lazer dos empregados pode ser livremente utilizada no período de descanso.

A alimentação é farta e abundante, tanto que em épocas anteriores, os profissionais costumavam apresentar ganho de peso por abusar de doces, refrigerantes e comidas gordurosas, como feijoada e churrasco, o que era entendido como uma forma de compensar o *stress* causado pelo confinamento¹¹.

¹¹<http://noticias.r7.com/economia/noticias/conheca-a-rotina-dos-trabalhadores-em-plataforma-de-petroleo-20100815.html>. Recuperado em 16 de fevereiro, 2018.

De tempos em tempos, os trabalhadores participam de treinamentos a bordo, simulando as mais variadas situações de emergência, tais como: incêndio, abandono da unidade, derramamento de óleo, explosão, queda de homem ao mar, entre outras. O aviso de situações de emergência é soado por um alarme sonoro intermitente – que pode significar qualquer emergência – ou contínuo – que significa que todos devem abandonar a plataforma. Os empregados são condicionados de tal forma a esse permanente estado de alerta e ao barulho do alarme que são comuns os casos de profissionais que enfrentam situações de stress ao acordar em casa com o barulho do relógio, buzina de carro ou algo parecido, “(...) levantando-se sobressaltado, acreditando que se encontra em uma plataforma em emergência” (Silva, 2007, p.30).

Além disso, há a questão da convivência “forçada” durante todo o tempo em que estão embarcados, uma vez que não há separação, por exemplo, entre o local do trabalho e de descanso ou lazer (Leite, 2009).

Na plataforma, a vida é compartilhada vinte e quatro horas por dia durante os catorze dias, o que faz com que não se tenha, em nenhum momento, a percepção de privacidade. Demarcações meramente formais entre público (trabalho) e privado (descanso) são representadas por vestuário mais leve e descontraído após a jornada, em substituição ao uniforme laranja, conversa informal, jogos, TV, leitura de jornais, etc. ou mesmo o sono. Entretanto, todos mostram em verdade pouca efetividade, pois se parte dos trabalhadores descansam, os demais continuam trabalhando e mantendo contato com os que estão de folga, além de todas as condições do trabalho

confinado aos quais todos estão submetidos (Leite, 2009, p.2183).

Ao descrever as características do trabalho em plataformas tornam-se evidentes o quão perigosas e complexas são as atividades nesses locais: “O trabalho em unidades de processo como as plataformas de petróleo pode ser compreendido por quatro aspectos que se inter-relacionam e o caracterizam. Ele é simultaneamente contínuo, complexo, coletivo e perigoso” (Ferreira & Iguti, 1996, citado por Freitas et al., 2001, p.119). Contínuo, pois a produção jamais para, a não ser em casos extremos, como paradas de manutenção da plataforma, mas de forma geral as equipes se revezam para dar continuidade permanente à produção; complexo, devido à grande rede tecnológica que interliga a todos os sistemas que viabilizam a produção e o funcionamento da própria plataforma, sujeito a ocorrências catastróficas como os acidentes de processo, o qual é desencadeado por um efeito dominó; coletivo pois o trabalho só acontece por meio dos revezamentos de equipes multidisciplinares, já que as atividades estão intrinsecamente interligadas; e perigoso pela própria natureza inflamável do petróleo, pela condição em que é extraído: sob alta pressão e em grande profundidade, e todos os compostos químicos e equipamentos que são necessário para viabilizar essa extração (Sevá Filho, 2000, citado por Freitas et al., 2001).

Essa última característica em particular é ainda mais evidente quando olhamos um histórico dos últimos 40 anos e encontramos ocorrências trágicas em plataformas, como o acidente de Enchova, em 1984 (Bacia de Campos), que foi responsável pelo óbito de 37 pessoas, ou o acidente com a plataforma Cidade de São Mateus (Bacia do Espírito Santo), onde faleceram 09 profissionais, ou ainda o acidente com a sonda de perfuração *Deepwater Horizon*, em 2010 (Golfo do México), que matou 11 pessoas. Esse último caso, como já mencionado, serviu de inspiração para um filme dos estúdios de Hollywood¹².

¹² *Deepwater Horizon* (no Brasil, **Horizonte Profundo: Desastre no Golfo**) é um filme americano de drama produzido em 2016 e baseado na explosão da sonda petrolífera do tipo semissubmersível de mesmo nome, que operava para a

2.1.1. Tipos de Plataformas de produção de petróleo

De acordo com informações obtidas nos sites da Petrobras¹³ e Infoescola¹⁴, as plataformas de petróleo são formadas por uma grande estrutura, que suporta os profissionais. Dentro de uma plataforma é possível contar com diversos tipos de profissionais, como por exemplos profissionais das áreas de hotelaria, saúde, engenharia, técnica, segurança do trabalho, química, mergulho, entre outros. Existem variados tipos de plataformas, que são utilizadas de acordo com a suas características em relação as particularidades de cada campo de petróleo. Assim, cada situação demanda um tipo de plataforma. Os principais tipos de plataforma são: fixa, autoelevável, semissubmersível, FPSO¹⁵, FPSO monocoluna, TLWP¹⁶ e navio sonda. A título ilustrativo, os tipos são apresentados a seguir.

- **Fixa**



empresa British Petroleum (BP). O filme é estrelado pelos atores Mark Wahlberg, Kurt Russell, John Malkovich e Kate Hudson. A produção recebeu duas indicações ao Oscar (Melhor Edição de Som e Melhores Efeitos Visuais).

¹³ <http://www.petrobras.com.br/infograficos/tipos-de-plataformas/desktop/index.html> Recuperado em 10 de abril de 2019

¹⁴ <https://www.infoescola.com/economia/plataformas-de-petroleo/> Recuperado em 10 de abril de 2019

¹⁵ FPSO – Sigla em inglês que significa: unidade flutuante de produção, armazenamento, e transferência de petróleo.

¹⁶ TLWP – Sigla em inglês que significa: Plataforma de Pernas Tensionadas.

<p style="text-align: center;">LÂMINA D'ÁGUA (PROFUNDIDADE NO LOCAL DA INSTALAÇÃO/OPERAÇÃO)</p>	<p style="text-align: center;">FIXA Até 300 metros.</p>
<p style="text-align: center;">COMO É</p>	<p>Funciona como uma estrutura rígida, fixada no fundo do mar por um sistema de estacas cravadas.</p>
<p style="text-align: center;">VANTAGEM</p>	<p>A instalação é mais simples e permite que o controle dos poços seja feito na superfície.</p>

Figura 2 – Plataforma do tipo fixa

Fonte: Adaptação de <http://www.petrobras.com.br/infograficos/tipos-de-plataformas/desktop/index.html>

- Autoelevável



<p>LÂMINA D'ÁGUA (PROFUNDIDADE NO LOCAL DA INSTALAÇÃO/OPERAÇÃO)</p>	<p>AUTOELEVÁVEL Até 150 metros.</p>
<p>COMO É</p>	<p>Tem pernas que se autoelevam. Ao chegar à locação, um mecanismo faz as pernas descenderem e serem assentadas no solo marinho.</p>
<p>VANTAGEM</p>	<p>A facilidade para mudar de locação e o comportamento de estrutura fixa, que permite que o controle dos poços seja feito na superfície.</p>

Figura 3 – Plataforma do tipo Autoelevável

Fonte: Adaptação de <http://www.petrobras.com.br/infograficos/tipos-de-plataformas/desktop/index.html>

- Semissubmersível



<p>LÂMINA D'ÁGUA (PROFUNDIDADE NO LOCAL DA INSTALAÇÃO/OPERAÇÃO)</p>	<p>SEMISSUBMERSÍVEL</p> <p>Mais de 2.000 metros (pode ser instalada em grandes profundidades graças aos sistemas de ancoragem modernos)</p>
<p>COMO É</p>	<p>Plataforma flutuante, estabilizada por colunas. Pode ser ancorada no solo marinho ou dotada de sistema de posicionamento dinâmico, que mantém a posição da plataforma de forma automática</p>
<p>VANTAGEM</p>	<p>Especialmente projetada para ter pouco movimento</p>

Figura 4 – Plataforma do tipo Semissubmersível

Fonte: Adaptação de <http://www.petrobras.com.br/infograficos/tipos-de-plataformas/desktop/index.html>

- FPSO



<p style="text-align: center;">LÂMINA D'ÁGUA (PROFUNDIDADE NO LOCAL DA INSTALAÇÃO/OPERAÇÃO)</p>	<p style="text-align: center;">FPSO</p> <p>Mais de 2.000 metros (pode ser instalada em grandes profundidades graças aos sistemas de ancoragem modernos)</p>
<p style="text-align: center;">COMO É</p>	<p>Plataforma flutuante, convertida a partir de navios petroleiros, na maioria dos casos. Assim como a semissubmersível, é ancorada no solo marinho.</p>
<p style="text-align: center;">VANTAGEM</p>	<p>A capacidade de armazenamento permite que opere a grandes distâncias da costa, onde a construção de oleodutos é inviável.</p>

Figura 5 – Plataforma do tipo FPSO

Fonte: Adaptação de <http://www.petrobras.com.br/infograficos/tipos-de-plataformas/desktop/index.html>

- **FPSO Monocoluna**



<p>LÂMINA D'ÁGUA (PROFUNDIDADE NO LOCAL DA INSTALAÇÃO/OPERAÇÃO)</p>	<p>MONOCOLUNA</p> <p>Mais de 2.000 metros</p>
<p>COMO É</p>	<p>Tem as mesmas características da FPSO, mas seu casco tem formato cilíndrico.</p>
<p>VANTAGEM</p>	<p>Movimentos menores do que os FPSOs tipo Navio.</p>

Figura 6 – Plataforma do tipo Monocoluna

Fonte: Adaptação de <http://www.petrobras.com.br/infograficos/tipos-de-plataformas/desktop/index.html>

- TLWP



<p style="text-align: center;">LÂMINA D'ÁGUA (PROFUNDIDADE NO LOCAL DA INSTALAÇÃO/OPERAÇÃO)</p>	<p style="text-align: center;">TLWP (plataforma de pernas atirantadas)</p> <p>Até 1.500 metros</p>
<p style="text-align: center;">COMO É</p>	<p>Plataforma flutuante, de casco semelhante a uma semissubmersível. É ancorada no fundo do mar por cabos ou tendões de aço tracionados</p>
<p style="text-align: center;">VANTAGEM</p>	<p>Possui sistema de ancoragem rígido e movimentos reduzidos, o que permite que o controle dos poços seja feito na superfície.</p>

Figura 7 – Plataforma do tipo TLWP

Fonte: Adaptação de <http://www.petrobras.com.br/infograficos/tipos-de-plataformas/desktop/index.html>

- Navio-sonda

<p>LÂMINA D'ÁGUA (PROFUNDIDADE NO LOCAL DA INSTALAÇÃO/OPERAÇÃO)</p>	 <p>NAVIO-SONDA</p> <p>Mais de 2.000 metros</p>
<p>COMO É</p>	<p>Plataforma flutuante com casco em forma de navio, usada para perfuração de poços. Pode ser ancorada no solo marítimo ou dotada de sistema de posicionamento dinâmico, que mantêm a posição da embarcação de forma automática</p>
<p>VANTAGEM</p>	<p>Maior autonomia para perfurar em grandes distâncias da costa. Possui sistema de ancoragem rígido e movimentos reduzidos, o que permite que o controle dos poços seja feito na superfície.</p>

Figura 8 – Plataforma do tipo Navio-sonda

Fonte: Adaptação de <http://www.petrobras.com.br/infograficos/tipos-de-plataformas/desktop/index.html>

2.2. Perigo, risco e o contexto *offshore*

As peculiaridades do trabalho *offshore*, por si só, já compõe um vasto campo para estudos de diversas áreas de conhecimento, mas um dos aspectos que mais chama a atenção são os riscos que envolvem essa atividade. Em toda a história sempre foi necessário ao homem desempenhar atividades que garantissem sua alimentação e segurança. Essas atividades possuíam perigos inerentes a sua própria natureza. A caça, a pesca, a proteção contra animais selvagens, por exemplo, frequentemente, causavam desde pequenas lesões até mesmo a morte. Naturalmente, o ser humano necessitava conhecer melhor as situações nas quais estava envolvido para conhecer todo o potencial de risco e evitar que situações mais graves acontecessem (Ruppenthal, 2013).

Avançando no tempo em relação ao exemplo anterior, com o surgimento das primeiras indústrias, após a revolução industrial no fim do século XVIII, surgiram também ocasiões que apresentavam outros tipos de perigo ao indivíduo trabalhador. Máquinas pesadas, extensa jornada de trabalho, falta de equipamentos de proteção, ambiente insalubre, tudo isso contribuía para que o risco de acidentes de trabalho e doenças laborais atingissem algumas pessoas, mutilassem outras, e levasse ao óbito com alguma frequência (Ruppenthal, 2013).

Mendes e Dias (1991) enfatizam que “a medicina do trabalho, enquanto especialidade médica, surge na Inglaterra, na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial” (p.341). No início do século XX, surgiram as primeiras iniciativas científicas – de maneira mais consistes que as anteriores – para compreender o processo produtivo, a formatação das máquinas e equipamentos pesados, as instalações fabris, as doenças as quais os trabalhadores estariam sujeitos e as proteções que seriam necessárias para prevenir ocorrências mais graves no trabalho industrial. Vale destacar que esse movimento foi estimulado pelo contexto da Segunda Guerra Mundial, que permitiu aos países perceberem que tão maior seria seu potencial competitivo em decidir os rumos daquela história, quanto maior fosse sua capacidade industrial. Por conseguinte, essa capacidade industrial se traduzia em uma maior força de trabalho ativa, ou seja, na preservação da integridade física desses trabalhadores (Ruppenthal, 2013).

Ao trazer essa realidade para o mundo empresarial percebe-se que os acidentes, além de envolverem, muitas vezes, a perda de vidas, também representam prejuízos financeiros e danos à imagem da empresa envolvida. Há argumentos suficientes para que todos os envolvidos - empresas, trabalhadores e órgão reguladores - estejam interessados em diminuir essas ocorrências. Ruppenthal (2013) vai ainda mais além, e afirma que:

As cifras correspondentes aos acidentes do trabalho representam um entrave ao plano de desenvolvimento socioeconômico de qualquer país. Pois, aparecem sob a forma de gastos com assistência médica e reabilitação dos trabalhadores incapacitados, indenizações e pensões pagas aos acidentados ou suas famílias, prejuízos financeiros decorrentes de paradas na produção, danos materiais aos equipamentos, perdas de materiais, atrasos na entrega de produtos e outros imprevistos que prejudicam o andamento normal do processo produtivo. (p. 17)

Ao mencionar conflitos e vantagens competitivas entre países, faz-se necessária uma breve referência ao produto que, na história recente, mais despertou o interesse entre nações do mundo. O petróleo é, sem dúvidas, um dos produtos que, atualmente, mais determina o potencial de desenvolvimento e riqueza de uma nação. Corroborando esse fato, estão registradas diversas guerras na história recente que tinham como pano de fundo – conhecido ou inferido – as disputas por reservas petrolíferas. Com um potencial tão grande, não se mediu esforços para buscar novas reservas dessa *comodity*¹⁷.

¹⁷<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/12/os-conflitos-alimentados-pela-disputa-por-petroleo-no-mundo.html>. Recuperado em 16 de fevereiro, 2018.

No Brasil, houve pequenos movimentos de exploração petrolífera nas décadas de 30 e 40 do século passado, mas o fato mais marcante se deu em 3 de outubro de 1953, quando o então presidente Getúlio Vargas assinou o projeto de lei que criava a empresa Petróleo Brasileiro S.A., a Petrobras, após a campanha nacionalista conhecida como “*O petróleo é nosso*” - lema originado no movimento estudantil e apoiado por figuras marcantes como o escritor Monteiro Lobato (Dias & Quaglino, 1993). A Petrobras detinha o monopólio das atividades de exploração e produção no Brasil. No início, a exploração era feita em busca de reservas em terra (*onshore*), principalmente na região do Recôncavo Baiano e no norte do Espírito Santo (Ortiz Neto & Costa, 2007). Entretanto, alguns anos mais tarde, precisamente ao final da década de 1960, descobriu-se que a parte mais significativa das reservas de petróleo estavam localizadas no fundo do mar, ao contrário de muitos outros países, como os EUA, onde a principal fonte de exploração situava-se em terra. Assim, na década de 1970, iniciou-se a produção de petróleo *offshore* na Bacia de Campos, no litoral do estado do Rio de Janeiro (Dias & Quaglino, 1993).

Pode-se perceber que a exploração *offshore* requer um considerável esforço tecnológico e de força de trabalho nas plataformas de exploração e produção em alto mar, e envolve inúmeros riscos e perigos. Mas antes é preciso compreender a diferença conceitual entre esses dois termos, que frequentemente são utilizados como sinônimos. Segundo Sanders e McCormick (1993), “o perigo está associado ao potencial das fontes em causar danos, não ao dano em si” e “risco é a probabilidade ou chance de lesão ou morte” (p.675).

Se faz necessário, também, esclarecer o termo “acidente” e “incidente”. Apesar de muitas controvérsias entre as definições possíveis, pode-se considerar que “[...] um acidente é um acontecimento não desejado e inesperado que tem por resultado uma lesão, uma doença ou danos ao patrimônio (Bird, 1974, p. 21)”, e incidente é “qualquer evento ou fato negativo com potencial para provocar danos, que por algum fator, não leva ao acidente (Ruphental, 2013, p.25).

Trazendo o exemplo acima para a realidade de uma plataforma de petróleo *offshore*,

percebe-se que o perigo da atividade permanecerá sempre o mesmo, “pois em todas as atividades e etapas produtivas existem ‘riscos intrínsecos e variados’, provenientes dos numerosos processos físicos e químicos que compõem a lógica industrial” (Leite, 2009, p. 2182). A operação continua sendo de um produto inflamável, em águas profundas, sob alta pressão, entre outros complicadores. O que pode mudar é o risco da atividade. Esse risco nunca será zero, mas com as devidas ações, como uma gestão de riscos e uma cultura de segurança implementada, o risco poderá ser controlado.

É possível exercer atividades tão essenciais para o desenvolvimento da sociedade, como é a atividade petrolífera – de forma especial a *offshore* –, com um risco controlado, ou seja, com segurança. Ao falar de gestão de riscos, é preciso resgatar alguns conceitos iniciais dos quais partiram boa parte das ações na área de segurança ocupacional. H. W. Heinrich e R. P. Blake foram os primeiros a identificar que era preciso trabalhar para evitar a ocorrência de situações menos graves, como forma de prevenir os acidentes (Pontes, 2008).

Na década de 1930, Heinrich propôs o primeiro modelo teórico sobre o assunto ao analisar um número considerável de ocorrências e identificar que quando ocorria um acidente com lesão incapacitante ou óbito, antes haviam ocorrido 29 acidentes leves (lesões menores) e 300 acidentes sem lesão, conforme Figura 9 (Alberton, 1996). Outra proposta apresentada por ele ficou conhecida como “teoria do dominó”. Nela, Heinrich apresentava cinco passos para a ocorrência de um acidente, e eles seriam cronologicamente sequenciais: 1). Personalidade; 2). Falhas humanas no exercício do trabalho; 3). Atos Inseguros e Condições Inseguras; 4). Evento; 5). Lesão (Alberton, 1996). Leite (2015) pondera a sequência lógica de um acidente, na qual

Uma lesão pessoal ocorre somente como resultado de um acidente;
um acidente ocorre somente como resultado de um perigo pessoal ou físico;
o perigo pessoal ou físico somente existe devido à falha das pessoas;
as falhas das pessoas são inerentes ou adquiridas no ambiente

social. (p.21)

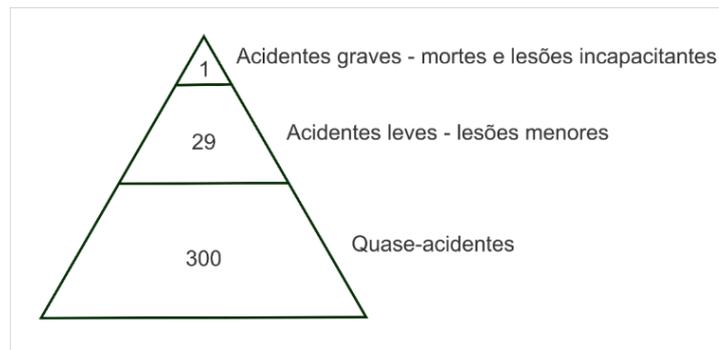


Figura 9 – Pirâmide de Heinrich

Fonte – Adaptação de Cicco e Fantazzini, 1977.

Baseado nesses estudos, Heinrich propôs que quase 90% de todas as ocorrências seriam causadas por atos humanos inseguros ou erros humanos. (Brauer, 1994; Harres, 2015). Portanto, “o ato inseguro junto com um perigo mecânico e físico constitui o fator central na sequência do acidente” (Heinrich, 1959, p. 16, citado por Pontes, 2008).

Os estudos de Heinrich serviram de base para pesquisas posteriores, como os do engenheiro norte-americano Frank Bird. Este, partindo das conclusões de Heinrich, observou que nas indústrias norte-americanas havia a tendência de sempre combater apenas os acidentes com lesões mais graves, negligenciando as ocorrências menores. O principal estudo de Bird foi feito para a *Insurance Company of North America (INCA)*, uma companhia de seguros, partindo de uma análise de cerca de 1.750.000 ocorrências dentre 300 empresas – portanto uma amostra bem maior que os estudos anteriores – o que permitiu chegar a uma nova proporção estatística de acidentes, na conhecida relação 1-10-30-600 entre os níveis da pirâmide, conforme Figura 10. Com isso, ficou ainda mais evidente que as ações de prevenção de acidentes deveriam focar a base da pirâmide (Ruphental, 2013).

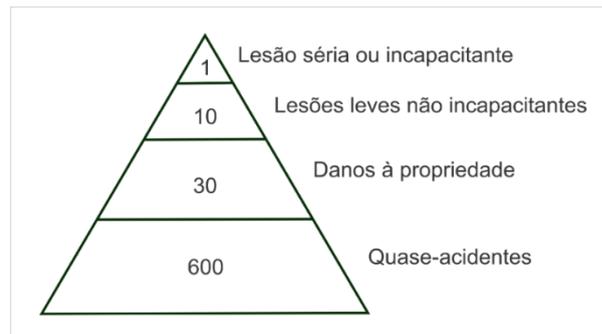


Figura 10 – Pirâmide de Bird

Fonte: Adaptação de De Cicco e Fantazzini, 2003, citado por Ruphental, 2013

Importante destacar que, o foco do estudo encomendado pela *INCA* era financeiro, até por isso foi incluída a categoria de “danos à propriedade”, mas ainda assim os seus resultados foram relevantes para a época, e posteriormente foram aperfeiçoados por outros pesquisadores e outras empresas (Pontes, 2008).

Mais recentemente, a empresa Dupont, baseada em seus registros históricos e estatísticos desde os mais antigos até os mais atuais, chegou a outra razão de proporção entre os eventos da sua atividade, conforme Figura 11 (Dupont, 2005). Nesse estudo, merece destaque a inclusão, de forma mais abrangente, da categoria “desvios”. Ruphental (2013) define desvios como “uma ação ou condição com potencial para conduzir, direta ou indiretamente a danos pessoais, patrimoniais ou causar impacto ambiental, em desconformidade com as normas de trabalho, procedimentos, requisitos legais ou normativos, requisitos do sistema de gestão ou boas práticas” (p. 23). Essa proporção evidenciou ainda mais a necessidade de atuar preventivamente, pois uma fatalidade só foi possível de acontecer porque existiram anteriormente 30000 desvios, um número bastante expressivo.



Figura 11 – Pirâmide Dupont

Fonte: Adaptação de De Cicco e Fantazzini, 2003, citado por Krüger, 2014

A ideia principal por trás desses estudos é de que todos os acidentes são evitáveis desde que a ação prioritária de uma companhia seja de prevenção, identificando e tratando as situações menos graves, que seriam os desvios. Os eventos menos graves, na base da pirâmide, indicam para o gestor da área de segurança que uma ocorrência mais grave pode estar a caminho. Contudo, se não houver uma compreensão da importância de atuar de forma preventiva, este indicador não terá muita utilidade (Kruger, 2014).

Mais importante que as diversas propostas de proporção entre os níveis da pirâmide é compreender que as lesões leves ocorrem com maior frequência do que as lesões graves e as fatalidades. Isso indica claramente que é um engano uma empresa fazer maiores e exclusivos esforços no controle dos raros eventos que resultam em danos pessoais sérios e incapacitantes, sendo que há uma imensa quantidade de eventos que fornecem uma melhor base para formular medidas de controle que eliminem ou reduzam a ocorrência dos acidentes (Benite, 2004).

O fator humano é considerado ponto determinante para que seja evitado um acidente. Partindo desse pressuposto, mostra-se relevante buscar compreender quais são os significados que os profissionais *offshore* (foco do presente estudo) partilham em relação ao risco presente no contexto de trabalho em uma plataforma de petróleo em alto mar. Para acessar essa significação, adotaremos como base teórica uma perspectiva psicossociológica inaugurada na segunda metade do século XX.

2.3 A perspectiva psicossocial do risco no trabalho *offshore*

Os pensadores iluministas acreditavam que à medida que o homem, em sociedade, aumentasse seu conhecimento sobre o mundo, maior seria a possibilidade de dominá-lo e de eliminar as incertezas que o cercam nesse ambiente. Entretanto, o que foi percebido ao longo da história com o desenvolvimento social-tecnológico é que essas incertezas eram resultantes de processos muito mais complexos do que anteriormente previsto por esses intelectuais. Boa parte das nossas vidas, atualmente, é tomada por uma suposição dos acontecimentos futuros, tanto na vida pessoal quanto na sociedade em geral. O que acontece, com isso, é que se depara com uma visão pessimista e catastrófica acerca do nosso próprio futuro. Sempre há algo que pode dar errado, ou um acidente prestes a acontecer (Giddens, 1997). O curioso é que essa visão é fruto do próprio desenvolvimento da sociedade, que tinha, dentre seus objetivos, controlar essas mesmas incertezas. Esse processo gerou inúmeras outras situações que implicam o risco (Giddens, 1997, Beck, 2006).

Um cético poderia perguntar: não há nada novo aqui? A vida humana não foi sempre marcada pela contingência? O futuro não foi sempre incerto e problemático? A resposta para cada uma dessas perguntas é "sim". Não é que atualmente nossas circunstâncias de vida tenham se tornado menos previsíveis do que costumavam ser; o que mudou foram as origens da imprevisibilidade. Muitas incertezas com que nos defrontamos hoje foram criadas pelo próprio desenvolvimento do conhecimento humano. (Giddens, 1997, p. 220)

Não se sabe, porém, se as pessoas atualmente vivem uma realidade mais arriscada que as que viveram no passado. A questão não é o quantitativo dos riscos, mas a maior consciência da impossibilidade de controle das consequências de atos de grandes proporções, até mesmo aqueles que podem mudar o curso da humanidade, como conflitos nucleares ou desastres ambientais (Beck,

2006). Trata-se, portanto, de um risco difuso, ou seja, algo não caracterizado, especificado, que pode atingir qualquer pessoa (Chamon & Moraes, 2011). Esse paradoxo é curioso a tal ponto de podermos considerar que nossa vida atualmente é repleta de “incertezas fabricadas” dentro de uma “sociedade do risco”. (Beck, 2006) “Não há nada certo além da incerteza” (Beck, 2006, p.5)

É possível tratar também do risco sob uma ótica positiva. Por exemplo, pode-se “arriscar” ganhar um prêmio na loteria, e isso não é algo encarado sob uma perspectiva negativa. Beck (2006) aponta que a origem da palavra “risco” veio da língua inglesa, e se referia à navegação em águas desconhecidas. Bernstein (1997) propõe que “a palavra ‘risco’ deriva do italiano antigo *risicare*, que significa ‘ousar’” (p.8). A conceituação do risco é, portanto, indissociável da ideia de aventura, emoção e possibilidades inúmeras de novas descobertas. “Uma abordagem positiva do risco é a da origem da energia que cria liberdade e riqueza no mundo moderno” (Beck, 2006, p. 9).

O que é necessário levar em consideração é a aceitação do risco ao qual estará exposto determinado indivíduo, e isso depende daquilo ao qual ele pode ter como benefício (Beck, 2006). Para exemplificar, quando uma atividade laboral está sujeita a um risco, o indivíduo faz jus a um adicional de periculosidade (Portaria GM n. ° 3.214, 1978). **O indivíduo sabe que está sujeito a um risco e que será pago por isso, e aceita essa condição, mesmo que não necessariamente de livre escolha.** O que se observa em conversas informais é que muitos, inclusive, têm preferência por trabalhos que proporcionam esse adicional.

Há inúmeras possibilidades de interpretar o risco. Isso varia, de forma geral, de acordo com o referencial teórico que o pesquisador utiliza, e também de acordo com seus objetivos. Com isso, uma pesquisa guiada sob o prisma econômico provavelmente apresentará um enfoque no comportamento sujeito à racionalidade para a maximização dos resultados. Ele sofrerá críticas de um pesquisador da psicologia, que, de acordo com os resultados dos seus estudos, concluiu que não é tão simples prever o comportamento humano quanto parece ser na pesquisa de viés econômico. Por sua vez, um sociólogo poderia apresentar uma série de argumentos baseados nos teóricos da

sua formação acadêmica que criticam a perspectiva exclusivamente focada no indivíduo, e questiona o motivo de deixar de lado as relações e os aspectos sociais nos quais esse sujeito está inserido. O antropólogo certamente alegaria como falha grave a ausência do enfoque cultural, pois é sob essa perspectiva que se dá a construção social de significados (Schlich, 2004, conforme citado por Chamon & Moraes, 2011).

Quando se leva em conta atividades profissionais que possuem um risco intrínseco mais elevado que o comum, percebe-se que o risco atua como elemento marcante na caracterização identitária dos trabalhadores envolvidos (Chamon & Moraes, 2011). Assim, Chamon e Moraes (2011) afirmam que “em todas as relações sociais, dentro e fora da organização, o senso comum identifica esse tipo de trabalhador em associação ao risco da atividade desempenhada” (p. 245). Portanto, o risco é o elemento que distingue determinado grupo nas suas relações com outros grupos sociais (Chamon & Moraes, 2011).

Os trabalhadores *offshore* são parte desse grupo de profissionais que se caracterizam pelo risco de suas atividades. Tratar do risco no trabalho *offshore* a partir de uma perspectiva psicossocial significa, antes de tudo, identificar e compreender os conhecimentos produzidos e as práticas arraigadas entre os profissionais que permanecem confinados nas plataformas por, pelo menos, 14 dias por embarque.

A perspectiva psicossocial difere em grande parte da abordagem mecanicista. Indo de encontro à uma visão única do risco, ela explora a construção social do conceito a partir das experiências vivenciadas e compartilhadas em determinado grupo (Chamon & Moraes, 2011). Em linhas gerais, pode-se afirmar que:

O Universo não pode ser interpretado somente a partir da visão das grandes teorias, pois há um conhecimento prático elaborado para também compreendê-lo. As explicações em termos de causa e efeito não são per si suficientes para uma compreensão mais abrangente

desse Universo. Há, naturalmente, dicotomias entre o pensamento científico e o conhecimento socialmente construído, que é apropriado por meio de representações. Não são suficientes as explicações do nosso ambiente somente em termos newtonianos/mecânicos, pois há todo um construto social que não pode ser negado e que é complementar (Schulze, 2000 conforme citado por Moraes, 2007, p.22).

Controlar determinada situação a partir da ótica linear de *causa e efeito* não é tão simples e óbvio quanto pode parecer. Isso não significa em absoluto que as tentativas de gerenciamento de riscos, especialmente riscos com alto potencial de gravidade, não sejam necessários. Muito pelo contrário. São, sim, essenciais nos processos de controle. Contudo, o que é necessário compreender é que não pode se limitar apenas a uma única perspectiva de atuação (Giddens, 1997).

Moraes, Chamon e Chamon (2009) destacam que “o conhecimento socialmente elaborado a respeito do risco leva o indivíduo a formar sua própria representação desse objeto, ora se contrapondo aos manuais e concordando com o senso comum, ora se contrapondo ao senso comum e concordando com os manuais” (p.89).

Considerar o risco somente sob o prisma técnico e tecnológico restringe significativamente as múltiplas possibilidades de compreensão desse complexo objeto (Chamon & Moraes, 2011). Busca-se, portanto, por meio da perspectiva psicossocial, compreender o significado do risco para profissionais que trabalham numa plataforma de petróleo. Pretende-se compreender como esse grupo apropria-se da ideia de risco, como a reproduz/mantem e de que forma orienta suas práticas, conseqüentemente também servindo como justificativa para suas ações.

2.4 A Teoria das Representações Sociais

Como mostrado anteriormente acerca da realidade trabalho *offshore*, o risco é, de fato, um elemento constante na rotina desses trabalhadores. É de se esperar, portanto, que haja uma significação sobre o que é risco para esse grupo. Para maior aprofundamento nessa questão, será utilizada a Teoria das Representações Sociais (TRS), proposta por Serge Moscovici a partir de sua publicação “*A psicanálise, sua imagem e seu público*”, em 1961. Nesse estudo, Moscovici propunha uma investigação sobre a forma como conceitos/termos da Psicanálise eram reapropriados pelos sujeitos comuns e influenciavam as práticas da população francesa no seu cotidiano (Vala 1997). A partir dessa publicação, Moscovici traz um questionamento sobre a maneira como um grupo de leigos se apropria do conhecimento científico e constrói a partir deste uma nova forma de conhecimento, não menos relevante do que o conhecimento científico (Vala 1997).

Moscovici foi influenciado significativamente pelas ideias do sociólogo Émile Durkheim, autor do conceito de representações coletivas, o qual estabelecia uma divisão entre o indivíduo e o social. No entanto, Moscovici entendia que o conceito de representação coletiva apresentava limitações para dar conta dos novos fenômenos que surgiam, e, com isso, a TRS buscava preencher essa lacuna, diferindo dos demais trabalhos ao propor uma aproximação da Psicologia com a Sociologia onde são considerados, ao mesmo tempo, aspectos psicológicos e sociais. Estamos, portanto, falando de um trabalho com caráter psicossociológico (Coutinho, 2008; Sá, 1993). Vale ressaltar ainda que a mudança do termo representação coletiva para representação social teve por objetivo deixar claro a diferença ao tratar do tema: deixava de ser tratado como conceito e passava a ser encarado como um fenômeno (Wachelke & Camargo, 2007).

A TRS procura romper com as dicotomias que se formaram na Psicologia Social. Entre elas, está a dicotomia entre o individual e o social, já que uma representação social está ancorada num sujeito, mas também é construída coletivamente. Aos que confundem uma representação social

com simples percepção, não se leva em conta que a percepção é um aspecto cognitivo inerente ao homem, que pode ter representações mentais, mas que essas não constituem um fenômeno social (Guareschi, 2000).

Na dicotomia entre o externo e o interno toma-se como exemplo o comportamentalismo, que não admitia considerar aquilo que transpusesse a “barreira da pele”, ou seja, aquilo que estive na dimensão do pensamento. (Farr, 1998, conforme citado por Guareschi, 2000). Em contraste, outras teorias se concentravam apenas na análise dos processos cognitivos do homem, não estando preocupados com os fatores além disso. A representação social consegue preencher essa lacuna teórica por ser “ao mesmo tempo, interna, isto é, existente nas mentes das pessoas, sem deixar de ser também externa, prolongando-se para além das dimensões intrapsíquicas e concretizando-se em fenômenos sociais possíveis de serem identificados e mapeados” (Guareschi, 2000; p.37).

São diversas as definições possíveis adotadas para o fenômeno das representações sociais (Wachelke & Camargo, 2007). Uma das mais difundidas é a definição de Denise Jodelet, segundo a qual a representação social “(...) é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 2001, p. 22). Em complemento, Wachelke e Carmargo (2007) utilizam definições de outros autores para resumir o fenômeno das RS, que, então, “resulta em teorias do senso comum, elaboradas e partilhadas socialmente (Wagner, 1998), ligadas a inserções específicas dentro de um conjunto de relações sociais, isto é, a grupos sociais (Doise, 1985)” (p. 380). Por fim, as RS explicam aspectos relevantes da realidade de determinado grupo, definem sua identidade, orientam suas práticas e justificam suas ações e suas tomadas de posição após a realização das mesmas. (Abric, 1998).

Ao abarcar tantas possibilidades conceituais, pode parecer lamentável para alguns pesquisadores mais cartesianos o fato de que a TRS, assim como as próprias representações sociais, esteja em constante processo de transformação, a ponto de Jodelet (1984, citada por Sá,

1998) afirmar tratar-se de uma “terra de ninguém” (p.62). Se referindo ainda à autora, Fagundes (2009) explica que, com esse termo, ela “procura mostrar que há ‘espaço’ dentro da teoria, porque as várias perspectivas de estudo, desenvolvem cada uma por si só, também uma espacialidade, ou melhor, uma ‘terra’ da qual todos podem usufruir e acrescentar novas experiências” (p.131).

Moscovici (2015) elucida que ao falar de representação social faz-se referência “a formação de outro tipo de conhecimento adaptado a outras necessidades, obedecendo a outros critérios, em um contexto social específico” (p. 25). Em resumo, o autor afirma que a representação social é um processo de transformar o que é estranho em algo familiar, e tal processo tem influência em suas práticas cotidianas (Moscovici 2015). Ainda elucidando: “o que eu quero dizer é que os universos consensuais são locais onde todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito”. (Moscovici, 2015; p.54).

Por fim, para esclarecer ainda mais a ideia de tornar familiar o que não é familiar, que para um leitor desatento pode soar simples, é importante compreender que “tornar familiar não é mais do que atribuir sentido, uma significação, quando justamente tal significação não é óbvia, e sobretudo quando dificilmente se encaixa no conhecimento corrente” (Almeida, Santos & Trindade, 2014)

Essa transformação a qual Moscovici (1961) se refere não significa copiar um elemento pré-existente, mas uma recriação desse próprio objeto a partir da construção coletiva, substituindo o original. O autor alerta ainda que não existe representação sem objeto: "Uma representação é sempre uma representação de alguém, tanto quanto de alguma coisa" (p.27). Portanto, o vínculo entre sujeito e objeto é critério fundamental para a existência de uma RS.

As representações sociais estão relacionadas a um saber prático, e orientam e organizam as comunicações e as trocas simbólicas. Uma RS é produto de processos sociocognitivos e fatores sociais, e nos influencia ao nomear, definir, interpretar e interagir com diversos aspectos do nosso cotidiano, sendo decisivos nas decisões tomadas em determinado contexto (Jodelet, 2001). Não

deve-se, contudo, confundir a função orientadora da RS com uma espécie de condicionamento das pessoas para agirem conforme está estabelecido. As RS não obrigam ninguém a nada. Moscovici (2015) reitera que “o que estamos sugerindo, pois, é que pessoas e grupos, longe de serem receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam.” (Moscovici, 2002/2015, p.45)

Compreender a representação social de um objeto para determinado grupo significa, de forma mais clara, “olhar com os olhos daquelas pessoas” - de forma crítica, perceber qual o significado que esse grupo dá a algo e a partir de então enxergar e compreender alguns elementos que conduzem suas ações, seus posicionamentos, e assumir o entendimento desse fenômeno como “produto e processo de uma atividade de apropriação do mundo social pelo pensamento e da elaboração psicológica e social da realidade” (Chaves & Silva, 2011, p.306).

Moscovici pondera que há dois universos distintos: o reificado e o consensual. O universo reificado se caracteriza pelo conhecimento científico, produzido com rigor metodológico. Já as RS são formadas nos universos consensuais de pensamento, ou seja, no conhecimento leigo, espontâneo, formado no cotidiano. (Sá, 1993). Valorizar este tipo de conhecimento é de grande importância pois “diversas disciplinas, dentre elas uma parte da Psicologia Social, tinham, ou têm, uma visão de que a ciência deve erradicar o pensamento espontâneo, que é compreendido como uma forma de conhecimento arcaica, enviesada, impura e degradada” (Wolter, 2014, p.30).

Abric (1998) ressalta o papel fundamental das representações na dinâmica das relações e nas práticas sociais. Destaca-se, com isso quatro funções essenciais das RS: (1) função de saber, que integra novos conhecimentos a saberes previamente adquiridos, tornando-os compreensíveis e familiares; (2) função identitária, que situa o sujeito inserido em determinado grupo conferindo-lhe uma identidade de pertencimento; (3) função de orientação, que seria uma espécie de manual de

ações, as quais seriam as condutas desejáveis e condizentes com aquele grupo; (4) a função justificadora, com a qual o indivíduo justifica as opiniões e os comportamentos.

De acordo com Moscovici (1961), há dois processos sociocognitivos determinantes para o funcionamento de uma RS: objetivação e ancoragem. Jodelet (2002) explica que, na objetivação, conceitos ou ideias abstratas são transformados em elementos concretos, como imagens. Wachelke e Camargo (2007), baseando-se em alguns autores, propõem que “a objetivação é o processo por meio do qual um conceito ou noção abstrata ganha forma e torna-se concreta por meio de imagens ou ideias (Vala, 1997), resultando numa organização estrutural dos conteúdos semelhante a um mapa conceitual (Doise, Clemence, & Lorenzi-Cioldi, 1992)” (p. 382-383). Portanto, por meio da objetivação, o sujeito privilegia certos aspectos e desconsidera outros, tornando-os mais simples (Almeida, Santos & Trindade, 2014).

Por outro lado, na ancoragem, essas imagens são classificadas e relacionadas a estruturas de conhecimentos prévios na memória do indivíduo. Aquilo que não nomeamos ou classificamos são, por consequência, estranhas e soam como ameaça (Moscovici, 2015). Por isso seguimos classificando o inclassificável, nomeando o que não tinha nome, pois assim “nós somos capazes de imaginá-lo, de representa-lo” (Moscovici, 2015, p.62). Almeida, Santos e Trindade (2014) dedicaram um capítulo no livro em homenagem aos 50 anos da TRS para aprofundar a análise sobre esse processo, e destacam que:

a ancoragem corresponde exatamente à incorporação ou assimilação de novos elementos de um objeto em um sistema de categorias familiares e funcionais aos indivíduos, e que lhes estão facilmente disponíveis na memória. A ancoragem permite ao indivíduo integrar o objeto da representação em um sistema de valores que lhe é próprio, denominando e classificando-o em função dos laços que este objeto mantém com sua inserção social. Assim, um novo objeto é ancorado

quando ele passa a fazer parte de um sistema de categorias já existentes, mediante alguns ajustes (pp.146-147).

A medida que se trata o tema das representações sociais, pode-se chegar erroneamente a conclusão de que tudo é representação social. Os fenômenos para constituírem uma representação social precisam ser relevantes ao público (Chamon, Guareschi & Campos, 2014) e serem construídos coletivamente (Vala, 1997). Aprofundando um pouco mais, Wagner (1998, citado por Wachelke & Camargo, 2007) propõe cinco critérios para a definição de uma RS: 1) consenso funcional – a representação deve exercer função de unidade, orientação e interação entre os membros de um grupo; 2) relevância – como mencionado no parágrafo anterior, as RS devem tratar de objetos sociais relevantes para os sujeitos relacionados; 3) prática – uma RS existe quando corresponde a práticas realizadas por um número significativo de pessoas em determinado grupo; 4) holomorfose – as RS sempre reforçam a pertença do grupo ao qual o indivíduo está inserido por meio das crenças. Esse critério é particularmente útil para a diferenciação de uma representação individual de uma RS; 5) afiliação – pode ser considerado um complemento do critério de holomorfose, por permitir delimitar, de maneira mais precisa, o grupo ao qual o indivíduo está inserido. É claro que não é preciso que uma RS contenha necessariamente todos os critérios mencionados acima. Isso porque há a possibilidade de diferenças significativas na estrutura da formação de uma RS, como a pluralidade da natureza do objeto e do sujeito que irão compor a representação social (Moscovici, 2015; Wagner, 1998, citado por Wachelke & Camargo, 2007).

Sá (1998) ressalta as condições que influenciam no surgimento ou não de uma RS: 1) a dispersão da informação, que seria um tipo de mensagem parcialmente conhecida mas ainda difusa, imprecisa, não sendo suficiente para a plena compreensão do grupo, havendo apenas impressões; 2) a focalização, que diz respeito a atenção às informações que interessam o grupo; e 3) a pressão à inferência, que seria uma situação no qual o indivíduo é forçado a ter um posicionamento, por quaisquer circunstâncias, diante de algum objeto, mas não tem informações nem conhecimento

suficientes para isso, utilizando assim as informações que possui na memória de vivências anteriores, ou seja, utiliza o que lhe é familiar.

Algo que também pode acontecer àqueles que se aventuram no campo da TRS, vale considerar, é presumir que uma representação social exista, e ao final do estudo descobrir que não há um conhecimento estruturado/consolidado dentro daquele grupo sobre o objeto em questão, ou que simplesmente existam opiniões particulares sobre o objeto (Sá, 1998).

As representações sociais estão presentes no cotidiano, por mais que não sejam percebidas como tal (Chamon, Guareschi & Campos, 2014). Entretanto, Moscovici (2012) alerta para o fato de que ao passo que “a realidade é facilmente aprendida, o conceito não é” (p.39). Isso acontece porque as representações sociais não são imóveis, estáticas, mas sim dinâmicas, como enfatiza Queiroz (2002, citado por Coutinho 2008): “é no processo de significação que os sujeitos, na sua relação com o mundo, reconstróem novos significados e são recriados por estes”. Sua formação é complexa assim como o é o homem e as relações que ele estabelece. “Para penetrar no universo de um indivíduo ou de um grupo, o objeto entra numa série de relacionamentos e articulações com outros objetos que já estão lá e dos quais ela empresta as propriedades e acrescenta as suas próprias” (Moscovici, 2012; p.58). E indo mais além, Moscovici (2015) afirma que “uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidades ao nascimento de novas representações enquanto velhas representações morrem (p.41). Por isso que é possível se referir a esse movimento como uma dinâmica de familiarização, como ponderou Moscovici (2015), pois tudo que é assimilado pelo público deriva de uma experiência anterior que o indivíduo possui, a ponto de podermos afirmar que “a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a “realidade” (p.55)

Para Sá (1998), a “grande teoria” de Moscovici (termo atribuído por Doise, segundo Sá, 1996) foi se desdobrando em correntes complementares que variam segundo seus objetivos

principais, e “não se trata, por certo, de abordagens incompatíveis entre si, na medida em que provêm todas de uma mesma matriz básica e de modo algum a desautorizam”. (Sá, 1998, p.65). Destacam-se três correntes: a Processual, de Denise Jodelet, que privilegia as características histórico-culturais, destacando-se por ser considerada a que mais se aproxima da perspectiva original de Moscovici; a Estrutural, de Jean-Claude Abric, com olhar mais voltado para os aspectos cognitivos e para a organização interna das representações; e a Societal, de Willem Doise, que se aproxima mais de uma abordagem sociológica. (Almeida, 2005). Dessas três correntes, a que se apresenta como mais adequada aos objetivos dessa proposta de pesquisa é a processual, de Jodelet, (explicitar aqui porque busquei fazer uma pesquisa etnográfica in loco, com a experiência do embarque) e, portanto, será adotada como lente teórica.

Pode-se dizer que ainda são incipientes as produções no campo da TRS sobre a temática do trabalho *offshore* e sobre a questão do risco. Numa busca de caráter exploratório, realizada no portal SCIELO encontrou-se os seguintes resultados: 1) com os descritores “representação social e risco” aparecem 55 resultados, porém, destes apenas 3 falavam de risco no contexto do trabalho (*Representação do trabalho informal e dos riscos entre trabalhadores domésticas e trabalhadores da construção civil; Riscos ocupacionais no contexto hospitalar: desafio para a saúde do trabalhador; Risco e saúde nos locais de trabalho*); 2) Com o descritor “representação social do/de risco” não foram encontrados resultados; 3) Com o descritor “representação social e trabalho *offshore*”: também não foram encontrados resultados.

Não há nessa breve revisão acerca da TRS a intenção de abarcar todo o conteúdo que foi produzido sobre a mesma e que ainda continua sendo. Importa, sobretudo, destacar elementos fundamentais para a compreensão de como se constroem as significações e sentidos sobre o risco por trabalhadores *offshore*, e como esse conhecimento compartilhado orienta as suas práticas cotidianas.

3. Objetivos

3.1. Objetivo geral

O objetivo desse estudo é investigar como profissionais que trabalham em regime de confinamento nas plataformas de petróleo em alto mar (trabalho *offshore*) significam/compreendem o risco. Em outras palavras, identificar as representações sociais de risco para esse grupo de trabalhadores.

3.2. Objetivos específicos

- Identificar elementos de RS de risco para trabalhadores *offshore*
- Compreender como se dão os processos de ancoragem e objetivação em relação à representação social do risco para trabalhadores *offshore* (*retirar?*)
- Verificar, por meio de relato, as práticas cotidianas desses trabalhadores que podem estar sendo orientadas pela forma como compreendem a questão do risco

4. Estratégias metodológicas

4.1. Participantes

A pesquisa contou com a participação de 12 profissionais de uma mesma empresa que trabalham em regime de embarque em plataformas do tipo FPSO e SS, englobando ambos os sexos, diferentes funções de trabalho e variada experiência profissional. Esse número de entrevistados foi estabelecido baseado nos resultados do estudo exploratório publicado por Ando, Cousins e Young (2014), o qual objetivava determinar o ponto de saturação na pesquisa qualitativa, com entrevistas individuais em profundidade, e com roteiro semiestruturado. Na pesquisa em questão foi utilizada a metodologia da análise temática. Identificou-se que não surgiram novos temas para análise após as 12 primeiras entrevistas, o que demonstrou ser esse um tamanho de amostra adequado para pesquisas qualitativas com entrevistas em profundidade (Ando, Cousins & Young, 2014).

Para buscar uma maior homogeneidade do público participante e o nivelamento de questões salariais e demais aspectos da relação empresa-empregado, um dos critérios de inclusão foi trabalhar com um grupo de empregados da mesma empresa.

Na tabela 1, são apresentados os dados dos participantes que foram considerados na análise. Há outras informações que foram coletadas para serem manipuladas como variáveis, tais como espiritualidade e cargo exercido na plataforma, mas não foram consideradas, aqui, por não acrescentarem elementos significativos para a análise após a verificação dos resultados. Da mesma forma, a informação da plataforma a qual o entrevistado pertence foi omitida por facilitar a identificação do entrevistado.

	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	FILHOS	EXPERIÊNCIA
Participante 1	Masculino	35 a 45 anos	TÉCNICO	CASADO	SIM	6 a 10 anos
Participante 2	Feminino	Até 34 anos	SUPERIOR COMPLETO	CASADA	SIM	6 a 10 anos
Participante 3	Masculino	Até 34 anos	TÉCNICO	SOLTEIRO / DIVORCIADO	NÃO	Até 5 anos
Participante 4	Masculino	Até 34 anos	SUPERIOR COMPLETO	CASADO	SIM	Até 5 anos
Participante 5	Masculino	45 a 55 anos	TÉCNICO	SOLTEIRO / DIVORCIADO	SIM	Mais de 20 anos
Participante 6	Masculino	Até 34 anos	TÉCNICO	CASADO	NÃO	6 a 10 anos
Participante 7	Masculino	mais de 55 anos	SUPERIOR COMPLETO	CASADO	SIM	16 a 20 anos
Participante 8	Masculino	Até 34 anos	SUPERIOR COMPLETO	SOLTEIRO / DIVORCIADO	NÃO	6 a 10 anos
Participante 9	Feminino	35 a 45 anos	SUPERIOR COMPLETO	CASADA	SIM	Até 5 anos
Participante 10	Masculino	45 a 55 anos	TÉCNICO	CASADO	SIM	16 a 20 anos
Participante 11	Feminino	Até 34 anos	TÉCNICO	SOLTEIRA / DIVORCIADA	NÃO	6 a 10 anos
Participante 12	Masculino	35 a 45 anos	TÉCNICO	CASADO	SIM	11 a 15 anos

Tabela 1 – Caracterização dos entrevistados

Ressaltamos que um dos participantes com maior tempo de experiência (mais de 20 anos), no momento da entrevista havia acabado de deixar de trabalhar em regime de embarque. Apesar disso, considerou-se que o benefício de contar com a participação de um profissional com seu perfil (longo tempo de experiência e mais idade) justificavam sua inclusão, já que esse perfil de profissional foi mais difícil de acessar.

4.2. Instrumentos

Nesse estudo, utilizou-se para coleta de dados uma entrevista semiestruturada em profundidade, que foi baseada em um roteiro previamente definido (Apêndice A). A entrevista em profundidade se fez pertinente à presente proposta de estudo pois favoreceu a captação de ideias, opiniões e depoimentos que propiciam conhecer o acervo de significados e símbolos que o indivíduo utiliza para se comunicar no seu cotidiano (Creswell, 2010).

O roteiro de entrevista apresentou, além de questões pessoais (relacionadas a sexo, experiência profissional, estado civil, filhos, atividade exercida, posição hierárquica, prática religiosa), questões que possibilitaram o acesso às representações sociais do risco no trabalho *offshore*. Essas questões foram divididas em dois blocos: 1) que visaram identificar a compreensão sobre o trabalho e sobre risco e 2) que verificaram práticas cotidianas relacionadas ao trabalho. Essa divisão não apareceu de forma explícita para o entrevistado, apenas serviu como auxílio para a organização dos aspectos a serem considerados.

Vale ressaltar que, em todo o momento da coleta de dados foi observado o seguimento do roteiro, estimulando o diálogo sobre determinado tema e, ao mesmo tempo, sem deixar de estar atento e aberto a novos tópicos que surgissem espontaneamente durante a conversa e que fossem relevantes para o entrevistado (Flick, 2009).

Ainda em relação ao roteiro de entrevista, buscando identificar se o objeto “risco” surgiria de forma espontânea, as duas primeiras perguntas abertas pretendiam estimular o entrevistado a falar sobre o objeto sem que ele fosse mencionado diretamente, visando reduzir a possibilidade de que fossem “...produzidas em função apenas de estímulos ou estados psicológicos momentâneos” (Sá, 1998, p.49).

Foi realizada uma entrevista-piloto com o intuito de observar a adequação do instrumento frente aos objetivos definidos e realizar ajustes no roteiro de entrevista. Essa entrevista foi realizada com a presença de outro pesquisador (papel de juiz) para se verificar possíveis interferências na condução da entrevista.

4.3. Procedimentos de coleta de dados

O procedimento metodológico para inclusão dos participantes na pesquisa foi, inicialmente, apoiado na rede de relacionamentos do pesquisador. A partir de então, foi solicitado a esse primeiro grupo de pessoas indicações de profissionais para compor o número de participantes. Essa estratégia

de abordagem de participantes é conhecida como metodologia do *snowball* (“bola de neve”) ou *snowball sampling*, cuja utilização é comumente realizada em pesquisas sociais. Nela, os participantes selecionados no início da coleta de dados (sementes) devem indicar possíveis novos participantes dentro das características estabelecidas pelo pesquisador, e assim sucessivamente. Trata-se de uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência em uma espécie de rede (Albuquerque, 2009).

Para Sanchez e Nappo (2002), a escolha dos participantes pela técnica da “Bola de Neve” possibilita aos pesquisadores um acesso mais profundo à população investigada, chegando até alguns indivíduos que inicialmente não se teria acesso. Observou-se que a estratégia funcionou de forma bastante eficaz, ressaltando-se que o fato dos participantes serem indicados por colegas, facilitou a aproximação do pesquisador e a abertura aos questionamentos realizados durante a entrevista. Outro ponto de destaque para a utilização da técnica da “Bola de Neve” no engajamento dos participantes foi o fato de privilegiar apenas relações hierárquicas horizontais, ou seja, as indicações eram de profissionais de mesmo nível hierárquico, diminuindo assim a possibilidade algum tipo de viés pelo fato do participante julgar necessário responder aquilo que o superior ou a empresa esperam ouvir. Cabe destacar que os participantes que indicaram outros possíveis entrevistados não tinham cargo de chefia na empresa.

Para buscar minimizar possíveis desconfortos aos participantes, as entrevistas foram realizadas em locais informais, de acordo com a conveniência do entrevistado, fora do horário de trabalho, deixando claro o papel do pesquisador e a garantia de anonimato, além de buscar estimular uma conversa agradável, estando aberto para ouvir o entrevistado até em questões não previstas. Foi explicado de forma cuidadosa e detalhada às pessoas o que era esperado delas durante a entrevista, e como se daria o procedimento de análise dos diálogos transcritos após a gravação. Aqueles que concordaram em participar da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B). Para a execução das entrevistas, utilizou-se o espaço mais

conveniente para os entrevistados, como sua própria residência ou algum estabelecimento comercial que possibilitasse o bom andamento do processo. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, se fazendo necessária, portanto, a aceitação de tal condição.

A pesquisa foi realizada respeitando as Resoluções n. 466/2012 e n. 510/2016 (Conselho Nacional de Saúde - CNS, 2012) e o código de ética profissional do Conselho Federal de Psicologia (CFP), preconizando que todas as medidas éticas e científicas fossem tomadas com relação à pesquisa, tendo recebido parecer favorável do CEP-UFES sob o número 3.101.134.

4.4. O contexto das entrevistas, do embarque e as impressões/afetações do pesquisador

As entrevistas foram realizadas nos meses de agosto a dezembro de 2018. Inicialmente, encontrou-se certa dificuldade em conseguir diversificar o público participante em relação a sexo, idade, tempo de experiência e plataforma de trabalho. O público que se mostrou de mais fácil acesso foi o de profissionais homens, jovens, e com até 10 anos de experiência. Isso deveu-se, provavelmente, à própria rede de relacionamentos do pesquisador, considerando que o método para recrutar participantes foi o “snowball”. Soma-se a isso o fato de que o público feminino é bastante reduzido, de forma geral, no universo *offshore*, aspecto já apontado no estudo de Coutinho, Menandro e Tavares (2019). Além disso, chamou a atenção o fato de que é comum que os profissionais permaneçam numa mesma plataforma por muito tempo, até mesmo durante toda a carreira. Assim sendo, uma mesma plataforma possui perfil de público semelhante, ou seja, as plataformas mais novas tendem a contar, em maior quantidade, com profissionais com menos tempo de experiência e vice-versa.

Alguns entrevistados demonstraram, inicialmente, certo receio quanto a possibilidade de sua identificação a partir do conteúdo de seus relatos. Em todos os casos foi ressaltada a garantia de sigilo como consta no termo de consentimento livre e esclarecido. Após as explicações iniciais nenhum se recusou a conceder a entrevista.

De forma geral, a receptividade foi muito positiva, tendo despertado o desejo em muitos de conhecer os resultados do trabalho. O ambiente das entrevistas foi sempre o de maior conveniência para o entrevistado: cafeterias, salas de reunião, e até mesmo a própria residência do entrevistado. Em tom muito amistoso, o sentimento comum identificado em todos foi o de orgulho de trabalhar embarcado, e os laços estabelecidos com demais companheiros, além da menção constante da família com certa dualidade - como fonte de motivação e ao mesmo tempo de preocupação. Muitas histórias de embarques foram relatadas nas conversas/entrevistas, não sendo pertinentes ao contexto dessa pesquisa, mas que valem a menção para ressaltar a vida em uma plataforma como um universo repleto de vivências diversificadas, que vão além desse objeto de estudo. Cabe ressaltar também que em alguns diálogos os participantes se emocionaram quando relataram casos de acidentes anteriores, sobretudo quando se tratava das ocorrências mais recentes e de onde conheciam trabalhadores que morreram ou sofreram alguma perda.

Para tentar oferecer a essa pesquisa a visão desse universo peculiar, partindo de alguém que não vivencia tal realidade profissional, o pesquisador teve a oportunidade de embarcar em uma plataforma, e considera-se pertinente o registro de suas impressões e relatos, conforme a seguir.

“Ao longo da minha vida profissional, tive a oportunidade de embarcar em duas oportunidades: uma em 2013, numa plataforma do tipo Semissubmersível, localizada na bacia de Santos, tendo sido um embarque de ida e volta no mesmo dia, e outra oportunidade em 2015, numa sonda de perfuração¹⁸, também de tipo SS, na bacia de Campos, onde tive a oportunidade de pernoitar. O que guardo de ambas as experiências são os aspectos positivos da vida de embarcado: boas refeições, cortesia na minha recepção, tranquilidade nos voos de helicóptero e a folgas decorrentes do embarque. Mas na oportunidade decorrente da realização dessa pesquisa a

¹⁸ Sonda de perfuração - Plataforma utilizada para perfurar e completar poços de petróleo. (<http://dicionariodopetroleo.com.br/dictionary/sonda-de-perfuracao/> Recuperado em julho de 2019)

experiência e impressões acabaram sendo bastante diferentes.

Ao receber a notícia que seria possível realizar o meu embarque, as entrevistas já haviam sido realizadas, e me dei conta do quanto estava envolvido com os relatos dos participantes que em maior ou menor intensidade, testemunharam de forma unânime um possível acidente de helicóptero como situação que os preocupava. Soma-se a isso o fato de minha esposa estar grávida, esperando nosso primeiro filho, e prestes a dar à luz. Isso me fez sentir não apenas medo, mas uma empatia grande quanto aos inúmeros profissionais que vivenciam isso de forma permanente. Nem as estatísticas que demonstram a segurança do voo, nem os cuidados da empresa aérea com a aeronave e todos os procedimentos de segurança foram capazes de me fazer sentir confortável naquele momento. Enfim, quando deixei de ser pesquisador e me tornei um profissional prestes a embarcar, me juntei ao grupo dos que temiam o voo de helicóptero, bastante citado nos resultados como fonte de medo e risco.

Fui informado que uma das exigências da empresa para que o embarque fosse realizado seria a realização de um treinamento chamado de HUET, sigla em inglês para Treinamento de Escape de Helicóptero Submerso. Esse treinamento, por si só, merece um relato a parte, pela forma como é realizado e também por ter sido uma das minhas maiores preocupações de perigo ao qual eu estaria exposto, mesmo sabendo que os riscos são controlados. O treinamento HUET consiste em dois períodos: o da manhã, com uma revisão teórica dos procedimentos a serem seguidos, e a parte da tarde, com a parte prática do treinamento, onde é simulado o pouso do helicóptero no mar, com os diversos cenários possíveis adiante, desde um pouso controlado na vertical, até a submersão completa da aeronave com giro que deixa a “cabine de cabeça pra baixo”, conforme figuras 12 e 13. Curioso perceber que, analisando pelo prisma da estatística, quando viajei de carro pelas estradas de Vitória a Macaé para realizar o HUET estive exposto a um risco bem maior do que durante o voo de helicóptero. Mas a minha percepção me dizia o contrário.

Durante a parte prática do HUET, fomos instruídos a colocar uma roupa e um par de botas

de borracha (devido a temperatura da piscina) e um macacão por cima. Enquanto esperávamos as orientações na área da piscina, o que se percebia era uma tensão latente entre as pessoas. Eram 2 turmas com cerca de 25 pessoas cada, sendo que desse total mais da metade aparentava ter mais de 50 anos. Provavelmente eram profissionais que já trabalhavam embarcados há um bom tempo, mas ainda assim estavam fazendo o treinamento pela primeira vez por não se tratar de um requisito obrigatório para embarque, e sim uma prática recente da empresa.

Os instrutores mostravam os equipamentos de segurança e explicavam a atuação dos mergulhadores que acompanhariam de perto todos os exercícios e estavam prontos para atuar caso necessário, e também apresentavam todo o aparato médico (enfermeiros à postos e ambulância), prontos para atuar em qualquer emergência. A questão é que o simples fato de precisar desse aparato já passava a mensagem do que poderia acontecer.

Chegara então o momento de realizar as manobras necessárias para aprovação no curso. As pessoas eram chamadas em grupo de 3, e ocupavam cada uma das cadeiras da cabine, conforme figura 12. Àqueles que não sabiam nadar eram identificados com capacete vermelho, e tinham assistência especial durante todo o exercício. Após acomodados, afivelávamos os cintos (tipo quatro



Figura 12 – Cabine de treinamento - HUET

Fonte: <https://www.marineinsight.com/guidelines/what-is-helicopter-underwater-escape-training-huet/>

pontos) e era então simulada uma situação de impacto no mar, onde uma posição específica que protegia o pescoço era necessária. Após o impacto, dependendo do exercício, era necessário um procedimento diferente.”

“O primeiro de cinco exercícios que realizei simulava um pouso controlado na água, sem submersão. Até então, tudo tranquilo. No segundo exercício, entretanto, a aeronave submergia verticalmente, sem girar de ponta cabeça, e nesse caso era necessário prender o fôlego por 7 segundos, para dar tempo da hélice da aeronave parar de girar e não causar um acidente durante o escape, para só então desfivelar o cinto e escapar pela janela (onde éramos orientados a sempre permanecer com a mão a fim de evitar uma desorientação. No meu caso, tinha dificuldades em abrir os olhos debaixo d’água, o que gerou um complicador a mais no meu exercício. Nesse segundo exercício quando fui tentar sair, o meu cinto não se soltou por completo, e fiquei preso. No momento o desespero tomou conta de mim, e comecei a me debater pra chamar a atenção dos mergulhadores, achando que não iria conseguir. O sistema de segurança foi acionado, e a cabine foi elevada. Então, me dei conta que eu fui o único dos três alunos que não conseguiu realizar a manobra, teoricamente uma das mais simples, e tive que fazer novamente. Uma mistura de vergonha e medo tomou conta de mim. Só de pensar em passar por tudo de novo, tive a certeza que não conseguiria. Um dos mergulhadores conversou comigo, me orientou a manter a calma e me certificar que os cintos foram liberados antes de tentar sair. Um pouco mais calmo, repeti o exercício, dessa vez com sucesso. O terceiro exercício era semelhante ao segundo, mas com a janela encaixada, sendo necessário removê-la antes do escape. Tudo realizado tranquilamente. No quarto exercício a cabine afundava e girava de ponta cabeça, um dos momentos de maior preocupação para mim. Contudo, mais uma vez, exercício completado com sucesso. Restava apenas o último exercício para tudo aquilo acabar. A cabine seria submersa com giro de ponta a cabeça, mas com o dificultador de ter que retirar a janela antes do escape. Era, sem dúvida, o ponto de maior preocupação no treinamento. Novamente, ao tentar me desvencilhar do cinto, fiquei preso, e agora de ponta cabeça. Dessa vez, no entanto,

consegui manter a calma, e realizei todos os procedimentos com sucesso, finalizando os exercícios. Após essa parte, outras situações eram simuladas, como salto em altura na água, práticas de sobrevivência no mar, entre outras, mas nenhuma dessas se compara a tensão vivenciada na



simulação de submersão do helicóptero. A figura 13¹⁹ mostra o momento de simulação do escape da aeronave.

Figura 13 – Momento de escape no treinamento HUET com supervisão de mergulhador

Fonte: <https://www.marineinsight.com/guidelines/what-is-helicopter-underwater-escape-training-huet/>

Houve três intercorrências durante o treinamento: um profissional foi impedido de realizar a parte prática por estar com a pressão alterada, outro profissional desistiu de fazer os exercícios por alegar que não conseguia mais, e outro profissional, aparentando por volta dos 55 anos, precisou ser retirado de maca. O clima era de cumplicidade com a situação dos colegas. As conversas eram poucas, e em volume baixo. Era como se todo mundo se colocasse um no lugar do outro. Não apenas pelo treinamento, mas por saber que aquele risco era enfrentado regularmente por todos eles.

Durante as orientações da manhã (parte teórica) o instrutor ressaltou que a importância do

¹⁹ As fotos foram encontradas na internet e fazem referência ao treinamento realizado pelo pesquisador, não sendo, portanto, os momentos relatados nessa pesquisa.

treinamento se devia a um levantamento feito com todos os acidentes de helicóptero no mar nas décadas de 1970 à 1990, sendo constatado que mais de 80% dos óbitos eram consequência de afogamento, e não da queda em si. Contudo, após realizar o curso, que considero uma experiência marcante pra mim, ainda assim restou o medo de que em caso de acidente, mesmo capacitado, eu estivesse entre os 80% daquela estatística.

Finalizado o HUET, estava pronto para embarcar na plataforma do tipo FPSO. O embarque foi realizado pelo aeroporto de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, às 08h00, mas fomos orientados a chegar no local às 07h00. Tratava-se de um voo de comitiva, ou seja, todos os que estariam naquele voo não trabalhavam embarcados, sendo que muitos ali nunca tinham sequer voado de helicóptero. Fomos orientados a viajar já vestidos com os EPI's (botas, macacão e protetor auricular). No aeroporto éramos os únicos vestidos assim. Os profissionais que trabalham em regime de embarque nunca viajam com o macacão. É como se quisessem postergar ao máximo os últimos momentos antes do embarque. Todos sabiam, portanto, que quem estava de macacão no aeroporto era um novato ou alguém que não vivenciava a mesma realidade deles. Por mais que fosse visita-la por um dia, era como se jamais soubéssemos o que é de verdade trabalhar embarcado.

Embarcamos no helicóptero, e apesar da minha tensão inicial pelos motivos já mencionados, o voo de aproximadamente 1 hora de duração transcorreu tranquilamente. Perto do pouso, avistamos uma série de plataformas próximas, como uma pequena cidade flutuante. De repente, vimos a plataforma que iríamos visitar. 300 metros de comprimento e 50 de largura. Pousamos no heliponto, localizado numa das extremidades do navio-plataforma, e fomos recepcionados pelas lideranças da unidade. Após uma hora de explicações e orientações de segurança, fizemos um pequeno lanche e fomos conhecer a área operacional, conduzidos por uma engenheira que trabalhou no projeto da embarcação. Para ir até a área operacional, era necessário usar os demais equipamentos de segurança: capacete, luvas e óculos. Era um dia ensolarado, quente, e subíamos algo em torno de 6 níveis diferentes, tudo em escadas íngremes. Fomos apresentados ao

funcionamento da planta de produção de petróleo, e em cada passo um cuidado com a segurança. Cuidado esse mais que justificado: um emaranhado de dutos, tubos, válvulas, vasos, tudo com materiais inflamáveis, perigosos e em alta pressão. Além disso, era necessário atenção no caminho a ser seguido, já que sempre há o risco de queda de algum material. Por isso mesmo, os profissionais se ajudavam, alertando uns aos outros sobre alguma atitude inadequada. Em certo momento, me dei conta do quanto estava desconfortável com aqueles equipamentos, embaixo de um sol impiedoso, e percebi que estava assim por apenas poucos minutos. Pensei imediatamente o que seria trabalhar assim durante 12 horas por dia, e às vezes até debaixo de chuva. Almoçamos no próprio refeitório da plataforma, e encontrei uma refeição diversificada (três tipos de carnes), saladas e acompanhamentos, sucos, chás, café, refrigerantes e sobremesa variada. Pensei o quanto poderia engordar ao trabalhar embarcado, compensando pela comida a vida de confinamento. Visitamos mais alguns locais da plataforma, e por fim nos despedimos retornando às 16h em um voo sem intercorrências.

Dessa experiência o que mais me marcou foi o fato de que quando pensava em trabalho embarcado sempre imaginava apenas os principais benefícios desse regime: folgas prolongadas e boa remuneração. Contudo, nunca tinha experimentado um pouco de tudo o que esses profissionais enfrentam para isso. Quando estão embarcados durante 14 dias, eles não abrem mão de quaisquer dias de suas vidas. Abrem mão dos melhores dias de suas vidas, e por vezes de momentos que não retornam, como o nascimento de um filho, ou o falecimento de um ente querido. Tudo isso cobra um preço, e por isso mesmo, após essa experiência, minha conclusão é que a vida de um profissional embarcado de fato “não é pra qualquer um”, para usar a expressão de um dos participantes do trabalho de Coutinho, Menandro e Tavares (2019).”

4.5. Organização e análise de dados

Os áudios das gravações das entrevistas foram transcritos integralmente em documento

de Word logo após a coleta de dados. Os dados textuais das entrevistas foram tratados a partir do *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) e discutidos a partir do resultado das análises lexicográficas básicas (frequência de palavras) e análises multivariadas (classificação hierárquica descendente, análise de similitude), recursos disponibilizados pelo programa informático (Camargo & Justo, 2013a).

Os dados textuais de uma entrevista em profundidade, como é a proposta dessa pesquisa, são essenciais para acessar o conteúdo simbólico que é produzido sobre determinado fenômeno. É possível superar a oposição da perspectiva quantitativa e da qualitativa na análise de dados por tornar possível a quantificação do conteúdo textual, elementos originalmente qualitativos. (Camargo & Justo, 2013a).

Devido ao grande volume de dados a serem analisados, se torna interessante a utilização de programas computacionais ou softwares, que permitam agilizar a análise desse material (Nascimento & Menandro, 2006). Dentre eles, destaca-se o ALCESTE (*Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de Texte*), programa desenvolvido por M. Reinert (Camargo & Justo, 2013a). O ALCESTE se tornou uma ferramenta fundamental na análise textual por permitir que textos fossem analisados de maneira rápida e com resultados ainda mais elaborados, os quais tomariam muito tempo do pesquisador caso necessitassem serem realizados manualmente. Os termos são analisados dentro do seu contexto e não apenas como elementos independentes (Camargo & Justo, 2013a). Assim, uma série de complexas observações se tornaram possíveis com a execução desse auxiliar poderoso, tal qual a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), também conhecida como método Reinert, que permite separar, relacionar e hierarquizar os elementos textuais dentro do seu contexto e em classes de discursos (Nascimento & Menandro, 2006). Diante de tantas possibilidades que o programa oferecia, o ALCESTE tornou-se frequentemente utilizado entre os pesquisadores da área de Representações Sociais (Camargo & Justo, 2013a).

Recentemente surgiu e se popularizou um *software* alternativo ao ALCESTE: o IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). Destaca-se dois grandes diferenciais do IRAMUTEQ: 1) ele incorpora as análises já realizadas pelo ALCESTE e possibilita uma evolução na análise textual ao fornecer outros recursos e 2) trata-se de um *software* gratuito e de fonte livre, o que permite que os usuários implementem melhorias no software.

O IRAMUTEQ baseia-se na linguagem de programação do *software* R, e foi desenvolvido em 2009 pelo pesquisador francês Pierre Ratinaud. Em 2013, ele começou a ser utilizado no Brasil, apoiado principalmente pelo trabalho da equipe do LACCOS (UFSC), em parceria com o Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação, da Fundação Carlos Chagas (CIERS-ed/FCC); e com o grupo de pesquisa Valores, Educação e Formação de Professores da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP); os quais iniciaram o aprimoramento do dicionário experimental em língua portuguesa, já que o software baseia-se no idioma francês (Camargo & Justo, 2013a).

Em relação as análises lexicais clássicas, Camargo e Justo (2013a) explicam:

o programa identifica e reformata as unidades de texto, transformando Unidades de Contexto Iniciais (UCI) em Unidades de Contexto Elementares (UCE); identifica a quantidade de palavras, frequência média e número de hapax (palavras com frequência um); pesquisa o vocabulário e reduz das palavras com base em suas raízes (lematização); cria dicionário de formas reduzidas, identifica formas ativas e suplementares (p. 515).

A análise de especificidades é um dos recursos que permite ao pesquisador correlacionar os segmentos de textos com as variáveis dos indivíduos que os produziram, tornando-se viável

analisar a produção textual em relação às variáveis que caracterizam o entrevistado. Em outras palavras, essa manipulação dos dados permite analisar possíveis contrastes tendo em vista grupos dentro de uma variável, ou seja, é possível, por exemplo, verificar se há diferenças na produção de conteúdo entre homens e mulheres, ou entre pessoas residentes em capitais e em cidades do interior em relação ao objeto de estudo (Camargo & Justo, 2013a).

A *CHD* divide o *corpus* textual e classifica os segmentos de texto a partir do seu vocabulário, repartindo-os com base na frequência dos radicais das palavras. Segundo Reinert (1990), criador da análise da Classificação Hierárquica Descendente, cada classe simboliza uma forma de enxergar determinado tema. Ele nomeia o resultado dessa análise de “mundo lexical”. Com essa análise, é possível obter classes de UCE que possuem vocabulário semelhante entre si, assim como apresentam vocabulário diferente das UCE das outras classes (Camargo & Justo, 2013a). É possível, ainda enxergar esses resultados de uma outra forma ao realizar “... uma análise fatorial de correspondência feita a partir da CHD (Análise Pós-Fatorial), que representa num plano cartesiano as diferentes palavras e variáveis associadas a cada uma das classes da CHD” (Camargo & Justo, 2013a, p.516). Outro recurso interessante oferecido pelo IRAMUTEQ e ainda dentro da CHD é a possibilidade de recuperar, no *corpus* original, os segmentos de texto com maior grau de associação dentro de cada classe – baseado nos resultados de teste qui-quadrado - permitindo uma argumentação estatística na discussão dos dados textuais (Camargo & Justo, 2013a).

Outro recurso proporcionado pelo Iramuteq é a análise de similitude, por meio da qual é possível visualizar as relações entre as palavras e a frequência com que ocorrem, sendo representado por um gráfico que se assemelha a vários “ramos” interligados por linhas que são mais ou menos espessas, conforme a co-ocorrência das palavras relacionadas. (Marchand & Ratinaud, 2012, conforme citado por Camargo & Justo, 2013a).

Por fim, há ainda uma análise mais popular e simples que é a nuvem de palavras, onde

as palavras são agrupadas e organizadas graficamente, sendo que quanto maior o tamanho da palavra, maior a frequência com que aparece naquele *corpus* textual. Camargo e Justo (2013a) ressaltam que trata-se de “uma análise lexical mais simples, porém graficamente bastante interessante, na medida em que possibilita rápida identificação das palavras chave de um *corpus*” (p.516).

Apesar de todos os recursos e possibilidades que o IRAMUTEQ proporciona, é importante não cair na armadilha de considerar que o software, por si só, se configura como método de análise e assim acabar por negligenciar seu papel como pesquisador (Chatier & Meunier, 2011, conforme citado por Camargo & Justo, 2013a). Pensar o significado de determinada comunicação ou processo exige do pesquisador um aprofundamento analítico maior que possíveis conclusões estabelecidas de imediato (Camargo & Justo, 2013a).

Nesse estudo, utilizou-se as análises lexicais, de especificidades (também conhecida como análise de contrastes), a CHD e o recurso gráfico da nuvem de palavras. Tais recursos explicitados se mostraram úteis para alcançar o objetivo principal dessa pesquisa, ou seja, para compreensão das representações sociais do risco para profissionais que trabalham em regime de confinamento nas plataformas de petróleo em alto mar. Indo mais além, essas ferramentas permitiram “iluminar” os caminhos da análise dos dados, conduzindo ao desenvolvimento de ideias e reflexões que poderiam demorar muito tempo para serem percebidas caso a organização da produção textual fosse realizada sem o auxílio desse software.

5. Resultados

As entrevistas realizadas foram transcritas e inicialmente reunidas em um único *corpus* o qual foi submetido a diferentes análises textuais do software Iramuteq. A totalidade do material verbal, após lematização, compôs-se de 59.195 ocorrências, com 3.383 palavras distintas, o que resultou numa frequência média de 17,49 para as palavras citadas. Em seguida, o *corpus* foi submetido as análises de Classificação Hierárquica Descendente, Análise de Especificidades e Análise Fatorial.

5.1. Classificação Hierárquica Descendente (CHD)

O *corpus* “Entrevista” foi submetido a uma CHD no intuito exploratório, sendo as variáveis determinadas anteriormente (sexo, idade, estado civil, com ou sem filhos, tempo de experiência embarcado, plataforma, com ou sem religiosidade e escolaridade) utilizadas para identificar possíveis “perfis” mais associados a determinada classe. A CHD desdobrou os 12 textos iniciais em 1.744 segmentos de texto, classificou 5.559 formas distintas, que ocorreram numa frequência média de 10,64, e teve aproveitamento de 90,19%, que é considerado um aproveitamento muito satisfatório (Camargo & Justo, 2013a). O *corpus* foi particionado em quatro classes, conforme figura 14, sendo que numa primeira partição a classe 4, nomeada como “*Perigo x Risco*”, se distinguiu do restante do *corpus* (Sub-*corpus* A). Numa segunda partição, o “Sub-*Corpus* A”, nomeado como “*Significações e práticas*”, originou a classe 3, denominada “*Condutas e Procedimentos*”, e o sub-*corpus* B, denominado “*Vantagens e Desvantagens*”. Na terceira partição, o sub-*corpus* B foi dividido em duas classes distintas: a classe 2, denominada como “*Vantagens e*

exemplo, todas as palavras dentre as 20 de maior grau de associação à cada classe apresentaram qui-quadrado maior que 16,266; em outras palavras, há 99,99% de chances desse conteúdo estar associado à classe correspondente (Dancey & Reidy, 2013).

CLASSE 4 – Perigos e Riscos

A primeira classe a se diferenciar do restante do *corpus* – *Classe 4 / Perigos e Riscos* – representou 20% do conteúdo analisado, e foi constituída principalmente pelo discurso de indivíduos com 10 anos ou mais de experiência offshore, com idade igual a 35 anos ou mais. Essa classe apresenta conteúdo diferente das demais, quase como um conteúdo à parte.

Nessa classe os entrevistados discorrem sobre questões mais conceituais, como por exemplo a diferença entre risco e perigo. Os participantes citam os riscos envolvidos na sua atividade, tanto na área de atuação dentro da plataforma, quanto nas peculiaridades que compõe seu trabalho. Para compreender melhor o conteúdo da classe 4, explicita-se na tabela 2 a sequência de palavras com maior grau de associação à classe 4, bem como sua frequência na classe e no *corpus*, e na tabela 3 as formas associadas.

#	Forma Reduzida (Palavra / Radical)	χ^2	Frequência na classe	Frequência no <i>corpus</i>	% na classe
1	Perigo+	113,09	34	39	87,18
2	Mar	69,58	21	24	87,5
3	Gas+	65,08	29	42	69,05
4	Queda+	64,81	16	16	100
5	Risco+	62,57	93	240	38,75
6	Navio+	55,09	15	16	93,75
7	Vazamento+	55,09	15	16	93,75
8	Explosão	55,09	15	16	93,75
9	porta+	52,56	13	13	100
10	Produto+	52,56	13	13	100

11	Baleeira+	52,56	13	13	100
12	Químico+	52,56	13	13	100
13	Altura	52,56	13	13	100
14	Probabilidade+	46,98	13	14	92,86
15	Desc+	45,77	15	18	83,33
16	Cai+	45,48	24	38	63,16
17	Abr+	38,22	12	14	85,71
18	Óleo	34,3	11	13	84,62
19	praça	32,24	8	8	100
20	Dedo+	32,24	8	8	100

Tabela 2 – Formas significativas da classe 4

Forma Reduzida (Palavra / Radical)	Formas associadas
Perigo+	Perigo(31), perigos (4)
Gas+	Gás (27), gases (2)
Queda+	Queda (15), quedas (1)
Risco+	Risco (84), riscos (13)
Navio+	Navio (14), navios (2)
Vazamento+	Vazamento (14), vazamentos (1)
Portas+	Porta (11), portas (3)
Produto+	Produtos (9), produtos (5)
Baleeira+	Baleeira (12), baleeiras (1)
Químicos+	Químicos (10), químico (4)
Probabilidade+	Probabilidade (12), probabilidades (1)
Desc+	Descer (9), desce (4), desça (1), descia (1)
Cai+	Cair (10), cai (4), caiu (3), caí (2), caindo (1), caído (1), caíram (1), cairia (1), caem (1), caio (1)
Abr+	Abre (5), abrir (5), abrindo (2), abri (1), abriu (1)
Dedo+	Dedo(4), dedos (4)

Tabela 3 – Formas associadas da classe 4

Os segmentos de texto apresentados a seguir ilustram melhor o contexto de ocorrência das palavras mais associadas a essa classe. Em negrito e itálico destaca-se as palavras associadas à classe 4 com maior valor qui-quadrado absoluto²⁰:

“... o *risco* do *vo*o no *helicóptero*, na *plataforma* tem o *risco* de *vazamento* de gás, do *H2S*²¹, tem o *risco* de *explosão*, tem *risco* no meu trabalho de *choque elétrico*, de *queda*, de *altura*...” $\chi^2 = 442,3$ (Participante 2, mulher)

“...*vazamento* de *gás* e *óleo*, contato com fluido *quente*, *pensamento* de *dedos*, *queda* de *escada* quebra-peito que é aquela *escada* de *marinheiro*²², *queda* de contentor de *produto químico*.” $\chi^2 = 423,24$ (Participante 8, homem)

“*Risco* de *queda* de *aeronave*, *risco* de *incêndio*, *vazamento* de *gás*, intoxicação por *H2S*, *risco* de sufocar por expansão de um *gás*. $\chi^2 = 374,92$ (Participante 3, homem)

“Você trabalha com *altas pressões* de *gás*, que por si mesmo já é muito *perigoso*, você não pode gerar *centelhas*, tem que trabalhar em um *local* protegido de *movimentações* de cargas onde já *aconteceram* vários *acidentes*, *riscos elétricos*, *riscos químicos*, tudo isso...”
 $\chi^2 = 327,33$ (Participante 10, homem)

²⁰ Soma de qui-quadrado de formas marcadas no segmento (Software Iramuteq)

²¹ **H2S** – H2S é um gás muito tóxico. Ele não tem cor, mas cheira como ovos podres. Em grandes quantidades, H2S rapidamente bloqueia o sentido do olfato. É por isso que o odor não deve nunca ser usado para indicar níveis de H2S. O gás pode irritar os olhos, nariz, garganta e pulmões. O H2S em excesso pode interromper o centro respiratório no cérebro, que pode causar a morte. (<https://protecaorespiratoria.com/o-que-e-o-sulfeto-de-hidrogenio/> Recuperado em 12 de abril de 2019)

²² Escada de marinheiro - Trata-se de uma escada simples constituída de estrutura metálica com os dispositivos de segurança como guarda corpo e linha de vida vertical. A escada marinheiro é utilizada para acessar locais de acesso restrito com altura superior a 6m e inclinação de 90°. (<http://www.rangersms.com.br/loja/escada-marinheiro-e-passarelas/> Recuperado em 12 de abril de 2019)

“Sempre aquela brincadeira do *risco* e *perigo*, não é? O *risco*, pelo que eu me lembro, se trata da possibilidade de algo acontecer. Sempre aquele exemplo do leão na jaula. Quando ele está dentro da jaula...” $\chi^2 = 323,7$ (Participante 6, homem)

“Nas minhas *funções* como mecânico sempre *existem riscos*: com a ferramenta, com o *próprio equipamento* em si, energia, *pressão, queda* – porque também faço trabalho em *altura – espaço confinado...*” $\chi^2 = 278,24$ (Participante 6, homem)

A seguir, apresenta-se demais segmentos de texto com maior valor qui-quadrado relativo²³:

“Diante de tudo que eu já falei e de tudo aquilo que envolve o meu trabalho, eu acho arriscado por ter esse *perigo* e esse potencial de um *risco*.” $\chi^2 = 87,83$ (Participante 9, mulher)

“Eu penso que enquanto eu estiver forte eu posso até estar trabalhando, mas estarei trabalhando lá *embaixo*, no caso em terra. Se eu estou forte vou me aposentar e se tiver que fazer alguma coisa farei em terra, tranquilo, fora desses *perigos* todos.” $\chi^2 = 68,62$ (Participante 10, homem)

“O *risco* é a sua exposição a esse *perigo*.” $\chi^2 = 63,91$ (Participante 4, homem)

²³ Média de qui-quadrado de formas marcadas no segmento (Software Iramuteq)

“...elas [as pessoas] com certeza não tem idéia dos *riscos* que temos lá... do que estamos sujeitos... seja o *risco* de um *vazamento* de *gás*...” $\chi^2 = 60,91$ (Participante 11, mulher)

“*Perigo* é você ter uma zona onde você sabe que aquele *perigo* está ali, e o *risco* é você estar trabalhando próximo a esse *perigo*. Essa para mim é a diferenciação *básica*.” $\chi^2 = 59,32$ (Participante 10, homem)

“*Perigo* é uma coisa *perigosa*, *risco* é uma *probabilidade* de qualquer coisa... um *risco* de chuva... tem diferença. Um eu acho que é quantitativo e o outro eu acho que é qualitativo.” $\chi^2 = 56,93$ (Participante 3, homem)

CLASSE 3 – CONDUTA E PROCEDIMENTOS

A classe 3 trata da forma como os trabalhadores procedem em suas atividades e como eles colocam em prática a teoria em relação ao gerenciamento de riscos. Predomina nessa classe o discurso de indivíduos com idade até 34 anos ($\chi^2 = 54,61$), sem filhos ($\chi^2 = 44,08$), com nível superior completo ($\chi^2 = 23,27$), solteiros ($\chi^2 = 14,03$) e até 10 anos de experiência offshore ($\chi^2 = 10,51$). Na tabela 4 apresenta-se uma relação com algumas palavras com maior grau de associação à classe 3, e na tabela 5 apresenta-se as formas associadas.

#	Forma Reduzida (Palavra / Radical)	χ^2	Frequência na classe	Frequência no <i>corpus</i>	% na classe
1	procedimento+	81,78	83	101	82,18
2	segurança	81,57	107	143	74,83
3	padr+	57,76	52	60	86,67
4	forma+	54,54	79	108	73,15
5	deve+	53,57	54	65	83,08
6	execut+	41,75	33	36	91,67

7	serviço+	41,44	58	78	74,36
8	maneira+	30,65	22	23	95,65
9	ach+	27,87	118	210	56,19
10	técnico+	25,11	27	33	81,82
11	errad+	24,15	32	42	76,19
12	geral	23,86	23	27	85,19
13	empresa+	22,72	52	80	65
14	seg+	21,94	29	38	76,32
15	Tarefa+	19,99	17	19	89,47
16	coordenador+	19,99	13	13	100
17	procur+	18,9	24	31	77,42
18	visão	18,41	12	12	100
19	pt (permissão de trabalho)²⁴	18,44	12	12	100
20	mud+	17,56	23	30	76,67

Tabela 4 – Formas significativas da classe 3

Forma Reduzida (Palavra / Radical)	Formas associadas
procedimento+	procedimento (45), procedimentos (45)
padr+	padrão (36), padrões (19)
forma+	forma (76), formas (3)
deve+	deve (24), deveria (13), devem (7), deva (4) deveriam (3), devemos (2), devo (2), devia (1), deveríamos (1)
forma+	forma (76), formas (3)
execut+	executar (19), executado (4), executando (4), executa (3), executo (2), executem (1), executei (1), executaram (1), execute (1), executou (1)
serviço+	serviço (56), serviços (2)
maneira+	maneira (18), maneiras (4)

²⁴ **Permissão de Trabalho (PT)** - A Permissão de Trabalho (também chamada apenas de “PT”) é uma autorização entregue pelo colaborador ao seu supervisor, antes da execução de qualquer trabalho que pode oferecer um possível risco (seja inspeção, manutenção, montagem, desmontagem, construção, reparo, etc). Essa permissão tem o objetivo de não apenas zelar pela segurança do funcionário, como esclarecer todas as etapas do trabalho tanto para para futuras inspeções, quanto para maior entendimento das outras áreas envolvidas.
(<http://falandodeprotecao.com.br/permissoa-de-trabalho-o-que-e-e-como-fazer/> Recuperado em abril, 2019)

ach+	acho (94), achar (7), acham (6), acha (6), achei (3), achava (2), achou (1), ache (1), achando (1), acharam (1), achamos (1)
técnico+	técnico (22), técnicos (5)
errad+	errado (25), errada (4), erradas (2), errados (1)
empresa+	empresa (51), empresas (3)
seg+	seguir (11), seguindo (6), sigo (4), siga (2), segue (2), seguimos (1), seguiram (1), seguirmos (1), seguem (1)
tarefa+	tarefa (15), tarefas (5)
coordenador+	Coordenador (12), Coordenadores (1)
procur+	Procuro (9), procurar (6), procura (4), procuram (1), procure (1), procuramos (1), procurando (1), procurei (1)
mud+	mudar (15), mudou (3), mudaria (2), mudando (1), mude (1), mudaram (1), mudadas (1)

Tabela 5 – Formas associadas - classe 3

Para facilitar a contextualização do conteúdo da classe 3, destaca-se alguns segmentos de textos associados com maior qui-quadrado absoluto, com as palavras mais significativas em evidência (negrito e itálico):

“Você ***deve*** ter visto recentemente o cara que foi partido no meio no guindaste por um cabo de aço, e ele foi porque não ***cumpriu*** os ***padrões*** e ***procedimentos***. Então, respondendo a sua pergunta, eu não ***tiraria*** nenhum ***padrão*** de ***segurança***. Eles são ***suficientes***” $\chi^2 = 300,73$ (Participante 7, homem)

“Querendo ou não eu ***acho*** que quando ***seguimos*** os ***padrões*** e fazemos as coisas ***como*** elas ***devem*** ser feitas é muito ***difícil*** dar ***errado*** porque alguém já estudou aquilo ali e sabe ***como*** ***deve*** ser ***executado*** da ***forma segura***” $\chi^2 = 291,5$ (Participante 11, mulher)

“***Como*** eu falei, os ***procedimentos*** a serem ***seguidos*** não devem ser pulados. O que eu vejo em ***relação*** aos ***técnicos*** de ***segurança*** é que eles ***ajudam*** bastante, porque ***acredito*** que eles exercitem bastante a percepção de risco.” $\chi^2 = 291,01$ (Participante 5, homem)

“Então, os *procedimentos* de *segurança* na *pt* são muito *importantes* para o exercício *seguro* do *serviço*. Só que eu *percebo*, às *vezes*, é que faltam algumas coisas, algumas informações... aí temos que *adicionar*.” $\chi^2 = 269,58$ (Participante 8, homem)

“E aí esse profissional com muito tempo de experiência pode diminuir seus critérios de *segurança* baseado na experiência que ele tem. O que eu poderia *dizer* é que *depende* muito. *Acho* que não existe um *padrão*. Quando olho de *forma geral* é *difícil*, muito dividido.” $\chi^2 = 268,36$ (Participante 6, homem)

“Eu *acho* que os dois. O bom da *empresa* que eu trabalho é que ela já provê muita coisa para a *segurança*, então eu *acho* que *depende* mais do *empregado* que trabalha na *empresa* *seguir* os *procedimentos*.” $\chi^2 = 262,39$ (Participante 6, homem)

Apresenta-se, também, demais segmentos de texto com maior valor qui-quadrado relativo:

“ Os *procedimentos* de *segurança* *ajudam* muito. Eles são um manual para nós” $\chi^2 = 58$ (Participante 8, homem)

“... tentar montar... eles conseguem visualizar isso no *padrão*. Se o que a pessoa fez foi muito interessante eles conseguem visualizar se dá pra enquadrar isso no *padrão*, se tiver que ser feito assim” $\chi^2 = 57,76$ (Participante 3, homem)

“De *forma* alguma! De jeito nenhum!” $\chi^2 = 54,54$ (Participante 6, homem)

“Isso que eu te falei sobre o cinto de *segurança* no carro, e no mais é você *procurar seguir* os *procedimentos*.” $\chi^2 = 51,05$ (Participante 5, homem)

“Então, quando um grupo de trabalho se reúne para estabelecer algum *procedimento padrão* e *analisa* junto com a abnt... tem o que está na abnt e ainda há mais alguma coisa. ”

$\chi^2 = 50,6$ (Participante 7, homem)

“Não fico constrangido. Engraçado, não *deveria* ser, mas eu *acho* que eu ficaria se fosse um profissional de *segurança*, *algo* assim, onde a pessoa pode pensar: poxa, eu vou levar uma canetada.” $\chi^2 = 46,10$ (Participante 6, homem)

CLASSE 2 – VANTAGENS E DIFICULDADES

A classe 2, diretamente ligada a classe 3, representa 15,6% do conteúdo analisado. Na tabela 6, apresenta-se uma relação com as palavras mais relacionadas à classe 2, e na tabela 7 apresenta-se as formas associadas.

#	Forma Reduzida (Palavra / Radical)	χ^2	Frequência na classe	Frequência no <i>corpus</i>	% na classe
1	folga+	161,44	36	42	85,71
2	embar+	159,69	61	103	59,22
3	terra	86,8	23	30	76,67
4	trabalh+	67,65	79	236	33,47
5	escritório	64,16	13	14	92,86
6	família	54,86	23	40	57,5
7	deslig+	53,24	11	12	91,67
8	vida+	44,54	21	39	53,85
9	casa	42,67	20	37	54,05
10	estresse	38,11	7	7	100

11	administrativ+	37,52	10	13	76,92
12	oportunidade+	37	8	9	88,89
13	conta+	29,23	22	52	42,31
14	gost+	27,97	12	21	57,14
15	refinaria	27,52	8	11	72,73
16	vivência	27,19	5	5	100
17	cogit+	27,19	5	5	100
18	gosto	27,07	10	16	62,5
19	dinheiro+	23,63	7	9	77,78
20	computador+	26,31	6	7	85,71

Tabela 6 – Formas significativas da classe 2

Forma Reduzida (Palavra / Radical)	Formas associadas
folga+	folga (34), folgas (3)
embar+	embarcado (33), embarcada (14), embarcar (9), embarcados (3), embarco (2), embarca (1), embarcava (1), embarcando (1), embarcaria (1), embarquei (1)
trabalh+	trabalhar (51), trabalhando (14), trabalha (14), trabalhava (6), trabalhei (4), trabalharem (1), trabalhariam (1), trabalhado (1), trabalhamos (1), trabalhou (1), trabalhe (1), trabalham (1), trabalhávamos (1)
deslig+	desligar (7), desligava (2), desligou (1), desligando (1)
vida+	vida (20), vidas (1)
administrativ+	administrativo (9), administrativa (1)
oportunidade+	oportunidade (7), oportunidades (1)
conta+	conta (19), contar (2), contando (1)
gost+	gosta (3), gostaria (3), gostar (3), gostamos (1), gostando (1), goste (1)
cogit+	cogitei (2), cogitado (1), cogito (1), cogitando (1)
dinheiro+	dinheiro (6), dinheirinho (1)
computador+	computador (4), computadores (2)

Tabela 7 – Formas associadas - classe 2

Para melhor contextualização do universo da classe 2, destaca-se os segmentos de textos com maior valor de qui-quadrado absoluto, e com as palavras mais significativas em evidência (negrito e itálico):

“O *fator* externo *acaba* sendo a *família*, o *apoio* que *recebo*. Tem a *questão também* das *folgas*, porque *quando* estamos de *folga acabamos* por valorizar *mais* o serviço *embarcado*, pois é onde estamos usufruindo de um *direito* que adquirimos nesse sacrifício que é estar *lá trabalhando bastante*”. $\chi^2 = 592,16$ (Participante 8, homem)

“A *folga* em si é *primordial* porque você tem como descansar *mais* nesses 21 *dias* e isso sem falar da *faixa* salarial, porque quem *trabalha* em *escritório recebe* um valor, e nós que *trabalhamos embarcados ganhamos* um valor *além* disso por *conta* da periculosidade, reclusão...” $\chi^2 = 560,91$ (Participante 6, homem)

“O *peçoal costuma* brincar que já é ruim estar *embarcado, ainda mais tendo* que *trabalhar*. O que *acaba* ajudando é saber que vamos poder aproveitar de uma *folga* que talvez outras pessoas não possam desfrutar, e *também o apoio* da *família*.”
 $\chi^2 = 533,59$ (Participante 8, homem)

“... e no meu *período* de *folga* só se for uma coisa muito grave que eu tenha que *voltar* pra *embarcar*, pra quebrar esse *período* de *folga*. Fora isso, você *consegue desligar*, não totalmente, *claro*, mas é diferente. Você que *trabalha* numa área *administrativa* pode saber melhor que eu.” $\chi^2 = 513,06$ (Participante 1, homem)

“Eu não *planejo trabalhar* o resto da minha *vida embarcada*, mas enquanto eu não tiver *filhos* eu acho que é *tranquilo trabalhar embarcada*. Então, eu *cogito*, mas não uma coisa passada, mas uma coisa futura. A *folga* é o maior impeditivo para eu *parar de trabalhar embarcada*.” $\chi^2 = 487,27$ (Participante 11, mulher)

“O que *impulsiona* pra eu *conseguir* fazer o que eu faço, subir no helicóptero, *embarcar*, *trabalhar* a minha quinzena, as vezes *até* fazer uma hora extra, perder a minha *folga*, é uma condição melhor pra minha *família. Ponto*. Entendeu?” $\chi^2 = 469,33$ (Participante 1, homem)

Apresenta-se, também, demais segmentos de texto com maior valor qui-quadrado relativo:

“Se eu pudesse escolher um caminho, a princípio, dentro de uma empresa, eu escolheria o *embarcado* mesmo.” $\chi^2 = 159,69$ (Participante 6, homem)

“Não. Se eu pudesse eu teria ido *trabalhar embarcado* muito antes... nunca nem tinha *trabalhado* em *terra*, porque é o meu perfil, eu sou bruto, uma pessoa que *trabalha* com a força.” $\chi^2 = 104,71$ (Participante 7, homem)

“A *folga* não é condicionante pra eu querer *trabalhar embarcado*. Meu problema não é... assim... o meu *bônus* é a *folga*, mas o meu ônus é muito pesado.” $\chi^2 = 98,1$ (Participante 1, homem)

“Me questionam como eu posso trabalhar embarcada. Falam que eu tenho que sair, tenho que trabalhar em terra. Enfim, eles enxergam um risco maior do que eu de fato vivencio no meu ambiente de trabalho.” $\chi^2 = 79,69$ (Participante 9, mulher)

“É, eu esqueci de... eu não queria comentar com vocês, mas eu não *embarco* por *dinheiro*, nem pela *folga*, eu *embarco* porque eu tenho silêncio. Solidão é *tão bom!*” $\chi^2 = 75,1$ (Participante 1, homem)

“Sofri, mas não na P4, mas foi em *terra. Embarcado* eu nunca sofri nenhum acidente. Nas quatro *funções* em que estive na P4 nenhum acidente meu foi *registrado*.” $\chi^2 = 65,45$
(Participante 7, homem)

CLASSE 1 – MEDOS E ACIDENTES

A classe 1 representa 24,9% do conteúdo analisado, e seu conteúdo está associada aos profissionais com formação técnica ou superior incompleto, àqueles com idade a partir de 35 anos, aos indivíduos com filhos, e àqueles que são casados. Na tabela 8 são apresentadas as 20 palavras com maior grau de associação à classe, e na tabela 9 apresenta-se as formas associadas.

#	Forma Reduzida (Palavra / Radical)	χ^2	Frequência na classe	Frequência no corpus	% na classe
1	Mundo	86,12	31	33	93,94
2	Medo	44,25	21	26	80,77
3	Marc+	39,97	16	18	88,89
4	offshore	35,41	26	42	65
5	Conhe+	31,55	22	33	66,67
6	cidade de são mateus	30,13	15	19	78,95
7	Gente	29,66	57	127	44,88
8	Bordo	28,01	12	14	85,71
9	Ano+	26,28	37	74	50
10	Cheg+	22,47	44	98	44,9
11	+aqui	21,11	34	71	47,89
12	Acidente+	20,98	51	121	42,15
13	Pass+	20,54	38	83	45,78
14	Imagin+	20,36	15	23	65,22
15	Quer+	19,57	41	93	44,09
16	Lig+	18,59	20	36	55,56

17	trabalhar	18,51	85	236	36,02
18	petróleo	18,49	15	24	62,5
19	Fal+	18,25	72	193	37,31
20	Emprego	18,21	6	6	100

Tabela 8 – Formas significativas da classe 1

Forma Reduzida (Palavra / Radical)	Formas associadas
Marc+	Marcou (11), marcada (1), marcava (1), marcam (1), marcaram (1), marcasse (1), mercado (1)
Conhe+	Conhecia (7), conheço (6), conhece (6), conheci (2), conhecendo (1), conhecer (1), conheciam (1), conhecem (1)
Ano+	Anos (30), anos (9)
Cheg+	Chega (10), chegar (10), cheguei (10), chegou (5), chegando (3), chegaram (3), chegam (2), chegava (2), chegado (1), chegamos (1), chego (1)
+aqui	aqui (30), daqui (5)
Pass+	Passar (12), passa (8), passou (6), passei (5), passando (4), passaram (2), passaria (1), passavam (1), passava (1), passe (1), passarem (1)
Imagin+	Imagina (9), imaginava (3), imaginam (1), imaginar (1), imagine (1)
Quer+	Quer (16), quero (9), querendo (8), querer (4), queria (3), quis (2), queremos (1), queríamos (1)
Lig+	Liga (6), ligado (4), ligar (3), ligando (3), ligo (2), ligava (2), ligamos (1), ligada (1), ligou (1)
Trabalh	Trabalhar (34), trabalhando (17), trabalha (16), trabalhei (8), trabalhava (5), trabalharia (4), trabalham (4), trabalhamos (3), trabalhavam (3), trabalhado (2), trabalharam (2)
Fal+	Falar (27), falei (21), falando (14), falo (7), fala (6), falou (5), falam (4), falava (2), falarem (1), falavam (1)

Tabela 9 – Formas associadas - classe 1

Para melhor evidenciar o contexto da classe 1, destaca-se alguns segmentos de textos associados com maior valor de qui-quadrado absoluto, e as palavras mais significativas evidenciadas em **negrito** e *itálico*:

“*áí tá todo mundo desesperado querendo baixar índice. E eu, com a minha insignificância fico calado, porque já tá no horário de serviço, não é? Nesse horário agora eu posso falar bem assim, vou até mandar tomar naquele lugar.*” $\chi^2 = 297,36$ (Participante 1, homem)

“*Cara, pra mim, acidente que mais marcou foi o acidente do Cidade_de_São_Mateus, na costa do Espírito Santo, entendeu, próximo de Aracruz, porque... eu não tenho medo de falar eu fico emocionado, muito emocionado porque eu perdi um amigo.*” $\chi^2 = 268,34$ (Participante 1, homem)

“*... todo mundo... um olha para o outro porque a unidade onde eu trabalho tem umas particularidades, assim, absurdas, cara, absurdas mesmo. Mas é outro bate papo... Então, sim a gente fala, eu falo, todo mundo fala, frequentemente, diariamente*” $\chi^2 = 266,36$ (Participante 1, homem)

“*Tinha conversado com ela, com o marido dela e tal. Aí ele estava desesperado porque ele estava de folga, ela estava embarcada e a gente tentando... ligamos pra todo mundo, fizemos na época... tentamos falar até com o gerente_geral. O relato dela é totalmente diferente do relato corporativo*” $\chi^2 = 265,79$ (Participante 1, homem)

“*... eu vi água para tudo quanto é lado e uma extensão 220v aqui e todo mundo trabalhando com pé na água né, com bota, com não sei o que e todo mundo, ai chegou... tava eu e o supervisor... eu falei: caralho fulano, tá errado!*” $\chi^2 = 256,83$ (Participante 1, homem)

“*... eu vi água para tudo quanto é lado e uma extensão 220v aqui e todo mundo trabalhando com pé na água né, com bota, com não sei o que e todo mundo, ai chegou... tava eu e o*

supervisor... eu *falei*: caralho fulano, tá errado!” $\chi^2 = 256,83$ (Participante 1, homem)

“*Fica desesperado, toda família* já estava *ligando* pra *empresa, sabendo...* que foi que pegou fogo... entendeu? *Ligando* pra *todo mundo* que *conhecia*, aconteceu alguma *coisa?* *A gente não consegue comunicação.*” $\chi^2 = 255,95$ (Participante 1, homem)

Apresenta-se, também, demais segmentos de texto com maior valor qui-quadrado relativo:

“...isso *quer* dizer que isso é de um risco enorme, tanto que as *plataformas* são consideradas as que tem maior nível de risco do *mundo*, que é o nível 4.” $\chi^2 = 40,18$ (Participante 7, homem)

“Estar em uma *plataforma* de *petróleo* é você estar num ambiente de trabalho com o maior risco de vida do *mundo.*” $\chi^2 = 39,82$ (Participante 7, homem)

“A *gente* conversa sempre que alguém... alguma situação na passagem de serviço, no dds. Já tiveram várias situações. Um exemplo: piso gradeado, alguém vê que está meio bambo... aí vai *lá* e isola e *depois passa* para *todo mundo.*” $\chi^2 = 30,73$ (Participante 2, mulher)

“Então, eu considero que você estar dentro de uma *plataforma* é algo arriscado *porque* seria necessário que você tivesse uma confiança absoluta em *todo mundo*, em 160 pessoas, ou pelo menos confiar no grupo com quem você está *trabalhando.*” $\chi^2 = 30$ (Participante 5, homem)

“Eu vi o quanto a *gente* vale pra cada empresa... isso *não* é demérito *não*, isso é *normal* do *mundo*. A empresa *não* tem coração, a empresa tem CNPJ, e nós *não* somos donos, nós

somos números.” $\chi^2 = 28,70$ (Participante 1, homem)

“*Porque todo mundo* já tem a vida de cada um na mão ali, então você *virando*... você tá ainda... uma responsabilidade... *assim*, eu nunca *quis* isso pra mim [cargo de chefia] mas eu tenho certeza que hoje...” $\chi^2 = 28,41$ (Participante 1, homem)

5.2. ANÁLISE DO PLANO FATORIAL

O software Iramuteq proporciona, como uma das suas funcionalidades, a projeção de nuvens de palavras de cada classe resultante da CHD em uma representação gráfica cartesiana, o que nos permite uma melhor visualização da relação que elas estabelecem entre si (Camargo & Justo, 2013). Pode-se observar na figura 15, que apresenta as classes em um plano fatorial, que a nuvem de palavras da classe 4, que foi a primeira a se separar na CHD, não tem relação com as demais classes. A classe 3, que foi a seguinte a se separar do *subcorpus* A, está no mesmo conjunto que as classes 2 e 1, apesar dessas últimas duas terem maior relação entre si. As classes 2 e 1, originadas da divisão do *subcorpus* B, estabelecem uma oposição dentro do próprio universo semântico, ou seja, estão emaranhadas como se fosse uma única nuvem de palavras, localizadas a maior parte no quadrante superior esquerdo.

apresentada na tabela 8, optou-se por submeter a análise ao Iramuteq sempre com duas opções dentro das variáveis, por exemplo: idade até 34 anos e 35 anos ou mais. Isso se deve a uma tentativa de facilitar a identificação de associações, já que o qui quadrado nesse caso é menor ($GL=1$)

Destaca-se como relevantes alguns contrastes encontrados nas seguintes variáveis “escolaridade” e “idade”, por apresentarem qui-quadrado significativo, seguidos de segmentos de texto onde estão inseridos, representados nas figuras 16, 17, 18 e 19:

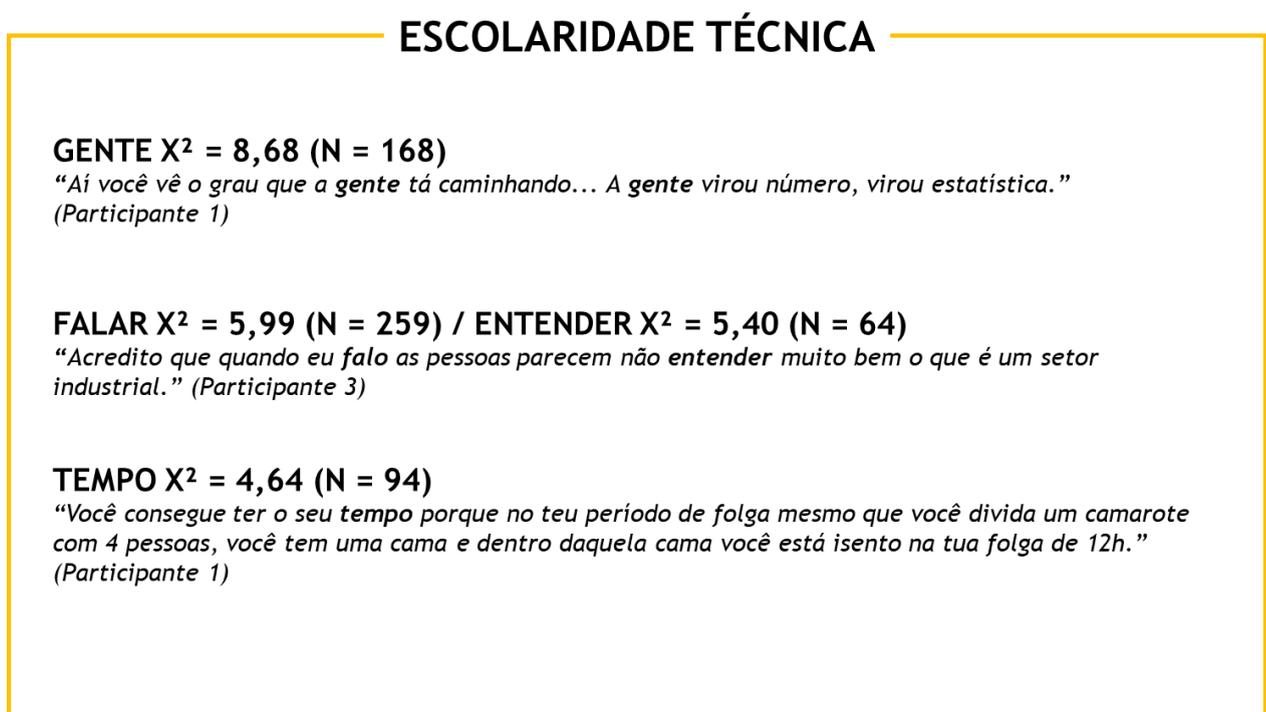


Figura 16 – Análise de Especificidades – Escolaridade Técnica

ESCOLARIDADE SUPERIOR

ATIVIDADE $X^2 = 6,68$ (N = 46) / RISCO $X^2 = 5,09$ (N = 330)

“Eu considero o trabalho arriscado sim, mas trabalhamos justamente para diminuir esse risco, diminuir essa probabilidade de ter algum dano inerente a atividade e ao local em que trabalhamos” (Participante 9)

TAREFA $X^2 = 5,23$ (N = 23)

“Em qualquer área industrial em que o trabalhador não se sinta à vontade para executar determinada tarefa ele tem o direito de recusa.” (Participante 7)

SERVIÇO $X^2 = 4,74$ (N = 97)

“Hoje eu sinto menos a pressão da chefia na liberação do serviço.” (Participante 8)

OPERACIONAL $X^2 = 4,62$ (N = 29)

“Na plataforma eu me sinto mais seguro do quando eu trabalhava na refinaria... Eu vejo um comprometimento maior do pessoal com a parte de segurança operacional do que na refinaria.” (Participante 4)

Figura 17 – Análise de Especificidades – Escolaridade Superior

IDADE - ATÉ 34 ANOS

ACHAR $X^2 = 13,30$ (N = 272) / TRANQUILO $X^2 = 4,56$ (N = 30)

“Eu comentei com você que eu trabalhava em uma refinaria... Lá eu achava mais arriscado, mas para minha mãe o fato de eu estar em terra naquela época já a deixava mais tranquila. A minha esposa já é mais tranquila.” (Participante 4)

ACABAR $X^2 = 5,97$ (N = 102)

“Agora, a parte do confinamento realmente pesa, porque ele acaba potencializando outras questões.” (Participante 8)

CERTO $X^2 = 4,08$ (N = 49) / FAZER $X^2 = 5,54$ (N = 618)

“Em relação aos meus colegas, tem essa coisa do exemplo. Quando eu os vejo fazendo o certo, inevitavelmente eu vou fazer o certo. O ser humano é assim.” (Participante 11)

Figura 18 – Análise de Especificidades – Idade: até 34 anos

IDADE - 35 ANOS OU MAIS

TRABALHAR $X^2 = 5,99$ (N = 331) / PETROBRAS $X^2 = 4,73$ (N = 67)

*“Quando você trabalha numa empresa... Como eu vou falar sem falar mal da Petrobras...”
(Participante 4)*

MUNDO $X^2 = 5,02$ (N = 43)

“Estar em uma plataforma de petróleo é você estar num ambiente de trabalho com o maior risco de vida do mundo” (Participante 7)

“... então você vai aprendendo a conviver com as pessoas e você começa, invariavelmente, a virar tua família. Você sabe quando teu irmão ou tua mãe não tá legal... Então isso já cria um hábito de todo mundo.” (Participante 7)

Figura 19 – Análise de Especificidades – Idade: 35 anos ou mais

6. Discussão dos Resultados

O presente capítulo dedica-se a discutir os resultados apresentados anteriormente, com auxílio do software Iramuteq, norteado pelos objetivos da pesquisa: 1) identificar elementos de RS de risco para trabalhadores offshore; 2) compreender como se dão os processos de ancoragem e objetivação em relação à representação social do risco para trabalhadores offshore e 3) verificar as práticas cotidianas desses trabalhadores, com base em seus relatos, que podem estar sendo orientadas pela forma como compreendem a questão do risco.

Como foi visto, a Classificação Hierárquica Descendente separou o conteúdo das entrevistas em 4 classes distintas, cada uma com um universo semântico próprio. A classe 4 foi a primeira a se separar do restante do *corpus*, e possui conteúdo mais diverso do restante, marcado principalmente por termos técnicos, descrições e referências à conceitos, como por exemplo, a diferença conceitual entre “risco” e “perigo”. Nessa classe há também uma separação entre os riscos intrínsecos à plataforma, ou seja, um navio que produz e armazena produto inflamável em altas pressões, além das atividades específicas de cada profissional dentro do processo de produção, e os riscos considerados extrínsecos à plataformas, mas relacionados às condições de trabalho, como por exemplo, o transporte por helicópteros e o trânsito em rodovias no deslocamento para o embarque. Os participantes 7 e 5 tem grau de associação significativo a essa classe ($\chi^2 = 14,28$ e $\chi^2 = 12,01$ respectivamente), contribuindo decisivamente para esse conteúdo.

De forma geral, os participantes demonstraram conhecimento do conceito de segurança ao detalhar de forma correta a diferença entre risco e perigo, apesar de alguns trocarem os conceitos. Nenhum, contudo, respondeu não saber. Interessante notar que, apesar de saber que há diferença entre os termos, quando vão dar exemplos muitas vezes eles utilizam risco e perigo como sinônimos. Um dos relatos evidencia a tentativa de explicar a diferença entre os conceitos de risco e perigo: “*Perigo é uma coisa perigosa, e risco é uma probabilidade*”.

Percebe-se uma uniformidade na maneira de explicar essa diferença, sobretudo com um exemplo específico de uma situação hipotética com a presença de um leão próximo a alguém e da existência ou não de uma jaula os separando. Isso provavelmente pela utilização recorrente desse exemplo em treinamentos sobre o tema segurança, o que demonstra uma unidade na estrutura de formação desses profissionais. *“O perigo é o leão, se o leão estiver na jaula o risco é minimizado.”*

Ponto que chama a atenção nessa classe é uma separação entre riscos inerentes a plataforma, tais como explosão, gases, pressão, e outros tipos de riscos, que são decorrentes da condição de trabalhador embarcado, tais como relações familiares conflituosas, deslocamento no trânsito até o aeroporto, voo de helicóptero. Entre esses exemplos, contudo, destaca-se o risco presente no voo de helicóptero, que é mencionado por diversos entrevistados. Em relação a isso, um dos participantes afirma: *“Olha, a questão do helicóptero sempre me deixa apreensivo”*.

Convém registrar que as percepções de risco não se limitam a essas exemplificadas, tendo aparecido durante as entrevistas outros pontos, como a percepção de riscos a longo prazo, o que inclui preocupação com o trabalho com produtos químicos e consequentes doenças dessa exposição, notadamente o câncer. De toda forma, parecem ganhar mais ênfase os riscos a curto e médio prazo.

Uma característica marcante dessa classe é um aparente distanciamento emocional com o qual o entrevistado descreve os riscos da sua atividade. O participante cita os riscos de maneira aparentemente “protocolar”, formal. Percebe-se, ainda, uma predominância de termos técnicos e referência a regras e procedimentos, o que demonstra um pertencimento desse conteúdo ao universo reificado/científico. Isso pode se relacionar ao fato de a entrevista ainda estar no início, e o entrevistado ainda se adequando ao tema, e imprimindo uma postura de resposta de desejabilidade social

A figura 20 busca sintetizar os principais resultados da classe 4.

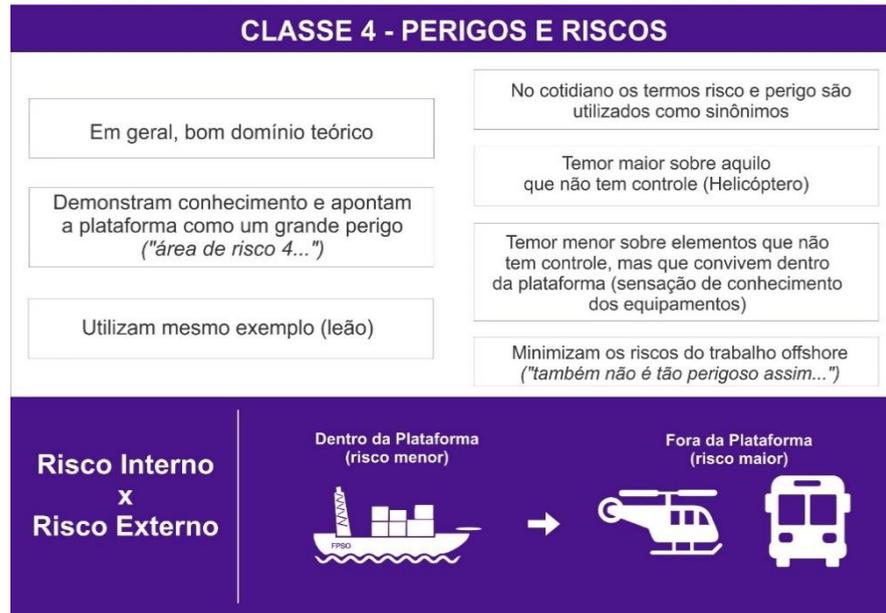


Figura 20 – Resumo dos elementos da Classe 4

Numa análise integral da CHD, é possível comparar a classe 4 às demais e perceber que nela há um aparente formalismo por parte do participante. Os entrevistados apenas descrevem situações de risco a que estão submetidos como se estivessem citando qualquer outro procedimento rotineiro. Sá (1998), com base na teoria moscoviciana, nos apresenta a diferença entre universos reificados e universos consensuais, sendo o primeiro referente a um saber formal, científico, dominado e partilhado por especialistas dentro de um sistema hierárquico em que a qualificação é o que legitima o indivíduo, enquanto o segundo é descrito como o saber do senso comum, onde o conhecimento é reproduzido e repassado livremente. Temos na classe 4 a predominância de elementos condizentes com o campo reificado, por evidenciar a presença de conhecimento de característica mais “formal”. No caso do presente estudo, tal diferenciação parece se fazer presente, uma vez que o dendrograma de classes da CHD explicita uma nítida separação entre esses universos, com uma apresentação, na classe 4, de uma explicação mais conceitual de risco e perigo, ao contrário do que se evidencia no eixo formado pelas demais classes (1, 2 e 3), que, predominantemente, abordam aspectos do campo mais prático e informal.

Importante lembrar que a dinamicidade das RS permite observar que até mesmo dentro da classe 4 – com elementos mais relacionados ao universo reificado – há uma reprodução de um exemplo que foi dado para explicar um conceito técnico sendo reapropriado no universo consensual, que é o exemplo do leão e da jaula, muito citado pelos participantes. Tão citado a ponto de um participante mencionar que “... *sempre aquele exemplo do leão na jaula*”. Vê-se, nesse exemplo a função primeira das RS que é a de tornar familiar o não familiar, e nesse ponto não podemos deixar de levar em consideração a força de uma metáfora - para explicar um objeto intangível como o risco - que é reapropriada por esse grupo, pois “comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância” (Moscovici, 2015, p.72). Além disso, esse exemplo permite inferir a existência do processo de objetivação do risco para os participantes, pois, segundo Moscovici (2015), a objetivação diz respeito a “transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que exista no mundo físico” (p.61), ou definindo de forma mais precisa, “transformar a palavra que substitui a coisa, na coisa que substitui a palavra” (p.54). Nesse sentido, a imagem do leão surge espontaneamente em quase todos os depoimentos na tentativa de explicar o que é risco como uma forma mais palpável de compreendê-lo.

Essa classe também nos ajuda a identificar possíveis determinantes sociais que levam a formação das RS de risco: a dispersão da informação, pois são disponibilizadas no trabalho e fora dele informações sobre o que seria risco; a focalização, porque os empregados se utilizam de um mesmo exemplo que, de tudo o que apreenderam, é aquilo que mais faz sentido para eles; e a pressão à inferência, que estimula esse grupo de entrevistados a encontrar algumas referências comuns para explicar o risco, sendo o exemplo do leão utilizado por todos do grupo.

Ainda na classe 4, a questão dos riscos extrínsecos à plataforma, como o deslocamento até o aeroporto e também o voo de helicóptero, aparecem de forma recorrente **no discurso dos entrevistados**. Na pesquisa “*Viver é muito perigoso: a representação social do risco*”, de Moraes et al. (2009), realizada com 16 funcionários de uma indústria da região do Vale do Paraíba Paulista

(SP), surge um tema que trata dos riscos específicos da Rodovia Presidente Dutra, principal via de acesso para os funcionários chegarem até a empresa. Os autores destacam como um dos motivos para latência do tema as constantes inserções na imprensa, que levariam a uma associação da Rodovia a ocorrências de acidentes (Moraes et al., 2009). Nesse ponto, as preocupações quanto a questão do trânsito se assemelham ao encontrado no presente estudo em relação ao transporte e deslocamento para as plataformas. No entanto, a questão do helicóptero parece ter motivo diferente, já que as ocorrências de acidentes aéreo dessa categoria são inferiores as ocorrências de trânsito²⁵. Um dos primeiros pontos que pode explicar que a apreensão com o voo de helicóptero seja ainda maior que na estrada é a falta de controle que o profissional tem durante a viagem, cabendo a ele apenas aguardar a chegada na plataforma. Isso vem de encontro à necessidade do ser humano de ter o domínio sobre suas atividades, sobretudo as que o expõe ao risco (Moraes et al., 2009). Outro ponto que conduz à reflexão é a questão de os acidentes de helicópteros ser o fator de risco mais apontado por esse público como no depoimento de um dos entrevistados que afirma que: “...*ao meu ver, um dos maiores perigos que eu corro é uma queda de helicóptero*”.

Um aspecto relevante é que esse é um meio de transporte não usual para a maioria da população, assim, os riscos são exclusivos a esse grupo. Além disso, o temor é acentuado quando vemos eventos de acidentes de helicóptero na indústria offshore, particularmente quando acontece na mesma empresa, como foi o caso do acidente ocorrido em 2011 com o helicóptero AW-139²⁶, na Bacia de Campos, durante operação da Petrobras e que deixou 4 mortos.

²⁵ <http://helimarte.com.br/helicoptero-esta-entre-os-veiculos-mais-seguros-do-mundo/> (Recuperado em abril de 2019)

²⁶ <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/08/cenipa-apura-acidente-com-helicoptero-da-petrobras.html> (Recuperado em abril de 2019)

Outro fator marcante para essa compreensão de risco em relação ao voo de helicóptero são os próprios cuidados e treinamentos que envolvem a preparação do trabalhador para a viagem, considerando que ele utiliza esse meio de transporte regularmente. O mais simbólico no meio offshore, e que causa maior apreensão nos trabalhadores, é o HUET²⁷, sigla em inglês para Treinamento de Escape de Helicóptero Submerso, sendo “comumente oferecido a militares e trabalhadores em plataformas offshore petrolíferas ou de gás, que costumam ser transportados de helicóptero em voo sobre a água.” (Frangos, 2018, p.25). Frangos (2018) publicou um trabalho no qual são descritos procedimentos de avaliação médica e liberação para esse treinamento, que “inclui um questionário de saúde, exame médico, rastreamento cardiovascular, ACF e liberação” (p.25), para que o trabalhador seja autorizado a se submeter ao treinamento. Isso porque nesse curso o participante é submetido a uma simulação de aterrissagem forçada na água, sendo que num dos prováveis cenários, o módulo de treinamento que simula a aeronave é submerso numa piscina, enquanto faz uma rotação de 180 graus, obrigando o participante, a escapar (após se protegerem contra o impacto, identificar as saídas, esperar o término da rotação da hélice da aeronave e se livrar do cinto de segurança e da janela da cabine) (Frangos, 2018). O treinamento por si só representa um elemento estressante quanto ao voo do helicóptero²⁸, sendo comum alunos serem reprovados por desistirem de completar os exercícios, por se sentirem mal durante os exercícios, ou por não atenderem os requisitos médicos antes do treinamento.

Segundo Denise Jodelet (2001), a pesquisa no campo das representações sociais deve privilegiar os aspectos afetivos, mentais e sociais, a integração com a linguagem e a cognição, levando em conta as relações sociais nas representações. Para Jodelet (2005), deve-se levar em

²⁷ Helicopter Underwater Escape Training (<https://www.opito.com/standards/helicopter-underwater-escape-training-huet-with-compressed-air-emergency-breathing-system-ca-ebs> Recuperado em junho de 2019)

²⁸ O autor recentemente se submeteu a esse treinamento para poder vivenciar a experiência de embarque.

consideração duas dimensões das experiências dos indivíduos: a cognitiva e a emotiva, sendo que esta diz respeito a forma como o indivíduo experimenta e sente emocionalmente, e aquela refere-se a uma reapropriação e reconfiguração da realidade a partir da experiência adquirida e de acordo com a pertença social. Assim, os objetos, os indivíduos e os eventos são percebidos e compreendidos de acordo com experiências anteriores e “a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a realidade” (Moscovici, 2015, p.55). A memória em relação aos acidentes com helicópteros parece marcante no relato dos participantes, como se pode notar nas falas a seguir: *“Temos diversas situações de helicópteros que se forem negligenciados determinados fatores, caem na água, como já aconteceu em que colegas faleceram”*; *Houve um acidente também interessante que foi quando um helicóptero caiu no mar, e esse aí teve óbito. Teve o acidente do super-puma²⁹, é um outro acidente... olha a questão do helicóptero sempre me deixa apreensivo*”. No intuito de evitar contradições dentro da análise, mencionou-se que na classe 4 há uma postura de maior formalismo por parte do entrevistado, mas destaca-se que não é possível afirmar que não há conteúdos em que o participante não tenha demonstrado envolvimento emocional. Até porque as classes de discurso não são completamente independentes, ou seja, considerando que elas se inter-relacionam, como se alguns trechos se localizassem numa transição entre as classes. Esse trecho citado acima, por exemplo, quando comparado ao restante do conteúdo da classe 4, apresenta um maior apelo emocional, mas ainda assim mais distante emocionalmente se comparado às demais classes pertencentes ao eixo que apresenta conteúdos mais alinhados ao universo consensual.

A análise de Arruda (2009) reforça a importância das conexões emocionais ao afirmar que a construção das RS se dá por meio de “um fluxo de afetos, imaginários, estilos cognitivos e se

²⁹ Super-Puma – modelo de aeronave da Eurocopter.
(https://pt.wikipedia.org/wiki/Eurocopter_AS332_Super_Puma Recuperado em abril de 2019)

configura por meio de processos que, sendo sociais, são ao mesmo tempo psicológicos.” (p. 742). Um dos entrevistados alerta para esse ponto ao afirmar que *“o contar a história depende de quem conta, quem vivenciou... eu posso falar assim se falar do meio offshore.”*

A classe 3 é constituída principalmente por conteúdo discursivo de profissionais mais jovens e com menos experiência. Tal conteúdo parece revelar uma avaliação crítica frente a conceitos formais/científicos que regem as questões de segurança numa plataforma. Um dos participantes afirma que *“Às vezes esses procedimentos de segurança são feitos por pessoas que não estão vivenciando no local, não vivenciam aquela realidade, e que muitas vezes não tem como ser feitos, aí eu não consigo fazer o meu trabalho.”*. Os participantes 8 e 4 tem grau de associação significativo a essa classe ($\chi^2 = 21,63$ e $\chi^2 = 18,92$ respectivamente), contribuindo decisivamente para esse conteúdo.

O conteúdo da classe 3 ilustra o entendimento, por parte dos profissionais mais novos, de que os profissionais mais experientes e, nesse caso, também com mais idade, são resistentes a mudanças nos procedimentos mesmo quando justificadas como tornando a tarefa mais segura. *“Os mais antigos têm uma tendência a serem um pouco mais resistentes quando tratamos de certas mudanças no procedimento. Já ouvi frases como: ah, nós já cansamos de fazer dessa forma a execução desse trabalho... isso às vezes ouvimos”*, afirma uma das entrevistadas. O cansaço, aliás, parece ser um dos principais justificadores para as atitudes dos trabalhadores mais experientes, como se tivessem percebido ao longo do tempo que não conseguiam mudar a forma como as coisas eram determinadas, e por isso acabaram se conformando. Reforçando essa ideia, o conteúdo da entrevista com esses trabalhadores (mais experientes e com mais idade) sugere menor questionamento das práticas por parte desses profissionais: *“Primeira coisa é que dentro da empresa devo cumprir os padrões e os procedimentos. Dentro desses 17 anos tudo o que eu fiz ou que precisei coordenar para que outras pessoas o fizessem, teve que ser dentro dos padrões.”*, afirma um dos participantes

Há algumas referências nos depoimentos de práticas diferentes do que o orientado formalmente, assim como ao acréscimo de ações aos procedimentos já existentes, mas com a justificativa sempre de considerar a forma como procedem mais segura e eficiente que o padrão da empresa, como por exemplo: *“Então, às vezes tinha um determinado procedimento que nos orientava a acionar determinada válvula, por exemplo. Nós criamos o hábito de colocar um cinto de segurança para acionar aquela válvula. Não é algo que está no procedimento, mas aumentou a segurança da operação e depois veio a ser adaptado no procedimento.”* Também se evidencia que os profissionais, nesse contexto, reconhecem o seu papel na segurança e enxergam a necessidade de cooperação com a empresa quanto a essa questão, especialmente quando perguntados sobre o percentual de responsabilidade que eles teriam em relação a própria segurança. *“Eu vejo que deve ser um equilíbrio: 50 por cento empresa e 50 por cento empregado. Ambos têm que se preocupar. Se só um se preocupar não adianta”.*

Outro ponto que pode ser destacado na classe 3 é a referência a uma estrutura hierárquica bem definida e o papel que cada profissional exerce nas práticas cotidianas de trabalho. Há segmentos de texto associados a essa classe que registram, por exemplo, o quanto os procedimentos dependem da atuação do superior/gestor. Destaque para a palavra “coordenador”, que aparece entre as mais associadas à classe. Além dessa, há ainda outras palavras que merecem destaque por reiterar a presença das relações hierárquicas nessa classe, tais como chefia, superior, supervisor, liderança e aval. *“A liderança, muitas vezes, se sente incomodada porque sabem que outra pessoa fez o mesmo serviço. Isso é complicado porque existe uma falta de nivelamento entre os executantes... cabe muito aquela percepção: o que para mim é arriscado pode não ser para o outro.”*. Ainda em referente às relações hierárquicas, é citado o nivelamento das lideranças imediatas e dos colegas com as prerrogativas da alta gestão da empresa, além de explicitar um distanciamento entre o que é planejado na visão mais estratégica e aquilo que realmente acontece na prática: *“Um cara bom*

para a empresa, hoje, mais uma vez, na minha visão, é aquele que se o chefe designar uma tarefa o cara vai lá e faz, sendo que o chefe não quer saber como é feito... mais ou menos assim. ”.

Ainda um último elemento que compõe a classe 3 e que exerce função marcante na dinâmica desse universo semântico é o aspecto punitivo em consequência do não seguimento de algum procedimento. A evidência lexical desse tema é marcada pelos termos “punição”, “erro”, “cobrança”, “responsabilidade” e “descumprir”.

Na figura 21 configura-se um quadro resumido com os principais elementos presentes na classe 3. Ao relatar esses aspectos, que aparecem associados as palavras mais representativas da classe, percebe-se uma marcante presença de elementos referentes ao universo consensual.

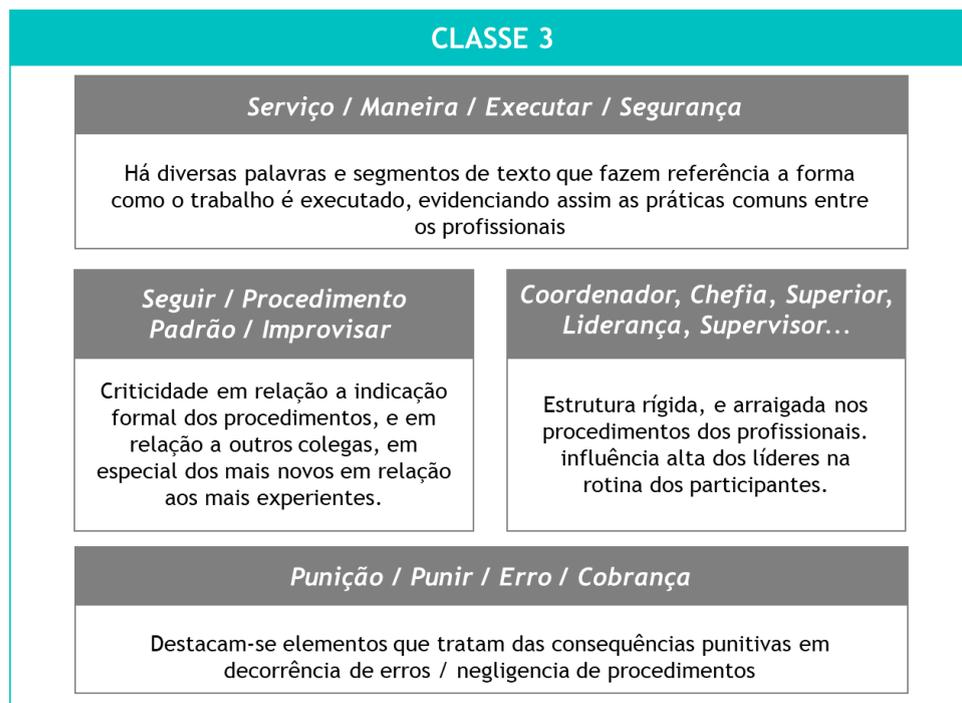


Figura 21 – Resumo dos elementos da Classe 3

Observa-se, na classe 3, que os relatos dos participantes discutem sobre como realizam os procedimentos de trabalho e como funciona a sua rotina. Aparentemente, nessa classe há uma reapropriação do universo das esferas acadêmicas e normativas da empresa, apresentados na classe

4, e sua aplicação no mundo cotidiano/prático. Semelhante ao que ocorre nesse sentido, Moscovici (2012), ao estudar a apropriação de um conhecimento científico por um leigo, nesse caso em relação à psicanálise, ele buscava conhecer, de modo científico, o próprio “senso comum”, ou seja, a forma como as pessoas tomam para si um conhecimento e o reproduzem, além dos hábitos, valores e crenças que permeiam o grupo.

Percebe-se que na classe 3 há quatro eixos temáticos principais: 1) As referências à forma como o trabalho é executado; 2) Uma criticidade em relação ao que é preconizado em termos de protocolos e procedimentos formais no que se refere às práticas, destacando como ideal a maneira de agir dos profissionais que hora seguem o manual de forma completa, hora adaptam o que é estabelecido; 3) Uma estrutura hierárquica rígida, evidência essa percebida não apenas a partir dos segmentos de texto, mas também pelas palavras mais associadas à classe, como “coordenador”, “chefia”, “superior”, “liderança”, entre outros; e 4) As referências às consequências punitivas quando não for seguido o que é preconizado na esfera normativa.

O primeiro aspecto da classe 3 chama a atenção por evidenciar a apropriação de um conhecimento estabelecido formalmente (presente na classe 4) por um grupo que o retrabalha e o reproduz, elaborando um conhecimento novo, que seriam as práticas da sua rotina de trabalho. Essa reconstrução de um saber científico foi detalhada por Moscovici (2015) como um dos aspectos das representações sociais. É preciso esclarecer que a representação não é uma soma dos saberes e práticas, nem a média deles, mas algo novo, recriado a partir disso, onde os indivíduos coletivamente constroem a realidade social (Moscovici, 2015) Um dos participantes cita o que acontece: *“Então, os procedimentos de segurança na PT são muito importantes para o exercício seguro do serviço, só que o que eu percebo às vezes é que faltam algumas coisas, algumas informações... aí temos que adicionar.”*

Jodelet (2001) explica que, por meio das RS, é possível compreender o mundo no qual o sujeito e o objeto estão inseridos, e lidar com ele. A necessidade da produção desse conhecimento

novo e a atitude crítica em relação às normas que consideram pouco o saber prático dos profissionais operacionais (segundo os entrevistados) é reforçada pelos trabalhadores que tem atuação diretamente ligada a atividade e ao risco, e aqueles que criam as orientações são vistos como pouco conhecedores da realidade, como destacado na fala: *“Eu vejo um distanciamento entre quem desenvolve o procedimento para quem de fato o executa”*. Destaca-se esse ponto como mais um fator que favorece a adaptação dos saberes formais em saberes práticos, produzindo novas representações que são “re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas” (Moscovici, 2015, p.37)

Os aspectos de liderança são enfatizados também na classe 3, onde os segmentos de texto sugerem que esse fator influencia de forma significativa nas práticas do grupo de profissionais embarcados, como vê-se por exemplo na declaração de um dos entrevistados: *“São as nossas atitudes que vão ser determinantes para essa mudança de comportamento, mas precisa começar pela liderança”*.

Simões, Pereira, Paggeto e Fávero (1999) publicaram o artigo “A Representação Social do líder construída por enfermeiros”, onde identificam, entre outros aspectos, o papel e a influência dos líderes na formação das RS. Dentre os resultados, destaca-se que a seleção e o atingimento dos objetivos é um dos temas relevantes no papel do líder. A questão principal é que “os objetivos brotam de muitas fontes e o líder deve considerá-los, dando sua contribuição pessoal, selecionando-os e reformulando-os” (Simões et al., 1999, p.71). Ao analisar os dados obtidos, percebe-se uma aparente dicotomia entre os procedimentos de segurança e a continuidade da produção, ou seja, é como se os profissionais tivessem que optar entre um comportamento que privilegie a segurança ou um comportamento que privilegie a produção, sendo impossível a coexistência dos dois. Isso é percebido a partir da atitude de alguns líderes de acordo com a visão dos entrevistados, pois em alguns momentos para agir de maneira segura seria preciso paralisar ou atrasar algumas tarefas. Oliveira (2003) trabalhou em seu artigo “Segurança e saúde no trabalho: uma questão mal compreendida” os aspectos do ordenamento formal do trabalho e os conflitos de poder, e relatou

que os trabalhadores enfrentam frequentemente um dualismo na execução do trabalho conforme as orientações formais. Isso porque percebe-se em vários momentos uma distância entre o que preconizam as normas escritas e aquilo que algumas vezes é orientado pelo líder imediato. O autor chama isso de “duplicidade de orientação sobre como realizar tarefas”. Com isso, os profissionais percebem uma “dificuldade de estabelecerem parâmetros entre a realização de uma atividade prática, por um ou mais trabalhadores, reproduzindo experiências acumuladas ao longo do tempo, sem orientação formal, e a realização da mesma atividade conforme prescrições formalizadas” (Oliveira, 2003, p. 9)

Além dessa duplicidade de orientação em relação as normas escritas e as orientações dos líderes, vê-se ainda um conflito com aquilo que o próprio profissional considera como procedimento ideal, que vem ao encontro do que se destacou como primeiro aspecto da classe 3, que tratava da criticidade e da reconstrução das normas formais da empresa no cotidiano. Sobre isso, Oliveira (2003) destaca que “é certo que o trabalhador age, de um lado, orientado pelos ditames da empresa; de outro, em função das condições de trabalho, mas também, e principalmente, pela consciência da realidade na qual ele está inserido” (p.6). Essa questão reforça o posicionamento crítico dos entrevistados em relação às normas escritas por não considerarem adequadamente a experiência e a visão prática dos operadores. Esse aspecto é facilmente identificado nos discursos dos entrevistados, como por exemplo na fala: “... *muitas vezes o procedimento não condiz em nada, ou muito pouco... ou seja, com uma aderência pequena ao que realmente é feito.*”. Percebe-se, portanto, elementos do universo consensual bem marcantes nessa classe, sendo que a todo momento esse saber comum, elaborado socialmente, questiona e se contrapõe ao saber formal.

Mais um elemento que merece destaque na classe 3 é a questão da punição que aparece não apenas com palavras associadas à classe 3, mas também nos segmentos de texto das entrevistas. Quando perguntado “*O que, na sua opinião, seria mais decisivo em influenciar uma mudança de comportamento do trabalhador offshore em relação a percepção de risco no trabalho a bordo?*”,

um dos participantes afirmou de imediato: *“decisivo eu acho que seria uma punição. A punição é vista como ferramenta necessária e eficaz para a regulação do comportamento dos profissionais offshore. Há aqui a presença de uma das funções da RS que é a justificadora, onde quando os indivíduos não agem de acordo com o preconizado pelo grupo o mesmo é punido de acordo com a conduta adequada, e no caso de uma plataforma de petróleo, deve-se levar em consideração que se tratam de atitudes que podem colocar os demais em risco. Santos (2005) destaca que a função justificadora tem por característica o delineamento de condutas em um meio social específico e a maneira de proceder que é sustentada pelas crenças do grupo em prol de determinada finalidade. Por outro lado, também está presente no aspecto punitivo a percepção de que o relacionamento com os funcionários teria melhores frutos se não se limitasse apenas a esse caráter: “... toda essa papelada, para quem está ali no chão de fábrica, muitas vezes soa como algo que é para o chefe te punir. Então, eu acho que se deve mudar essa cultura para aproximar um pouco essas áreas.”*

Alguns profissionais esclarecem que afastar o aspecto punitivo ou de delação ajuda a aproximar quando espontaneamente alguém tenta intervir em uma situação arriscada de um colega: *“Eu acho que da forma que abordo, e o fato de a pessoa saber que não estou ali para punir... isso, pelo menos pra mim, me dá uma abertura, e em todas as vezes que fiz isso a pessoa me agradeceu depois”*. Interessante notar a ambiguidade presente no discurso dos entrevistados em relação à punição: ao mesmo tempo que a reconhecem como uma ferramenta necessária e que deve ser usada, afirmam que ela pode prejudicar o ambiente na plataforma, e conseqüentemente o andamento do trabalho. Moscovici (2015) pondera que a comunicação proporciona uma estrutura de significados entre o emissor e os receptores, de maneira sucessiva, onde um complexo de ambiguidades é estabelecido, permitindo, assim, aos indivíduos partilharem um acervo não explícito de imagens e ideias aceitas em reciprocidade. Ao observar que o processo de pensamento consistia basicamente entre aceitar ou rejeitar ideias, Moscovici (2015) introduziu o conceito de *themata*, o qual explicava o papel das oposições e contradições na base da formação do pensamento de senso comum.

Marková (2006) sustenta essa ideia, ponderando ainda que o estudo das RS com foco nessas dicotomias/ambiguidades proporciona um conhecimento da base de formação do senso comum, onde são originadas as representações. Coutinho (2008) dedica parte de seu estudo na identificação dessas antinomias, apoiando-se na análise de Moscovici (2012), que considera essencial a caracterização desse processo por ser responsável em influenciar práticas e condutas, ao passo que também atuam como “núcleos semânticos”, estimulando a produção e direcionando a comunicação desses indivíduos. Como não foi objetivo do presente estudo, tal aspecto não foi melhor desenvolvido aqui.

A classe 2, que forma um eixo com as classes 3 e 1, destaca-se por tratar de temas do mesmo universo que a classe 1. Contudo, opõe-se em um sentido - enquanto a classe 1 trata dos aspectos negativos, a classe 2 trata dos aspectos positivos relativos ao risco no trabalho embarcado. Em um primeiro momento pode parecer um paradoxo associar pontos positivos e risco. Entretanto, nesse caso, percebe-se que essas representações congregam elementos que denotam vantagens, benefícios, para justificar eventuais prejuízos, danos ou riscos. O participante 9 tem grau de associação significativo a essa classe ($\chi^2 = 8,33$), contribuindo decisivamente para esse conteúdo.

Os pontos positivos aqui destacados não são provenientes do risco em si, mas da condição de valorização e benefícios concedidos aos profissionais que se expõe ao risco do trabalho embarcado, como a remuneração acima da média. Diversos participantes fazem declarações que são ilustrativas a esse respeito, como por exemplo: *“Eu vou passar 6 meses aqui trabalhando em escritório, e poderia até continuar aqui, mas não vou querer. Terminando aqui eu volto a embarcar porque tem uma perda salarial. Então quem trabalha embarcado vende a alma.”*

Também comparecem nessa classe aspectos relacionados à facilidades e comodidades decorrentes do trabalho confinado: *“Hoje eu não me vejo mais trabalhando administrativamente. Lá, em uma plataforma, você tem roupa lavada, comida feita... você também não precisa do trânsito para ir ao trabalho.”*

Algumas palavras e segmentos de texto associados a essa classe indicam outros pontos vistos como positivos nesse tipo de trabalho, como por exemplo, poder “se desligar” completamente no sentido de não levar preocupações para os momentos de folga. É o que se evidencia em alguns momentos das entrevistas: *“... no meu período de folga, só se for uma coisa muito grave que eu tenha que voltar pra embarcar, pra quebrar esse período de folga, fora isso você consegue se desligar”*

Destaca-se, ainda, a questão de o trabalho embarcado ser encarado como “oportunidade” profissional e como forma de obter retorno financeiro vantajoso. *“Logo que eu finalizei minha faculdade eu vislumbrava uma oportunidade na área da engenharia, e a plataforma foi uma oportunidade para poder oxigenar a carreira profissional”*

Outro ponto a ser enfatizado é que algumas palavras que tem um viés negativo estão associadas à classe 2, mas explicitando o que acontece na plataforma em comparação a uma rotina de trabalho administrativo. É o caso das palavras “estresse” e “cansaço”, por exemplo. Em alguns ST as palavras ainda aparecem juntas: *“Além disso, o trabalho em escritório exige muito mais. Mentalmente falando, você se cansa muito. É muita informação que a pessoa recebe ao longo do dia, e a sensação que eu tenho é que eu fico mais cansado”*

Vale notar ainda que a classe 2 apresenta uma dicotomia interna entre os aspectos que fazem o trabalho *offshore* valer a pena e os aspectos desfavoráveis em relação a esse trabalho. Os aspectos desvantajosos, nessa classe, se referem a fatores externos à rotina de trabalho propriamente, embora dela decorram. É o caso de dificuldades que envolvem questões familiares e de outras questões que precisam aguardar o retorno do embarque para dar continuidade: *“...o sentimento é de que muitas coisas ficam pendentes e que você só poderá resolver quando voltar.”* Há uma ambiguidade nos discursos dentro dessa classe, pois ao mesmo tempo em que exaltam os diferenciais e vantagens desse tipo de trabalho, afirmam que não pretendem trabalhar nisso para sempre, mesmo aspecto que surge na pesquisa de Coutinho et al. (2019).

Contudo, dentro dessa classe, essa dicotomia parece ser superada quando considerados os benefícios do trabalho embarcado, em especial, a questão da “folga”. O qui-quadrado estatisticamente significativo desta palavra ($\chi^2 = 161,44$) evidencia sua importância na classe, e denota seu papel como fator de motivação para a permanência no trabalho embarcado, mesmo diante dos riscos inerentes à atividade. “... *a folga é o maior impeditivo para eu parar de trabalhar embarcada*”. A grande diferença desse período de folga para os participantes é a possibilidade de se desligar completamente das questões do trabalho, conforme já mencionado anteriormente ao citar a diferença do trabalho embarcado para o administrativo. Contudo, quando a palavra “folga” surge aparecem adjetivos até mesmo inusitados, mas que dão ênfase a esse benefício na vida do trabalhador offshore: “*Os 21 dias, sem contar as horas de viagem, nos dão liberdade de ficarmos em casa e fazermos o que quisermos. São 21 dias gloriosos.*” (Participante 10, homem)

Cabe destacar que, outro elemento que aparece nessa classe como motivador para a permanência no trabalho embarcado é a família, seja como fonte de apoio, seja como estímulo para buscar melhores condições de vida. “*O que impulsiona para eu conseguir fazer o que faço, subir no helicóptero, embarcar, trabalhar a minha quinzena, as vezes até fazer uma hora extra, perder a minha folga, é uma condição melhor para minha família.*”

Percebe-se, portanto, que essa classe exerce papel fundamental na significação do risco para os trabalhadores no sentido em que estão presentes elementos que justificam a escolha por e manutenção em um trabalho arriscado. Vê-se aqui a presença de uma das funções da RS, a função justificadora, a partir da qual o indivíduo justifica “a posteriori” as opiniões e os comportamentos tomados (Abric, 1998). Além disso, importante destacar que as RS são formadas e se desenvolvem na dinâmica das tomadas de posição do indivíduo frente as questões que envolvam, entre outros pontos, o seu pertencimento a determinado grupo e o julgamento em relação a outros grupos. (Doise, 2010).

O esquema a seguir (figura 22) explicita as principais questões atinentes à classe 2 de forma resumida.

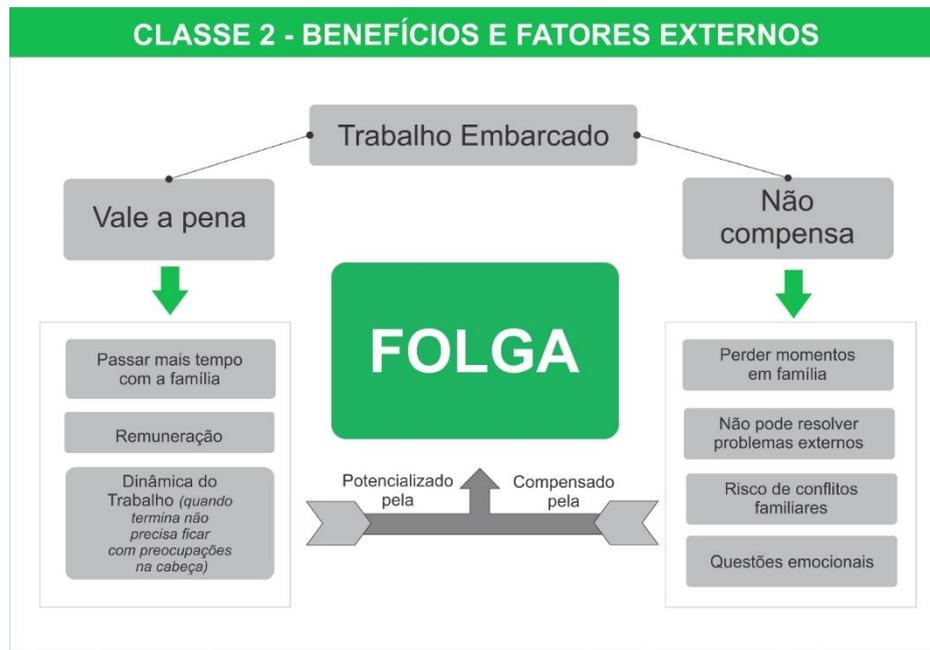


Figura 22 – Resumo dos elementos da Classe 2

A classe 1 destaca-se por apresentar descrições de risco e perigo numa linguagem menos “científica” e padronizada em comparação à classe 4, comportando palavras que explicitam conexões emocionais frente ao risco. O participante 1 tem grande relevância dentro dessa classe, com grau de associação significativo ($\chi^2 = 140,14$).

A palavra “mundo” ganha especial destaque nessa classe, referindo-se tanto a intensidade quanto a identidade de trabalhador de plataforma de petróleo, reafirmando a pertença a esse grupo (Doise, 2010) e o senso de coletividade: *“então você vai aprendendo a conviver com as pessoas e você começa invariavelmente a virar tua família. Você sabe quando teu irmão ou tua mãe não tá legal, então isso já cria um hábito de todo mundo.*

Nessa classe também aparece em destaque a palavra gente, aqui relacionada ao “grupo” de profissionais embarcados: *“O risco da gente não é somente explodir, porque existem outras coisas,*

como ruídos, por exemplo”. “*A gente sabe que não somos apenas nós, não é apenas eu que estou ali, sabemos que todos fazem e eu também tenho que fazer da melhor forma possível*”. Para a TRS, a formação das crenças partilhadas é influenciada pelas relações grupais. Por isso, a RS de um objeto é definida pelo pertencimento grupal (Moscovici, 2015). Doise (2010) pondera que a posição de um indivíduo no ambiente em que vive é um aspecto decisivo na compreensão da realidade. Assim, a forma de utilização do termo “gente” como explicitado acima reforça a presença de uma representação social desse grupo em relação ao risco por já atender aos critérios de holomorfose descrito por Wagner (1998; 1995), conforme citado por Wachelke e Camargo (2007, pp. 381 e 382):

O quarto critério denomina-se critério de holomorfose, segundo o qual as representações sociais sempre contêm referências à pertença grupal, por serem parte da identidade social. A respeito da questão sobre diferenças entre representações sociais e individuais, o critério de holomorfose adquire importância fundamental para delinear limites entre processos de pensamento localizados em pontos distintos do continuum individual - social. Enquanto o conhecimento mais individualizado baseia-se em experiências pessoais que não dizem respeito ao grupo, as representações sociais trazem meta-informações sobre ele. Cada indivíduo vinculado a um grupo possui, potencialmente, conhecimento sobre como outros membros se comportariam numa dada situação ou pensariam sobre ela (Wagner, 1998). As pessoas geralmente tendem a projetar suas crenças em outras pessoas que partilhem sua pertença grupal, quando se trata de crenças fundadas em representações sociais; o mesmo não acontece com crenças ligadas a representações individuais. As pessoas conseguem discernir com alguma competência entre crenças que são

partilhadas e formam um sistema de senso comum específico a um grupo ou categoria social, ou mesmo hegemônico, e entre representações que lhes sejam particulares. (Wagner, 1995).

Destaca-se ainda, nesse contexto, o critério de afiliação, “segundo o qual é possível delimitar uma realidade sócio grupal dentro da qual certa representação existe. É o lado objetivo do critério de holomorfose, permitindo validar este último” (Wagner, 1998, conforme citado por Wachelke, 2007, p. 382).

É possível correlacionar essa situação encontrada ao relatado por Moscovici (2003), quando menciona que até mesmo a forma diferente de utilizar os pronomes, como por exemplo “nós” e “eles”, pode expressar um contraste entre a indicação de um grupo ao qual pertencemos e outro grupo a parte. “A distância entre a primeira pessoa do singular e a terceira pessoa do plural expressa a distância que separa o lugar social, onde nos sentimos incluídos, de um lugar dado, indeterminado, ou de qualquer modo, impessoal” (Moscovici, 2003, p.50). E nesse contexto o termo “gente”, no sentido de “a gente”, indica a sensação latente de pertencimento a uma categoria diferenciada dos demais.

Outra ideia que aparece na classe 1 relaciona-se à fragilidade emocional frente ao risco presente no trabalho offshore, expressando a dificuldade dos profissionais de suportarem/lidarem com algumas situações, bem como o medo sentido frente à procedimentos de trabalho, à viagem de ida e volta às plataformas, à ocorrência de acidentes, conforme relata um dos participantes: “... *eu não aguento minha cabeça o tempo todo lembrando do cara gritando da dor que o rapaz estava sentindo, do desespero que o cara tinha sentido, e o cara falando que ia morrer, que ia morrer. Como é que eu vou trabalhar 14 dias?*”.

Uma das palavras com maior destaque nesta classe é “acidente”. Tal palavra é contextualizada a partir de outras, em especial a palavra “Cidade_de_São_Mateus”, em referência ao acidente ocorrido no FPSO de mesmo nome localizado na costa do Espírito Santo, em 2015, e

“marca/marcou”, como se pode notar em diversos segmentos de textos, como por exemplo: *“Para mim o acidente que mais marcou foi o acidente do Cidade de São Mateus, na costa do Espírito Santo, próximo de Aracruz, porque eu não tenho medo de falar... eu fico emocionado, muito emocionado porque eu perdi um amigo.”*. Além da proximidade temporal e de localização, esse acidente ainda levantou situações nas quais os familiares de profissionais embarcados em outras plataformas ficaram preocupados quanto a possibilidade de a ocorrência envolver seu familiar: *“Foi esse recentemente no Cidade de São Mateus. Eu estava embarcado, a notícia foi muito fragmentada, então eu tive familiares que achavam que o acidente era na plataforma em que eu trabalhava, nisso eu não consegui fazer contato porque eu estava dormindo, então gerou um estresse.”*. Vale destacar que o acidente do Cidade de São Mateus apareceu nos relatos de forma espontânea, antes mesmo da pergunta que questionava objetivamente qual o acidente mais marcante na opinião do entrevistado.

Ainda relacionado a questão do medo, nessa classe aparecem as palavras “pai”, “mãe” e “esposo (a)”, que são mencionadas em referência a pessoas com as quais os entrevistados se preocupam ou com as quais podem contar. *“Eu falei: pai, se um dia acontecer alguma coisa comigo, na minha carteira tem um negócio escondido ali com as senhas. Aí ele falou: tá doido! O que é que você tá falando? Eu respondi: é pai, acidentes acontecem. Eu acho que as pessoas vão se tocando... um moleque novo pensando nisso... não tem filho, não tem nada e já está fazendo testamento?”*

Outro termo que se destaca na classe 1 é “ligar”. Aqui, a palavra tem sentido mais literal, relacionado à forma de comunicação com pessoas que estão fora da plataforma, como familiares, seja em momentos em que se deram acidentes, seja no dia a dia. Destaca-se que a comunicação só deve ocorrer em situações que os participantes consideraram necessárias. *“Eu falei com a minha esposa para me ligar apenas se acontecesse algo que saiu totalmente do controle, caso contrário sou eu quem vou ligar sempre.* Outro participante relata: *“Quando você embarca, eu pelo menos*

usava essa metodologia mental, eu suspendia tudo e estava só ali. Tanto é que minha esposa não ligava para mim. Eu dizia: não liga para mim, só se alguém morrer ou se alguém for ser internado.”

Outras palavras que se destacam nesta classe são “conhecer”, “trabalhar e “imaginar”. Tais termos são usados pelos participantes no sentido de uma familiaridade com a rotina (e com os riscos) por parte deles, e de desconhecimento por parte de quem não tem essa experiência de trabalho. “... *elas devem achar que estou sob risco a todo momento, e por não conhecerem exatamente os perigos que envolvem uma plataforma e os riscos aos quais estou envolvido, elas acham que pode ser bem mais perigoso, bem mais arriscado*”. Uma das participantes do sexo feminino ainda relata a preocupação das pessoas em relação a sua rotina de trabalho e a incompreensão, segundo ela, com a sua escolha: “...*me questionam como eu posso trabalhar embarcada. Falam que eu tenho que sair... tenho que trabalhar em terra... enfim, eles enxergam um risco maior do que eu de fato vivencio no meu trabalho*”

Wachelke (2007), citando Valsiner (2003), faz referência a relação entre processo da representação social e à construção de signos, sendo que “para lidar com um futuro imediato desconhecido, delimitando sua incerteza, as representações sociais transformam o futuro em passado” (p.381). É o que parece acontecer quando os participantes minimizam os riscos expostos. No entanto, a dicotomia presente nas representações sociais desse grupo permite também que essas mesmas palavras sejam usadas para reforçar a identidade de trabalhador offshore ao destacar os riscos que estão expostos, e invariavelmente atuar justificando os benefícios diferenciados que recebem, e que são melhor descritos na classe 2, como relata um dos trabalhadores: “... *mas quem não tem ideia fica assustado, não imaginava que era assim, falam que pra eles era um trabalho comum, não sabia que eu tinha que andar com um cilindro de oxigênio de 5 quilos, com rádio...*” (Participante 3, homem). Esse ponto, está em consonância com o trabalho de Coutinho et al. (2019), que relatam que muitos trabalhadores aparentemente projetam uma imagem positivamente diferenciada de si mesmo simplesmente por suportarem esse tipo de trabalho, destacando que o

mesmo “é para poucos”, pois muitos não têm estrutura de suportar o confinamento e a rotina estressante das plataformas.” (p.49).

Percebe-se, portanto, um reforçador da função identitária com a palavra *imaginar*, ou seja, a realidade do risco no trabalho offshore é muito diferente daquilo que quem não conhece a realidade pode imaginar. Com isso, esse grupo se coloca como a parte de qualquer outro grupo de trabalhadores, diferenciado. Além disso, ao sermos apresentados a uma rotina diferente das demais, e exposta a riscos muito além dos presentes até em outras áreas profissionais – segundo a visão dos participantes – esses elementos funcionam dentro da função justificadora, e corroboram as atitudes que eles tomam e os benefícios que os diferenciam dos demais trabalhadores. Assim, a classe 1, de forma geral, parece trazer elementos que justificam as vantagens destacadas na classe 2.

As principais ideias contidas na classe 1 são apresentadas no resumo esquemático a seguir (figura 23):

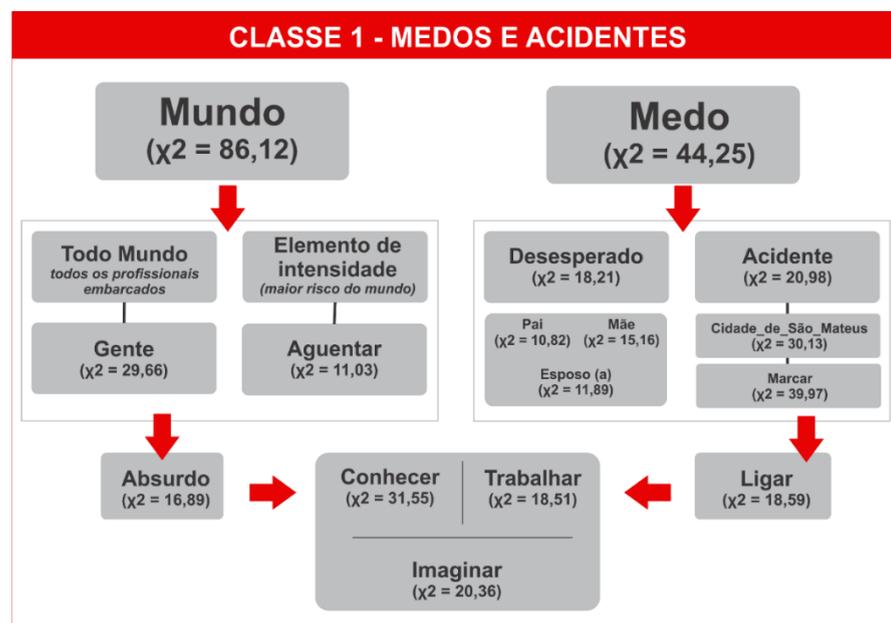


Figura 23 – Resumo dos elementos da Classe 1

Como relatado, além da CHD, também foi realizada a Análise de Especificidades, que também trouxe contribuições para refletirmos sobre os dados encontrados na pesquisa. Evidentemente, algumas variáveis não se mostraram relevantes no contexto da presente pesquisa,

apesar de contrariar as expectativas. Foi o caso do variável sexo. Não foi percebido diferença do conteúdo das RS entre homens e mulheres que trabalham embarcados em relação ao objeto “risco”. Contudo, não se pode desconsiderar o número limitado de participantes do sexo feminino em comparação ao masculino, o que já foi evidenciado em outros estudos como o de Coutinho et al. (2019).

A variável “Escolaridade” apresenta termos que diferenciam, em alguns aspectos, os profissionais com nível técnico dos com superior completo. A palavra “gente”, que é muito marcante em todo o *corpus* como um elemento de identidade do profissional offshore, aparece mais relacionada aos profissionais de nível técnico, assim como as palavras “falar”, “entender” e “tempo”, essa última fazendo referência aos períodos de descanso e também ao tempo de experiência offshore. Entre os profissionais de nível superior, percebe-se maior aderência aos termos mais técnicos e relacionados aos aspectos de execução do trabalho, como “risco”, “atividade”, “tarefa”, “serviço” e “operacional”.

A palavra “gente”, apesar de estar mais associada aos trabalhadores com escolaridade técnica, aparece em todo o corpus como significativa da identidade do trabalhador *offshore*. O trabalhador, ao responder uma pergunta feita a ele com o pronome “a gente”, assume que aquilo que será dito é o mesmo que pensam os outros trabalhadores dentro do mesmo grupo. Contudo, não se pode ignorar que o fato dos indivíduos de nível técnico terem esse vocábulo com qui-quadrado mais associado permite inferir que essa identidade se faz mais marcante e influencia as tomadas de decisão desses profissionais de forma mais significativa do que em relação aos profissionais com nível superior.

A palavra tempo, no que diz respeito a experiência profissional, sugere uma legitimação por parte do profissional sem a qualificação superior, mas que tem conhecimento prático, e isso o autoriza a responder com maior propriedade que profissionais que tenham nível superior, mas que ainda não se “graduaram” na experiência de trabalhador *offshore*. Esse aspecto, denota o quanto o

saber prático é relevante para esse público. Tão relevante que é um fator que traz orgulho ao profissional e confere credibilidade à sua opinião, por vezes maior que a de um profissional mais graduado, mas menos experiente. *“Quando eu cheguei na plataforma eu já tinha visto vazamentos de gás. Na metalúrgica, na usina onde eu trabalhava. Só que é aquilo, você tem pra onde correr, você tem o equipamento, entendeu? Você consegue fugir, se afastar. Depois de algum tempo que você trabalha na área offshore, mesmo estando em área aberta, no meio do oceano, com ventilação e tudo, você percebe que não tem pra onde fugir.”*. Nesse relato, percebe-se ainda que o trabalhador tinha uma experiência profissional anterior, mas que na verdade não contava ali, o que só pode ser percebido após o tempo de experiência *offshore*.

A variável “Idade” apresenta a palavra “achar”, que expressa a opinião dos participantes, mais associada ao público com idade até 34 anos, o que corrobora a interpretação da classe 3 no qual apresentou-se o público mais jovem como mais crítico em relação às questões operacionais. Essa criticidade pode estar relacionada a uma exposição mais recente desse grupo de indivíduos ao saber formal, o que se contrapõe por diversas vezes àquilo que esse trabalhador encontra na prática, ou seja, práticas adaptadas a partir daquilo que é tido como norma. Estão também associadas a esse público as palavras “tranquilo”, “acabar”, “certo” e “fazer”. Em relação ao público com 35 anos de idade, ou mais, temos a palavra “trabalhar” e a palavra “nome_da_empresa”³⁰ associadas e muito utilizadas num mesmo segmento de texto. Isso demonstra uma relação com a companhia diferente dos mais jovens. A palavra “mundo” também está associada a esse público, e aparece em dois principais contextos: no sentido de intensidade – como já apresentado na classe 2 - e no sentido de se referir ao público offshore como um todo. Na análise da variável “idade”, a primeira palavra mais associada é “offshore” ($\chi^2 = 11,12$; $N = 53$). Contudo, percebeu-se alta associação com apenas

³⁰ O nome da empresa onde trabalham os entrevistados foi omitido por questões de sigilo.

um participante, e por isso resolveu-se desconsiderar esse termo nessa análise.

Jodelet e Moscovici consideram que os estudos em RS devem sempre considerar o ambiente e a contextualização no qual estão inseridas (Sá, 1998). Quando consideramos a heterogeneidade de público encontrada nas plataformas de petróleo – geridas por diferentes unidades, com diferente tempo de operação e em locais diferentes, é possível inferir que existe diversas representações, podendo ou não ser compartilhadas. Por isso, é importante destacar que quando se fala de representações sociais deve-se situá-las no meio onde se inserem (Wachelke 2007). O Plano fatorial da figura 24 mostra a oposição do campo semântico entre o conteúdo produzido pelos participantes separado por plataforma. Essa análise nos permite visualizar inicialmente que as plataformas de maior proximidade são originárias de uma mesma gestão e com tempo de operação semelhante, e, portanto, compartilham algumas crenças. Mas isso não é uma regra, como acontece por exemplo entre a P-1 e a P-2, que são plataformas com idades próximas e mesma gestão. Convém observar que o esforço dessa pesquisa é de se debruçar sobre os aspectos representacionais comuns a essas 5 plataformas, mas não se deve deixar de considerar que é provável que haja elementos diferentes entre elas, com estruturas de representação próprias, tamanha a complexidade da atividade de exploração e produção de petróleo offshore.

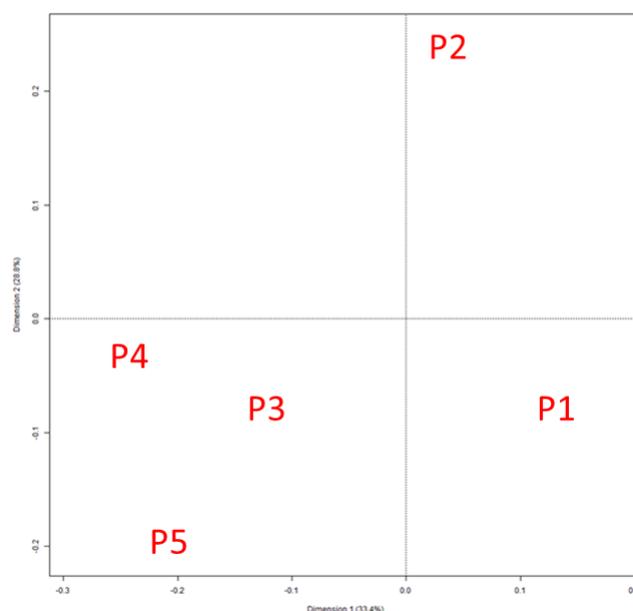


Figura 24 – Plano Fatorial – Plataformas

Observa-se nos dados analisados que ambiguidades e contradições são encontradas o tempo todo nos discursos dos entrevistados. Por exemplo: ora afirmam que os procedimentos devem ser seguidos de forma inquestionável, ora dizem que, pela experiência, é possível ignorar alguns que não apresentam riscos, sendo que haviam afirmado anteriormente que o risco está sempre presente.

~~Importante destacar que as ambiguidades são características marcantes das RS, até porque é o mesmo que é vivenciado na vida cotidiana.~~

Outro ponto a ser destacado é que “as pessoas”, no contexto do trabalho, offshore aparecem como um elemento dicotômico: ora são o fator de estabilidade e segurança (laços de amizade, pessoas que interveem quando estão fazendo um procedimento errado, rotas de fuga coletivas), ora são fonte de preocupação e medo (erros dos outros podem atingir quem não tem nada a ver, pressão no trabalho para realizar procedimentos, espécie de “heroísmo” em querer resolver qualquer situação na mesma hora). Em relação ao fator de preocupação, destaca-se que muitas vezes “o risco é coletivo: numa indústria química um escapamento de gás pode provocar a intoxicação ou morte de vários trabalhadores” (Dejours, 1988, p.64), sendo comum neste tipo de acidente. Dejours (1988) observa ainda que mesmo quando o risco é personalizado, ou seja, quando diz respeito, a princípio, apenas à integridade física do próprio trabalhador, ainda assim algumas situações podem provocar lesões a outros colegas, como por exemplo caso um operador tropece, é possível que derrube uma peça e essa venha a atingir outro operário. O medo, portanto, está presente no cotidiano desse trabalhador. Para lidar com essa constância do medo, que no final de tudo sempre é assumido individualmente, os trabalhadores elaboram elementos de defesa (Dejours, 1988). “Quando são muito eficazes, praticamente não se encontra mais nenhum traço de medo no discurso do trabalhador.” (Dejours, 1988, p.65). É o que parece acontecer entre os profissionais entrevistados.

A palavra “risco” quando evocada durante a entrevista suscita nos participantes elementos aderentes ao universo reificado/conceitual. Contudo, isso não parece ser sentido como permanente ameaça, e sim como se estivessem reproduzindo um discurso formal. Por outro lado, percebe-se

que outros elementos mais concretos/próximos a esse público também são evocados, como por exemplo “acidentes”, “medo”, “sacrifício”, entre outros. Essas ameaças parecem ser minimizadas e estabilizadas por estarem ancoradas na familiaridade com o ambiente offshore, onde o convívio ininterrupto por 14 dias impulsiona a criação de laços de familiaridade com as pessoas e com o próprio ambiente de trabalho. O processo de ancoragem proporciona ao profissional offshore unir seus próprios valores ao objeto representado, estabelecendo uma classificação de acordo com a relação do objeto com o meio social estabelecido. (Trindade, Santos & Almeida, 2011).

- **Tentando integrar os resultados: articulação entre os diferentes saberes e níveis da realidade no trabalho offshore**

Os resultados dessa pesquisa evidenciaram interação entre elementos do universo científico e do universo consensual no que se refere ao contexto do trabalho offshore. Buscou-se referências na literatura que pudessem demonstrar resultados similares 1, e auxiliar na explicação dessa particularidade. Uma pesquisa no campo da saúde trouxe grandes contribuições neste sentido. do texto de Denize Cristina de Oliveira (2011) “A Teoria das Representações Sociais como grade de leitura da saúde e da doença: a constituição de um campo interdisciplinar. No trabalho, a autora discorre sobre a utilização da TRS como embasamento teórico no campo da saúde, e nos mostra que ao perceber o processo saúde-doença se faz necessário “a consideração dos três níveis nos quais a realidade é operada pelos sujeitos e grupos sociais, a saber: o plano real, o plano simbólico e o idealizado.” (Oliveira, 2011, p.612).

O universo real, segundo ela, diz respeito a situações concretas vivenciadas pelos grupos e indivíduos de onde parte a construção das representações (Oliveira, 2011); no caso da presente pesquisa poderia ser considerado como exemplo desse universo as técnicas e procedimentos exigidos para execução dos trabalhos na plataforma. O universo simbólico refere-se à ressignificação das situações concretas e, por consequência, na reprodução das práticas cotidianas

(Oliveira, 2011), aqui condizendo com a adaptação das regras de execução de determinado serviço/função em termos práticos pelos operadores de uma plataforma. O universo idealizado diz respeito “a um plano de julgamento qualitativo ideal efetuado pelos sujeitos sobre seu cotidiano” (Oliveira, 2011, p.612), que, no caso em foco neste estudo pode ser comparado a uma perfeita fusão entre os conhecimentos práticos advindos da experiência dos operadores com as normas procedimentais preconizadas pela empresa. O produto da análise desses três planos da realidade proporciona a formação de um outro plano chamado de “universo possível”, onde são operadas as transformações das práticas, guiadas pelas representações. (Oliveira, 2011). Essa realidade possível conduz a um universo reconstruído e negociado, sendo que dessa negociação alguns aspectos do universo real (traduzidos pelo saber científico) são aceitos e legitimados pela prática do grupo (Oliveira, 2011).

O que torna funcional o conceito da TRS é justamente o mesmo ser caracterizado como fenômeno, o que permite que as ideias e conceitos, tanto do universo reificado quando do universo consensual, transitem e circulem, ao passo que, em paralelo, a sua apropriação na pesquisa proporcione a delimitação do produto dessas ideias para as práticas populares e científicas (Oliveira, 2011). “Portanto, a clássica divisão proposta por Moscovici, de existência de dois universos de pensamento – o reificado e o consensual – [...] parece não permitir o esclarecimento da teia de relações simbólicas que se desenvolve no campo da saúde, no âmbito dos saberes profissionais” científicos (Oliveira, 2011, p. 614).

Moscovici (2015) afirma que o universo consensual se realiza nas conversas informais, na rotina comum, nas relações espontâneas e conhecimentos do senso comum, enquanto o reificado se estabelece com o rigor das normas e hierarquias, corroborado pelos especialistas que atuam como detentores do conhecimento. Partindo dessa premissa, Oliveira (2011) explica que

“A proposição de existência de um diverso campo de constituição de representações, não mais oposto ao

conhecimento científico, mas que o incorpora e transforma, a partir de um processo de ancoragem no senso comum, constituído na história de vida dos profissionais, parece aí encontrar espaço fecundo. Esse saber prático, construído pelos profissionais de saúde, é de tipo híbrido, apoiado, ao mesmo tempo, nas representações comuns por eles constituídas ao longo da sua história de vida e, ao mesmo tempo, um conhecimento reificado fragmentado, em conteúdos que podem ser utilizados na resolução de problemas cotidianos, de tipo menos rígido do que o conhecimento reificado e com maior capacidade de adaptação às exigências do cotidiano profissional. (p.614)

Apesar de reconhecer que o campo da pesquisa de Oliveira (2011) considerou profissionais da área de saúde, pode-se fazer um paralelo com o público de trabalhadores embarcados, pois, guardadas as especificidades, tratam-se igualmente de profissionais que para o exercício de suas tarefas cotidianas recorrem frequentemente aos saberes científicos por mais que posteriormente esses sejam adaptados. Os profissionais têm um saber técnico que determina como eles devem agir. Contudo, mesmo tendo essas orientações técnicas, eles fazem adaptações em relação ao que está determinado. Portanto, temos nesse campo de trabalho uma relação unificada entre o saber científico e de senso comum, ou seja, em alguns momentos não se sabe o que é oriundo exatamente do saber científico e do senso comum.

O caso do exemplo do leão, citado na análise, gera uma reflexão com o seguinte ponto abordado por Moscovici (2015):

O senso comum está continuamente sendo criado e re-criado em nossas sociedades, especialmente onde o conhecimento

científico e tecnológico está popularizado. Seu conteúdo, as imagens simbólicas derivadas da ciência em que ele está baseado e que, enraizadas no olho da mente, conformam a linguagem e o comportamento usual, estão sendo constantemente retocadas. No processo, a estocagem de representações sociais, sem a qual a sociedade não pode se comunicar ou se relacionar e definir a realidade é realimentada. Ainda mais: essas representações adquirem uma autoridade ainda maior, na medida em que recebemos mais e mais material através de sua mediação – analogias, descrições implícitas e explicações dos fenômenos (...). Em outras palavras, o senso comum não circula mais de baixo pra cima, mas de cima pra baixo; ele não é mais o ponto de partida, mas o ponto de chegada. A continuidade que os filósofos estipulam entre senso comum e ciência, ainda existe, mas não é o que costumava ser. (p.95)

Tem-se aqui um exemplo de um conhecimento científico transmitido por uma metáfora dentro do saber científico (talvez uma metáfora utilizada por algum livro ou popularizada nos cursos sobre segurança - nenhum entrevistado soube responder ao certo a origem) que chegou até o senso comum, tornando-se apropriada. Vê-se, assim, que

também o conhecimento técnico-profissional exerce a mesma função de vulgarização da ciência, no que se refere ao senso comum; mas também se vale dessas representações para a constituição de seu arsenal de proposições teóricas e também vivenciais, que entram em jogo no desenrolar das práticas

profissionais cotidianas. (Oliveira, 2011, p. 615).

Sobre isso, vale destacar a consonância com o estudo de Moraes, Chamon et al. (2009) com base na TRS tendo por objeto também o “risco”, que ressaltam que “o conhecimento socialmente elaborado a respeito do risco leva o indivíduo a formar sua própria representação desse objeto, ora se contrapondo aos manuais e concordando com o senso comum, ora se contrapondo ao senso comum e concordando com os manuais” (p.89)

7. Considerações Finais

A presente pesquisa não teve a pretensão de esgotar todas as possibilidades de análise no que se refere as RS de risco para o trabalhador *offshore*. Isso por alguns motivos conhecidos, tais como: a característica de dinamicidade das RS; as características próprias de uma pesquisa qualitativa em profundidade, que lida com um número menor de pessoas; a diversidade cultural que caracteriza as organizações de exploração e produção de petróleo, que conseqüentemente, produzem uma variação de culturas em cada plataforma; a própria limitação de acesso as RS, por meio do discurso dos entrevistados, bem como as suas práticas cotidianas, entre outras. Como diz Jodelet (1984), “as representações são determinadas pelas práticas, mas essas não são exclusivamente discursivas” (conforme citada por Sá, 1998, p.74).

Importante destacar que os elementos representacionais do risco para os profissionais *offshore* ora dizem respeito mais ao plano prático (onde aplicam-se os conhecimentos científicos), ora referem-se mais a planos mais teóricos, que são utilizados na prática. Os profissionais têm conhecimento formal do que é risco, mas no dia a dia, por mais que eles tenham uma orientação formal, acabam construindo teorizações a partir desse conhecimento formal para facilitar a relação com o trabalho e com a realidade, num processo permanente de reconstrução.

Percebeu-se, ao longo da análise, que o universo do trabalho *offshore* impõe uma diversidade de elementos/objetos que não seria possível abarcar nessa pesquisa embora estejam de alguma forma relacionados. Objetos como: família, filhos, medo, casamento, saúde, amizade, entre outros, poderiam perfeitamente servir de inspiração para outros estudos com esse público. Além disso, espera-se que essa pesquisa possa servir de base para outros estudos semelhantes ou aprofundamentos, como por exemplo pesquisas quantitativas com uma amostra representativa, que possibilite aprofundamento de algumas das questões levantadas ao longo dessa análise.

Apesar de expressar um óbvio viés, é fundamental o registro da vivência do embarque na plataforma, do voo de helicóptero e do treinamento HUET para melhor compreensão do que foi relatado pelos participantes. Além disso, as próprias conversas se deram em contexto tão empático que proporcionaram, por si só, uma imersão na realidade desses trabalhadores. Espera-se que tenha sido possível transmitir ao leitor minimamente essas vivências.

Vale ainda ressaltar a valiosa contribuição do *software* Iramuteq. Essa ferramenta possibilitou que diversos *insights* surgissem, contribuindo para o enriquecimento da discussão. Essas ideias, caso o material fosse analisado apenas com a leitura flutuante (mesmo que se utilizando de metodologias de análise), talvez demorassem demasiado tempo para se fazerem claras ao pesquisador, o que no contexto do prazo de uma dissertação de mestrado provavelmente seria mais difícil de serem consideradas.

Percebeu-se um grande número de contradições e ambiguidades nos discursos dos participantes em relação ao risco e ao próprio trabalho, como por exemplo: na presença de distanciamento emocional em alguns momentos e de envolvimento em outros; na percepção do coletivo ora como proteção ora como ameaça; no cumprimento das tarefas sempre ou nem sempre de acordo com os procedimentos; entre outros. Dada a relevância dessa questão, sugere-se a elaboração de novos estudos que a aprofundem. Acredita-se que essas ambiguidades aparecem de forma frequente nos resultados pois é exatamente o que se vê na própria realidade, na vida cotidiana: um emaranhado de ambiguidades, contradições e opiniões. E as RS tratam exatamente disso ser contraditório é tão presente na vida cotidiana que bem cantou Raul Seixas: *“Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante. Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo. Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes. Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante. Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.”*

8. Referências

- Abric, J. C. (1998). *A abordagem estrutural das representações sociais*. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Eds.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: AB.
- Alberton, A. (1996). *Uma Metodologia para Auxiliar no Gerenciamento de Riscos e na Seleção de Alternativas de Investimentos em Segurança*. (Dissertação de Mestrado) UFSC. Florianópolis, SC.
- Albuquerque, E. M. (2009). *Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas*. (Dissertação de Mestrado). Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 99p.
- Almeida, A. M. de (2005). *Pesquisa em representações sociais: proposições teórico- metodológicas*. In M. F. S. Santos & L. M. Almeida (Orgs.). *Diálogos com a teoria das representações sociais*. Alagoas: UFAL/UFPE.
- Almeida, A. M. O, Santos, M. F. S., Trindade, Z. A. (2014). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. Brasília. Technopolitik, - 2ªEd
- Ando, H., Cousins, R., & Young, C. (2014). *Achieving saturation in thematic analysis: development and refinement of a codebook*. *Comprehensive Psychology*, 3, 4.
- Arruda, A. (2009). *Teoria das representações sociais e ciências sociais: trânsito e atravessamentos*. *Sociedade e Estado*, v 24, n 3, p. 739-766.
- Benite, A. G. (2004). *Sistema de gestão de segurança e saúde no trabalho para empresas construtoras*. Dissertação de Mestrado, Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. 221p
- Bernardo, M. H. (2001). *Riscos na Usina Química: Os Acidentes nas Representações dos Trabalhadores*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP.

- Bernstein, P. L. (1997) *Desafio aos Deuses: A Fascinante História do Risco*. 23ª Ed. Editora Campus.
- Bird Jr., Frank E. *Management guide to loss control*. Atlanta: Institute Press, 1974.
- Brito, D. C. & Barp, W. J. (2008). *Ambivalência e Medo: faces dos riscos na Modernidade*. Sociologias, Porto Alegre, ano 10, nº 20, jul/dez., pp. 20-47.
- Camargo, B. V. (2005). *ALCESTE: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais*. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuino, & S. M. Nóbrega (Eds.), *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 511-539). João Pessoa, PB: Editora da Universidade Federal da Paraíba.
- Camargo, B. V. & Justo, A. M. (2013a). *IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais*. *Temas em Psicologia – Vol. 21, nº 2*, pp. 513-518.
- Camargo, B. V. & Justo, A. M. (2013b). *Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ*. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>
- Carugati, F.; Selleri, P., & Scappini, E. (1994). *Are social representations an architecture of cognitions? A tentative model for extending the dialogue*. *Papers on Social Representations*, 3, 132-150.
- Carvalho, M.M. (2010). *Vida e trabalho de marítimos embarcados do setor offshore*. (Dissertação de Mestrado). Escola Nacional de Saúde Pública/ENSP. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Carvalho, K. M. P. & Chamon, E. M. Q. O., (2012). *Representação social do risco: um estudo na indústria siderúrgica*. *Psicologia e Saber Social*, 1(1), 140-148.
- Chamon, E. M. Q. O., Guareschi, P.A., Campos, P.H.F. (2014) *Textos e debates em RS*. Porto Alegre: ABRAPSO
- Chamon, E. M. Q. O., Moraes, P. M. (2011). *A representação social do risco em atividades potencialmente perigosas*. *Temas em Psicologia*, 19(1), 243-252.

- Chaves, A. M. & Silva, P. L. (2011). *Representações sociais*. In L. Camino, A. R. R. Torres, M. E. O. Lima e M. E. Pereira. *Psicologia Social: temas e teorias*. Brasília: TechnoPolitik, 299-349.
- Coutinho, S. M. S. (2008). *"A dona de tudo": o que é ser mulher, mãe e esposa de acordo com as representações sociais de mulheres de duas gerações*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFES, Vitória.
- Coutinho, S. M. S., & Menandro, P. R. M. (2009). *A dona de tudo: um estudo intergeracional sobre representações sociais de mãe e esposa*. Vitória, ES: GM Editora.
- Coutinho, S. M. S., Menandro, P. R. M., Moreira, A. C. C. T (2019). *Representações Sociais de Trabalho Offshore para Trabalhadores Embarcados e Implicações na Vida Familiar e Social*. PSI UNISC, Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 1, jan./jun. 2019, p.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (3ªed). Porto Alegre: Artmed, 296 p.
- Dancey, C.P., Reidy, J. (2013). *Estatística sem Matemática para Psicologia*. 5 ed. Porto Alegre; Penso.
- Daniels, A. C. (2015). *What is Behavior-Based Safety? A look at the history and its connection to science*. PM eZine. Recuperado de: <<http://aubreydaniels.com/pmezine/what-behavior-based-safety-look-history-and-its-connection-science>>.
- De Cicco, F. Fantazzini, M. L. (1977). *A engenharia de prevenção de perdas (segurança de sistemas)*. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, São Paulo, v.5, n.17, p. 23-29, jan. / fev. / mar., 1977.
- De Cicco, F. Fantazzini, M. L. (2003) *Tecnologias consagradas de gestão de riscos: riscos e probabilidades*. São Paulo: Séries Risk Management.
- Dejours, Christophe. (1988). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Dias, J. L. M. & Quaglino, M. A. (1993) *A questão do petróleo no Brasil: uma história da PETROBRAS*. Rio de Janeiro: CPDOC: PETROBRAS, 211p.
- Doise, W. (2010). *O retorno da sociedade à psicologia social*. In: Simpósio gênero e psicologia social.

Brasília: UNB.

- Dupont (2005). *Apostila de sensibilização de segurança, meio ambiente e saúde para empreendimentos*. São Paulo, DSR.
- Fagundes, B. (2009) *A teoria das representações sociais nos estudos ambientais*. RA´E GA, Curitiba, n. 17, p. 129-137.
- Farr, R. (1998) *As raízes da moderna psicologia social*. Petrópolis : Vozes.
- Feijoo, A. M. L.C. (2010) *A pesquisa e a estatística na psicologia e na educação* [online]. Rio de Janeiro, Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 109p. ISBN: 978-85-7982-048-9.
- Freitas, C. M., Souza, C. A. V., Machado, J. M. H., & Porto, M. F. S. (2001). *Acidentes de trabalho em plataformas de petróleo da Bacia de Campos*, Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 17(1), 117-130.
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. 3ed. Porto Alegre: Artmed.
- Frangos, S.A. (2018). *Avaliação médica e liberação para treinamento em escape de helicópteros submersos*. Conferência Pan-americana de Saúde do Trabalhador e Ambiental. Pp.25-26. DOI: 10.5327/Z16794435201816S1013
- Giddens, A. (1997). *Risco, Confiança, Reflexividade*. In A. Giddens, U. Beck & S. LASH. *Modernização Reflexiva* (pp. 219- 234). São Paulo: UNESP.
- Gondim, S. M. G & Bendassolli, P. F. (2014). *Uma crítica da utilização da análise de conteúdo qualitativa em psicologia*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 19, abr./jun., n.2, pp. 191-199
- Guareschi, P. (2000). *Representações Sociais e Ideologia: Revista de Ciências Humanas*. Edição Especial. P. 33-46
- Harres, D. A. (2015). *Segurança Comportamental: ferramentas para apoio à gestão de segurança operacional da PETROBRAS na Unidade de Operações de Exploração e Produção do Espírito Santo*. (Projeto Empresarial apresentado ao Curso Executive Master in Business Administration) Fundação Dom Cabral – Nova Lima – MG

- Harres, D. A., Mariano, I. A. R., Sant Ana, T. D., Deodoro, B. A., Fonseca Junior, D. L., Ferreira, J. P., & Faria, A. A. (2018). *HSE Enhancements in Campos Basin. Offshore Technology Conference*. doi:10.4043/28713-MS
- Jodelet, D. (1984). *Représentation Sociale: phénomènes, concept et théorie*. In S. Moscovici (Org.). *Psychologie Sociale*. Paris: PUF, 357-378.
- Jodelet, D. (2001). *Representações sociais: Um domínio em expansão*. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais*. pp. 17-44. Rio de Janeiro, Ed. UERJ.
- Jodelet, D. (2001). *Representações sociais: Um domínio em expansão*. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais*. pp. 17-44. Rio de Janeiro, Ed. UERJ.
- Jodelet, D. (2005). *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Knauth DR, Leal OF. (2012) *Riscos em alto mar: concepções e práticas sobre segurança no trabalho offshore*. *Revista de Ciências Sociais*, n. 37, Outubro de 2012 - pp. 115-127
- Krüger, I. (2014) *Análise comparativa de Auditorias Comportamentais em uma planta petroquímica entre os anos de 2012 e 2013*. (Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho) Universidade Tecnológica Federal do Paraná, PR.
- Leite, A. S. L. (2015). *Percepções de segurança do trabalho em diferentes níveis hierárquicos – estudo de caso*. (Dissertação de Mestrado) Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal Fluminense, RJ.
- Leite, R. M. S. C. (2009). *Vida e trabalho na indústria de petróleo em alto mar na Bacia de Campos*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(6), 2181-2189.
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis: Vozes.
- Martins, S. M. R. (2006). *O trabalho offshore: um estudo sobre as repercussões do confinamento nos trabalhadores das plataformas de petróleo na Bacia de Campos*. RJ (Dissertação de Mestrado) UENF, Campos dos Goytacazes.
- Migueles, C. P.; Lafraia, J. R. B.; & Souza, G. C. DE. *Criando o hábito da excelência: compreendendo*

- a força da cultura na formação da excelência em SMS*. Rio de Janeiro: Qualitymark Edit., 2006
- Moraes, P. M. (2007). *As Representações Sociais de Funcionários sobre o Risco em uma Refinaria de Petróleo*. (Dissertação de Mestrado), Departamento de Economia, Contabilidade e Administração de Empresas, Universidade de Taubaté, Taubaté.
- Moraes, P. M.; Chamon, E. M. Q. O. & Chamon, M. A. (2006). *Risco: um estudo em Representações Sociais*. X Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba
- Moraes, P. M.; Chamon, E. M. Q. O. & Chamon, M. A. (2009). *Viver é muito perigoso: a representação social do risco*. In Chamon, E. M. Q. O. (Org.). *Representação Social e Práticas Organizacionais*. pp. 73-102. Rio de Janeiro, Ed. Brasport.
- Moscovici, S. (2015). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moscovici, S. (2012/1961). *A psicanálise sua imagem e seu público*. Tradução: Sonia Fuhrmann – Petrópolis: Vozes.
- Nascimento, A. R. A., & Menandro, P. R. M. (2006). *Análise lexical e análise de conteúdo: Uma proposta de utilização conjugada*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 6(2), 72-88.
- Oliveira, D. C. (2011). *A Teoria das Representações Sociais como grade de leitura da saúde e da doença: a constituição de um campo interdisciplinar*. In A. M. de O. Almeida, M. de F. de S. Santos & Z. A. Trindade (Orgs.). *Teoria das representações sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik.
- Oliveira, J. C. (2003). *Segurança e saúde no trabalho: uma questão mal compreendida*. São Paulo em Perspectiva, 17(2), 03-12. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392003000200002>
- Ortiz Neto, J. B. & Costa, A. J. D. (2007). *A Petrobrás e a exploração de petróleo offshore no Brasil: um approach evolucionário*. Revista Brasileira de Economia, 61(1), 95-109.
- Penna, A.C. (2002). *Relato de pesquisa: a influência do contexto ambiental nos trabalhadores offshore*

de uma plataforma petrolífera. Psicologia: Ciência e Profissão, 22 (1), 112-119.

- Pessanha, R.M. (1994). *O trabalho off-shore – inovação tecnológica, organização do trabalho e qualificação do operador de produção na Bacia de Campos, RJ*. (Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Pontes, L. C. (2008) *Cultura de segurança e suas implicações na prevenção de acidentes do trabalho*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte.
- Portaria GM n.º 3.214, de 08 de junho de 1978. *NR-16 - Atividades e Operações Perigosas*. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego.
- Pucci, S., Barreto, R.A. & Maranhão, I. (2016) *Confinamento em offshore*. 113-121. In: *Horizonte de la Ciencia* 6 (11) diciembre 2016 FE/UNCP. ISSN (Impreso): 2304-4330/ ISSN (En Línea): 2413-936X
- Queiroz, A. B. A. (2002). *O ser mulher e a infertilidade: Um estudo de representações sociais*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro / Escola de Enfermagem Anna Nery. Rio de Janeiro.
- Reinert, M. (1990). *Alceste, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélie de G. de Nerval*. *Bulletin de méthodologie sociologique*. N 28, p. 24-54.
- Rouquette. M. L. (1998). *Representações e práticas sociais*. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Eds.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 39-46). Goiânia: AB.
- Ruppenthal, J. E. (2013) *Gerenciamento de Riscos*. Colégio Técnico Industrial da Universidade Federal de Santa Maria para a Rede e-Tec Brasil. Santa Maria: UFSM/e-Tec.
- Sá, C. P. (1993) *Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria*. In: Spink, M.J. (Org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 19-45.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.

- Salles, D. M. R., & da Costa, I. D. S. A. (2013). *Representações do trabalho: estudo sobre confinamento na indústria petrolífera*. RAE, 53(3), 230+. Recuperado de <http://link-galegroup.ez43.periodicos.capes.gov.br/apps/doc/A433203521/AONE?u=capes&sid=AONE&xid=7688060b>
- Salvagni, J. (2014). *Risco, trabalho e masculinidade. Um estudo sobre os trabalhadores do setor elétrico*. DOI 10.5216/o.v13i2.22089. OPSIS, 13(2), 15-35.
- Sanchez, Z. V. M. & Nappo, S. A. (2002) *Seqüência de drogas consumidas por usuários de crack e fatores interferentes*. In: Revista Saúde Pública, 36(4), p. 420-430.
- Sanders, M.S.; McCormick, E. J. (1993). *Human Error, Accidents, and Safety*. In: Sanders, M.S.; McCormick, E. J. *Human Factors in Engineering and Design*. 7 th ed. New York: McGraw-Hill. chap. 20, p. 655 - 695.
- Santos, M. F. S. A. (2005). *A Teoria das Representações Sociais*. In: Diálogos com a Teoria da Representação Social. Recife, Ed. Universitária da UFPE.
- Sevá, F.A. (1997). *“Combustíveis, Trabalho Social e Risco Técnico: o petróleo e o gás no Norte Fluminense e no Brasil dos anos 1990*. (Relatório de pesquisa de pós-doutorado). Rio de Janeiro (RJ): Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Sevá, F.A. (2000) *“Seguuruu, peão” – Alertas sobre o risco técnico coletivo crescente na indústria petrolífera (Brasil, anos 1990)*. In: Acidentes Industrial Ampliados – Desafios e Perspectivas para o Controle e a Prevenção (C. M. Freitas, M. F. S. Porto & J. M. H. Machado, org
- Silva, J. F. S. (2007) *Análise do processo de redução da precarização nas relações do trabalho flexível na indústria do petróleo*. (Dissertação de Mestrado). UENF, Campos dos Goytacazes.
- Silva Junior, D.I. & Ferreira, M.C. (2007). *Escala para avaliação de estressores ambientais no contexto offshore* (EACOS). Avaliação Psicológica, 6 (2), 139-146.
- Simões ALA, Pereira ADP, Paggeto MTD, Fávero N. (1999) *A Representação social do líder*

construída por enfermeiros. Rev. Min. Enfermagem, Belo Horizonte, v.3, n. 1/ 2, p.68-74

- Trindade, Z. A., Santos, M. de F. de S. & Almeida, A. M. de O. (2014). *Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos*. In A. M. de O. Almeida, M. de F. de S. Santos & Z. A. Trindade (Orgs.). *Teoria das representações sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik.
- Vala, J. (1997). *Representações sociais – para uma psicologia social do pensamento social*. In J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulberakian, pp. 353-384.
- Wachelke, J. F. R., & Camargo, B. V. (2007). *Representações sociais, representações individuais e comportamento*. *Interamerican Journal of Psychology*, 41(3), 379-390.
- Wolter, R. M. C. P. (2014) *Serge Moscovici: um pensador social*. In Almeida, A. M. O, Santos, M. F. S., Trindade, Z. A. (2014). *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. Brasília. Technopolitik, - 2ªEd p. 27-38

9. Apêndices

9.1. APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Estado Civil:

Filhos:

Função exercida na plataforma:

Tempo de experiência de trabalho *offshore*:

Religião/Espiritualidade:

Bloco 1 – Conceitos

- 1). Você gosta de trabalhar embarcado em uma plataforma de petróleo? Por que?
- 2). Qual a principal diferença, na sua opinião, do trabalho embarcado para um trabalho dentro de um escritório, com horário administrativo?
- 3). Se você tivesse que explicar para alguém o que é risco, como falaria? E perigo? Há diferença entre esses termos, em sua opinião?
- 4). Há algum lugar, objeto, equipamento ou situação que definiria pra você o risco?
- 5). Você acha seu trabalho arriscado? Por que?
- 6). Considerando desde o momento em que você sai de casa para embarcar até o último dia de trabalho na plataforma, você acha que está exposto a algum tipo de risco? Se sim, quais?
- 7). Há alguma situação de risco a qual você julga estar mais exposto?
- 8). Na sua opinião, os procedimentos de segurança ajudam ou atrapalham o seu trabalho?
 - 8.1). Você faria alguma alteração nos procedimentos de trabalho seguro por julgar inadequados ou desnecessários?
- 9). Você já sofreu algum acidente no local de trabalho?
 - 9.1). Se sim, isso mudou de alguma forma sua percepção de risco?
- 10). Supondo que não existisse mais regras nem procedimentos de trabalho seguro, trabalharia numa plataforma de petróleo?
- 11). Comparando o seu primeiro dia de trabalho com o dia de hoje: havia alguma situação em que você se sentia exposto ao risco, e atualmente não sente mais?

- 11.1). E o contrário? Havia alguma situação em que você julgava que não havia risco, e com a experiência percebeu que era muito arriscada?
- 12). Na sua opinião, a sua segurança depende mais da empresa ou da sua própria atuação enquanto trabalhador?
- 13). Na sua opinião, as ações de gerenciamento de riscos no seu local de trabalho são suficientes para garantir sua segurança?
- 13.1). Se não, o que poderia ser feito?
- 14). Como você acha que as pessoas que não conhecem a realidade de uma plataforma imaginam o seu trabalho?
- 15). Sua família considera arriscado o seu trabalho numa plataforma de petróleo?
- 16). Você já cogitou parar de trabalhar embarcado? Por que?
- 17). Na sua opinião, há algum fator externo ao seu trabalho que o ajuda a lidar com as dificuldades em sua rotina na plataforma? Se sim, qual/ais?
- 18). Você acha que as lideranças valorizam o conhecimento prático dos trabalhadores operacionais a ponto de usá-los como referência para os demais profissionais?
- 19). O que, na sua opinião, seria mais decisivo em influenciar uma mudança de comportamento do trabalhador *offshore* em relação a percepção de risco no trabalho a bordo?
- 20). Qual acidente em plataforma de petróleo mais marcou você? Por que?
- 21). Como que você acha que o relacionamento com seus colegas e com liderança a bordo influencia na sua percepção de risco?

Bloco 2 – Práticas Cotidianas

- 22). Você fala sobre a questão do risco no trabalho embarcado com seus colegas de trabalho?
- 22.1). Se sim, em quais momentos e com que frequência?
- 23). Você já executou algum serviço/trabalho de uma maneira diferente do que constava numa orientação formal, e considerou essa forma mais adequada?
- 24). Você se considera uma pessoa que tem hábitos seguros, dentro e fora do trabalho? Por que? Quais seriam esses hábitos?
- 25). Caso haja alguma situação que você identifique como insegura durante a realização de uma

tarefa, como você reagiria?

26). Você se sente à vontade para intervir em uma atitude arriscada de um colega de trabalho?

27). Você busca se informar sobre outros acidentes em plataformas de petróleo?

28). Há um filme recente que retrata um acidente com a sonda *Deepwater Horizon*, ocorrido no golfo do México, em 2010. Você assistiu? Se sim, o que achou?

29). O fato de você estar numa plataforma de petróleo altera seus hábitos de sono e alimentação. Como? E qual a diferença de quando você está desembarcado?

30). As campanhas de comunicação sobre segurança de alguma forma te fazem mudar de atitude?

31). Seus colegas costumam realizar os trabalhos sempre da mesma forma ou dependendo da situação podem improvisar?

32). Você enxerga diferença na postura dos profissionais com mais experiência (tempo de trabalho) em relação aos mais novos?

9.2. APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGP)
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “O leão e a jaula: representações sociais do risco para profissionais que trabalham em plataformas de petróleo”. As informações necessárias a sua participação serão explicitadas neste documento que deve ser assinado em duas vias (uma para você, participante, e uma para o pesquisador responsável). Sua participação é inteiramente voluntária. Para sanar quaisquer dúvidas o pesquisador responsável ficará a disposição.

Justificativa e objetivos do projeto: Ao identificar as representações sociais do risco para os trabalhadores em plataformas de petróleo, essa pesquisa se propõe a fornecer insumos para ações de segurança junto a esse público. O objetivo desse estudo é investigar como profissionais que trabalham em regime de confinamento nas plataformas de petróleo em alto mar (trabalho *offshore*) compreendem o risco.

Procedimentos utilizados: Serão realizadas, entrevistas semiestruturadas individuais, cujos pontos principais foram previamente definidos em um Roteiro de Entrevista. As entrevistas serão gravadas em áudio, conforme autorização. As entrevistas serão realizadas em local a combinar, de acordo com a disponibilidade do participante. O tempo médio de entrevista é de 60 minutos.

As questões objetivam, exclusivamente, responder o problema anteriormente colocado. As informações serão utilizadas somente para fins acadêmicos, ficando arquivados e disponíveis ao pesquisador responsável por um período de 10 anos. Fica assegurado ao participante o anonimato, o acesso à entrevista transcrita e ao relatório final da pesquisa.

Nome do participante

Assinatura do participante

Igor de Almeida Rizzo Mariano

(pesquisador responsável)

Riscos, benefícios e aspectos éticos relacionados a pesquisa: A pesquisa apresenta risco mínimo para os participantes, uma vez que o desconforto ou perigo que podem ser experienciados durante sua participação não são maiores do que aquilo que você pode experimentar durante testes físicos ou psicológicos ou em quaisquer outras situações cotidianas. Os riscos mais frequentes que podem ser ocasionados neste tipo de pesquisa são: desconforto ou constrangimento ao responder o conteúdo das perguntas durante a entrevista. Estes riscos podem ser atenuados após a finalização da entrevista por meio de uma escuta de acolhimento pelo próprio pesquisador, ou caso haja necessidade, o participante poderá ser informado sobre a possibilidade de procurar a rede de atendimento psicológico municipal ou a clínica escola de psicologia da UFES.

Não haverá nenhum gasto com sua participação na pesquisa, assim como você não receberá nenhum pagamento com a sua participação. Entretanto, se houver algum gasto relacionado com a sua participação (passagens em transporte coletivo ou similar), você será ressarcido financeiramente. Assim como você pode ter direito a indenização em caso de eventual dano decorrente da pesquisa.

Durante a pesquisa você terá a possibilidade de refletir sobre os riscos inerentes ao trabalho *offshore*. Sua participação também poderá trazer benefícios sociais, considerando as possibilidades de aplicação dos resultados desse estudo.

Quaisquer dúvidas a respeito da entrevista, que possam vir a trazer constrangimento ao entrevistado poderão ser levantadas e sanadas junto ao pesquisador responsável. Esta pesquisa foi elaborada de acordo com as normas da Resolução n 466/2012 (Conselho Nacional de Saúde – CNS, 2012), respeitando também o código de ética profissional do psicólogo do Conselho Federal de Psicologia (CFP).

Pretende-se divulgar e publicar os resultados da pesquisa em periódicos e outros meios de divulgação científica, bem como apresentá-los em eventos científicos, a fim de contribuir com novas análises sobre o tema.

Garantias aos participantes: além das garantias de sigilo e privacidade com os dados que já foram levantadas, fica garantido aos participantes a liberdade da retirada de seu consentimento em qualquer etapa da pesquisa. Os participantes têm o direito a quaisquer informações pertinentes ao projeto e a possibilidade de desistência a qualquer momento. Outra condição que lhe é assegurada é que o TCLE foi redigido em duas vias, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas por você e pelo pesquisador, sendo que uma delas lhe será entregue após assinaturas.

Nome do participante

Assinatura do participante

Igor de Almeida Rizzo Mariano

(pesquisador responsável)

Em caso de dúvidas:

Pesquisador responsável: Igor de Almeida Rizzo Mariano

Telefone: (27) 99734-6878 / E-mail: igorarm@gmail.com

Orientadora: Dr^a. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho.

Em caso de denúncias ou intercorrências:

Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFES- Goiabeiras.

Endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória-ES, CEP: 29.090-075, Campus Goiabeiras.

Telefone: (27)3145-9820

E-mail: cep.ufes@hotmail.com

Declaro estar de acordo com a participação voluntária no estudo “O leão e a jaula: representações sociais do risco para profissionais que trabalham em plataformas de petróleo”. Fui devidamente informado pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Nome do participante

Assinatura do participante

Igor de Almeida Rizzo Mariano
(pesquisador responsável)